L&PM EDITORES



Agatha Christie®

Contos Escolhidos






L&PM EDITORES
Agatha Christie®
A MOÇA DO TREM
UM CONTO

Agatha Christie®

A MOÇA DO TREM

Tradução de Bruno Alexander

UM CONTO

L&PM EDITORES

A moça do trem

Publicado pela primeira vez na *Grand Magazine*, em fevereiro de 1924.

– Então é isso – exclamou George Rowland com pesar, contemplando a imponente fachada encardida do edifício de onde acabava de sair.

Podia-se dizer que representava muito bem o poder do Dinheiro – e o Dinheiro, na figura de William Rowland, tio do mencionado George, havia manifestado sua opinião com toda a franqueza. Em apenas dez minutos, George, "a menina dos olhos" do tio, herdeiro de sua fortuna e com uma promissora carreira empresarial pela frente, tornara-se, subitamente, mais um na vasta legião de desempregados.

"E com esta roupa, não tenho nem como pedir esmola", refletiu o sr. Rowland, desanimado. "E para escrever e vender poemas de porta em porta por uma ninharia ('dê o quanto quiser, madame') eu simplesmente não tenho jeito."

George realmente simbolizava um autêntico triunfo da arte da alfaiataria. Estava maravilhosamente bem-vestido. Salomão, com seus lírios do campo, não chegava nem perto. Mas nem só de roupa vive o homem – a menos que tenha considerável experiência na referida arte –, e George sabia muito bem disso.

"E tudo por causa daquela maldita festa de ontem à noite", pensou, com tristeza.

A “maldita festa de ontem à noite” havia sido no Covent Garden Ball. O sr. Rowland voltara bastante tarde da noite – já de manhã cedo – e nem se lembrava de ter voltado. Rogers, o mordomo do tio, era um sujeito muito prestativo e poderia, sem dúvida, dar mais informações sobre o assunto. Uma dor de cabeça excruciante, uma xícara de chá bem forte e a chegada ao escritório quase ao meio-dia (o expediente começava às nove e meia) precipitaram a catástrofe. O tio, que há vinte e quatro anos vinha tolerando e bancando tudo, como cumpre a um parente cuidadoso, de repente deixou o cuidado de lado e revelou-se sob uma luz totalmente nova. O descabimento das respostas de George (a cabeça do rapaz continuava se abrindo e fechando, como um instrumento de tortura da Inquisição) deixou-o ainda mais possesso. William Rowland era extremamente direto. Com algumas poucas palavras bem escolhidas, mandou o sobrinho para o olho da rua e voltou a se concentrar no estudo de uns campos de petróleo no Peru.

George Rowland sacudiu dos pés a poeira do escritório do tio e saiu caminhando pelo bairro financeiro de Londres. George tinha espírito prático. Um bom almoço, considerou, seria essencial para analisar a situação. Foi o que ele fez. Depois, tomou o caminho da mansão da família. Rogers abriu a porta. Não manifestou a menor surpresa, experiente que era, ao ver George àquela hora inusitada.

– Boa tarde, Rogers. Poderia arrumar minhas malas? Estou indo embora daqui.

– Pois não, senhor. Para uma viagem rápida?

– Não, Rogers. Para sempre. Vou para as colônias esta tarde.

– É mesmo?

– Sim. Quer dizer, se houver um navio que parta hoje. Sabe alguma coisa sobre os navios, Rogers?

– Que colônia o senhor está pensando em visitar?

– Não estou pensando em nenhuma específica. Qualquer uma serve. Digamos Austrália. O que acha da ideia, Rogers?

Rogers tossiu discretamente.

– Bem, senhor, ouvi dizer que lá existe bastante oportunidade para quem quer trabalhar.

O sr. Rowland encarou-o com interesse e admiração.

– Excelente resposta, Rogers. Foi exatamente o que pensei. De qualquer maneira, não vou para a Austrália. Não hoje. Vá pegar o guia ferroviário, por favor. Vamos escolher um lugar mais próximo.

Rogers trouxe o volume pedido. George abriu-o ao acaso e folheou rapidamente as páginas.

– Perth... também fica longe... Putney Bridge... perto demais. Ramsgate? Acho que não. Reigate também me interessa. Mas que coisa extraordinária! Existe um lugar chamado Rowland’s Castle. Já ouviu falar, Rogers?

– Acho que se vai para lá da estação de Waterloo, senhor.

– Você é um fenômeno, Rogers. Sabe tudo. Muito bem, Rowland’s Castle! Como é que será?

– Acho que não deve ser grande coisa, senhor.

– Melhor ainda. Haverá menos concorrência. Esses lugarejos tranquilos do interior conservam muito do velho espírito feudal. O último Rowland autêntico certamente será recebido com toda a pompa. Não me admiro se for nomeado prefeito em uma semana de estadia.

Fechou o guia ferroviário com um estrondo.

– A sorte está lançada. Por favor, me arrume uma mala pequena, Rogers. Envie também meus cumprimentos à cozinheira e veja se ela me empresta o gato por um tempo. Estilo Dick Whittington, sabe? Para se tornar prefeito, é fundamental ter um gato.

– Sinto muito, senhor, mas o gato não está disponível no momento.

– Como assim?

– Teve oito filhotes esta manhã.

– Não me diga! Pensei que o nome dele fosse Peter.

– E é. Foi uma grande surpresa para todos nós.

– Um caso de batizado desatento e sexo enganador, não? Bom, terei de ir sem gato mesmo, então. Vá arrumar a mala, por favor.

– Pois não, senhor.

Rogers hesitou e, por fim, adiantou-se um pouco para dentro da sala.

– Desculpe-me a liberdade, mas, se eu fosse o senhor, não levaria muito a sério nada do que o sr. Rowland disse hoje de manhã. Ontem à noite ele foi a um desses jantares de cerimônia e...

– Não precisa dizer mais nada – cortou George. – Já entendi.

– E sendo propenso à gota...

– Eu sei, eu sei. Deve ter sido uma noite extenuante para você, não, Rogers? Tendo que aturar nós dois. Mas já revolvi me tornar famoso em Rowland's Castle... o berço da minha dinastia... ficaria bem num discurso, não acha? Um telegrama para mim lá, ou um anúncio discreto nos jornais matutinos, sempre me lembrará de que um fricassê de vitela está sendo preparado. E agora, rumo a

Waterloo! Como disse Wellington na véspera da histórica batalha.

A estação de Waterloo não estava num de seus melhores momentos naquela tarde. O sr. Rowland acabou descobrindo o trem que o levaria a seu destino. Era um trem comum, sem nada que o diferenciasse dos demais – um trem que ninguém parecia ansioso para pegar. O sr. Rowland ficou com um vagão inteiro de primeira classe, na parte da frente. Uma neblina começava a pairar sobre a cidade, ora subindo, ora descendo. A plataforma estava deserta, e somente o resfolegar asmático da máquina rompia o silêncio.

Até que tudo começou a acontecer com uma rapidez estonteante.

Primeiro uma moça. Ela abriu a porta com violência e entrou no vagão, despertando o sr. Rowland de algo que se aproximava perigosamente de um cochilo.

– Esconda-me! – exclamou a moça – Por favor, esconda-me!

George era, em essência, um homem de ação – que não estava ali para pensar, que estava ali para vencer ou morrer etc.1 Num vagão ferroviário, só há um lugar para se esconder: debaixo do assento. Em sete segundos, a moça já estava lá, e a maleta de George, deixada negligentemente em pé, encobria-lhe o refúgio. Foi por pouco. Um rosto furioso surgiu na janela do trem.

– Minha sobrinha! Você está com ela aí. Quero a minha sobrinha.

George, ligeiramente ofegante, estava encostado no canto, imerso na coluna esportiva do jornal vespertino, a edição de uma e meia. Baixou-o com ar de quem estava longe.

– Perdão, o que o senhor disse? – perguntou com educação.

– Minha sobrinha... o que você fez com ela?

Com base na política de que o ataque é sempre melhor que a

defesa, George partiu para a ação.

– Que diabos está querendo insinuar? – vociferou numa imitação bastante fiel do tio.

O outro vacilou um pouco, intimidado pela repentina veemência. Era um homem gordo e ainda bufava, como se tivesse corrido uma certa distância. Tinha o cabelo cortado à escovinha e bigode vasto e penteado para cima. O sotaque era decididamente gutural, e a rigidez do porte indicava que se sentia mais à vontade fardado do que à paisana. George tinha o inato preconceito inglês contra estrangeiros e uma antipatia especial por estrangeiros de aspecto germânico.

– Que diabos está querendo insinuar? – repetiu irritado.

– Ela entrou aí – disse o outro. – Eu vi. O que você fez com ela?

George largou o jornal e meteu a cabeça e o ombro para fora da janela.

– Ah, então é isso – rosnou. – Chantagem. Mas você pegou a pessoa errada. Li tudo a seu respeito no *Daily Mail* de hoje de manhã. Ei, guarda, aqui!

Já atraído de longe pela discussão, o funcionário veio correndo.

– Aqui, guarda – disse o sr. Rowland com aquele ar autoritário que as classes inferiores adoram. – Este sujeito está me importunando. Darei parte de tentativa de chantagem, se necessário. Ele está dizendo que escondi sua sobrinha aqui dentro. Há uma quadrilha de estrangeiros tentando aplicar esse golpe. Isso precisa acabar. Faça o favor de levá-lo. Aqui está meu cartão, caso precise.

O guarda olhou para os dois e não demorou a tomar uma

decisão. A experiência lhe dizia para desprezar estrangeiros e respeitar e admirar cavalheiros bem-vestidos que viajavam de primeira classe.

Pousou a mão no ombro do importuno.

– Vamos – disse. – Caia fora daqui.

Nesse momento crítico, o inglês do estrangeiro lhe faltou, e ele começou a proferir violentos impropérios em sua língua materna.

– Chega! – interrompeu o guarda. – E faça o favor de afastar-se. O trem já está de partida.

Entre acenos de bandeira e apitos, o trem, relutante, arrancou com um solavanco.

George permaneceu em seu posto de observação até a plataforma sumir de vista. Então, tirou a cabeça da janela, pegou a mala e colocou-a na prateleira.

– Está tudo bem. Pode sair – avisou em tom tranquilizador.

A moça saiu de onde estava, arrastando-se.

– Oh – exclamou –, nem sei como lhe agradecer!

– Não precisa agradecer. Foi um prazer – retrucou George displicentemente.

Sorriu para acalmá-la. Ela o olhava, ligeiramente intrigada. Parecia sentir falta de algo a que estava acostumada. Naquele momento, deparou-se com sua imagem no espelhinho da parede oposta e soltou uma exclamação de susto.

É pouco provável que os limpadores de vagões ferroviários varram a parte inferior dos bancos diariamente. As aparências indicam o contrário, mas pode ser que cada partícula de pó e fuligem tenha a mania de se alojar ali, feito pássaros em ninho.

George não tivera tempo de observar o aspecto da moça, devido à chegada intempestiva e o breve espaço de tempo antes que se agachasse para o esconderijo, mas agora via que a jovem que desaparecera debaixo do assento era elegante e bem trajada. Além do pequeno chapéu vermelho amassado e torto, estava com o rosto desfigurado por grandes manchas de sujeira.

– Ah – fez a moça.

Remexeu na bolsa. George, com o tato de um autêntico cavalheiro, desviou o olhar para a janela, passando a admirar as ruas de Londres ao sul do Tâmisa.

– Nem sei como lhe agradecer – repetiu a moça.

Interpretando a frase como um sinal de que podiam dar continuidade à conversa, George virou o rosto e fez outro protesto educado, mas dessa vez com muito mais ardor.

A moça era absolutamente encantadora! George jamais havia visto uma mulher tão bela. Seu entusiasmo tornou-se patente.

– Achei simplesmente incrível de sua parte – disse a moça, animada.

– Não foi nada. A coisa mais fácil do mundo. Tive muito prazer em ajudar – murmurou George.

– Incrível – reiterou de modo enfático.

Não resta dúvida de que é extremamente agradável que a moça mais linda que você já viu na vida o encare nos olhos e lhe diga que você é incrível. George estava gostando daquilo como qualquer pessoa gostaria.

Nesse momento, fez-se um silêncio meio constrangedor. A moça parecia se dar conta de que talvez tivesse que fornecer mais

explicações. Ruborizou um pouco.

– O mais estranho – disse nervosa – é que acho que não dá para explicar.

Olhou para George com expressão comovente de incerteza.

– Não dá para explicar?

– Não.

– Que maravilha! – exclamou o sr. Rowland entusiasmado.

– Como?

– Eu disse: “Que maravilha”. Feito esses livros que nos deixam acordados a noite inteira. No primeiro capítulo, a heroína sempre diz: “Não dá para explicar”. No último, ela acaba explicando, claro, e nunca há um motivo lógico para que não tivesse explicado logo no início... só que estragaria a história. Não imagina a minha alegria de estar envolvido num verdadeiro mistério. Nem sabia que existiam essas coisas. Suponho que seja algo relacionado a documentos secretos de suma importância e ao expresso dos Balcãs. Adoro o expresso dos Balcãs.

A moça arregalou os olhos desconfiada.

– Por que se refere especificamente ao expresso dos Balcãs? – perguntou subitamente.

– Espero não ter sido indiscreto – apressou-se George a acrescentar. – Talvez seu tio tenha viajado nele.

– Meu tio... – Fez uma pausa e repetiu: – Meu tio...

– Isso – disse George, compreensivo. – Também tenho um. Ninguém tem culpa dos tios que tem. São os acidentes do atavismo... é como eu vejo.

A moça começou a rir de repente. Quando voltou a falar, George

percebeu um leve sotaque estrangeiro. No início, achara que ela fosse inglesa.

– Que pessoa agradável e original o senhor é, sr....

– Rowland. George, para os amigos.

– Meu nome é Elizabeth...

Parou abruptamente.

– Gosto do nome Elizabeth – disse George para poupá-la da confusão momentânea. – Espero que ninguém a chame de Bessie ou qualquer coisa horrível assim.

Ela sacudiu a cabeça.

– Bem – continuou George –, agora que nos conhecemos podemos ir ao que interessa. Se você se levantar, Elizabeth, posso limpar a parte de trás do seu casaco.

Ela se levantou, obediente, e George cumpriu sua palavra.

– Obrigada, sr. Rowland.

– George. George para os amigos, lembre-se. Não pode entrar no meu belo vagão vazio, correr para baixo do banco e me levar a mentir para seu tio para depois se recusar a ser minha amiga, não é?

– Obrigada, George.

– Melhorou.

– Estou bem deste jeito? – perguntou Elizabeth, tentando se ver por cima do ombro esquerdo.

– Você está... ah, você está... muito bem, sim – disse George, contendo-se.

– Foi tudo tão repentino – explicou a moça.

– Deve ter sido mesmo.

– Ele nos viu no táxi e depois, na estação, eu simplesmente entrei correndo aqui, sabendo que ele estava atrás de mim. A propósito, para onde este trem está indo?

– Rowland's Castle – respondeu George quase com orgulho.

A moça pareceu intrigada.

– Rowland's Castle?

– Não direto, claro. Só depois de algumas paradas e demoras. Mas tenho esperança de chegar lá antes da meia-noite. A antiga sudoeste era uma linha muito confiável... demorava, mas chegava. Tenho certeza de que a ferrovia sul mantém as velhas tradições.

– Não sei se quero ir a Rowland's Castle – disse Elizabeth, incerta.

– Assim você me ofende. É um lugar ótimo.

– Já esteve lá?

– Não exatamente. Mas você pode ir para um monte de lugares, se não gostar de Rowland's Castle. Working, Weybridge, Wimbledon... O trem certamente para em algum deles.

– Sei – disse a moça. – Sim, posso descer numa dessas estações e voltar de carro para Londres. Seria a melhor solução, acho.

Enquanto falava, o trem começou a diminuir a velocidade. O sr. Rowland olhou-a, suplicante.

– Se eu puder fazer alguma coisa...

– De jeito nenhum. Já fez bastante.

Houve uma pausa, até que ela exclamou de repente:

– Eu... eu gostaria de poder explicar. Eu...

– Pelo amor de Deus, não faça isso! Estragaria tudo. Mas tem

certeza de que não há nada que eu possa fazer? Talvez levar os documentos secretos para Viena, algo assim? Sempre há documentos secretos. Dê-me uma chance.

O trem tinha parado. Elizabeth saltou rapidamente para a plataforma. Virou-se e falou com ele pela janela.

– Está falando sério? Você realmente faria uma coisa por nós... por mim?

– Eu faria qualquer coisa no mundo por você, Elizabeth.

– Mesmo que eu não pudesse explicar os motivos?

– O que me importam os motivos?

– Mesmo que fosse perigoso?

– Quanto mais perigoso, melhor.

Ela hesitou um pouco, depois pareceu ter tomado uma decisão.

– Debruce-se na janela. Olhe para a plataforma como se não estivesse vendo nada.

O sr. Rowland esforçou-se para atender à difícil recomendação.

– Está vendo aquele homem entrando no trem, de cavanhaque preto e sobretudo claro? Siga-o. Observe o que ele faz e para onde vai.

– Só isso? – perguntou o sr. Rowland. – O que eu...?

Ela o interrompeu.

– Você receberá novas instruções em breve. Vigie esse homem. E guarde isto. – Entregou-lhe um pequeno pacote lacrado. – Como se fosse sua própria vida. É a chave de tudo.

O trem partiu. O sr. Rowland ficou olhando pela janela, observando a silhueta alta e elegante de Elizabeth abrindo caminho pela plataforma. Apertou na mão o pequeno pacote recebido.

O resto da viagem transcorreu sem grandes novidades. O trem era vagaroso e parava em tudo quanto era lugar. Em cada estação, George esticava a cabeça pela janela, para ver se sua presa não desembarcava. Às vezes, quando a demora prometia ser longa, descia e caminhava de um lado para o outro na plataforma, certificando-se de que o sujeito ainda estava a bordo.

O destino final do trem era Portsmouth, e foi lá que o viajante de cavanhaque preto desembarcou, dirigindo-se a um pequeno hotel de segunda categoria, onde se hospedou. O sr. Rowland fez o mesmo.

Os quartos ficavam no mesmo corredor, a duas portas de distância um do outro, o que pareceu perfeito para George. Era completamente iniciante na arte de seguir os outros, mas estava ansioso para mostrar serviço e justificar a confiança que Elizabeth depositava nele.

Na hora do jantar, indicaram-lhe uma mesa próxima de sua presa. O salão não estava cheio, e George classificou a maioria dos hóspedes como caixeiros-viajantes, homens tranquilos e respeitáveis que comiam com muito apetite. Apenas um homem lhe chamou atenção: um sujeito baixinho, de cabelo e bigode ruivos e indumentária hípica, que também parecia interessado nele. No fim da refeição, sugeriu-lhe um drinque e uma partida de bilhar. George, contudo, acabara de ver o homem de cavanhaque preto colocando o chapéu e o sobretudo e recusou o convite, com educação. Um minuto depois já estava na rua, adquirindo experiência na difícil arte de seguir os outros. A perseguição foi longa, cansativa e improfícua. Depois de vagar pelas ruas de Portsmouth por uns seis quilômetros,

o sujeito voltou ao hotel, seguido de perto por George, que se viu assaltado por uma inquietante dúvida: será que o homem notara sua presença? Enquanto pensava nisso parado no saguão, a porta se abriu novamente e o sujeito baixinho e ruivo entrou. Evidentemente, ele também havia saído para dar uma volta.

De repente, George percebeu que a linda donzela da recepção o chamava.

– Sr. Rowland? Há dois homens à sua procura. Dois estrangeiros. Encontram-se na sala do fundo do corredor.

Relativamente espantado, George dirigiu-se à sala indicada. Havia dois homens lá, conforme anunciado. Os dois se levantaram e curvaram o corpo, com reverência.

– Sr. Rowland? Não tenho dúvida de que já adivinhou quem somos.

George olhou para os dois. O que tinha falado era o mais velho, um senhor grisalho, pomposo, com excelente domínio do inglês. O outro era um jovem alto, com o rosto cheio de espinhas e um aspecto de louro teutônico que a feroz carranca ostentada naquele momento não tornava nem um pouco atraente.

De certa forma aliviado por constatar que nenhum dos dois era o velho que encontrara na estação de Waterloo, George relaxou.

– Sentem-se, por favor, senhores. Muito prazer em conhecê-los. Aceitam um drinque?

O mais velho ergueu a mão, em protesto.

– Obrigado, lorde Rowland. Não temos muito tempo. Só o suficiente para lhe fazer uma pergunta.

– É muita gentileza sua atribuir-me esse título de nobreza – disse

George. – Pena que não desejam tomar algo. E qual é a pergunta tão importante que os senhores têm a fazer?

– Lorde Rowland, o senhor saiu de Londres em companhia de uma moça e chegou aqui sozinho. Onde está a moça?

George levantou-se.

– Não entendi a pergunta – disse, friamente, esforçando-se ao máximo para falar como um herói de romance. – Foi uma honra. Desejo-lhes boa noite, cavalheiros.

– O senhor entendeu muito bem. Não se faça de sonso – exclamou o mais jovem, falando de repente. – O que fez com Alexa?

– Calma, senhor – murmurou o outro. – Peço-lhe que se acalme.

– Posso lhes assegurar de que não conheço nenhuma mulher com esse nome – disse George. – Deve ter havido algum engano.

O homem mais velho o observava atentamente.

– Parece-me improvável – disse ele secamente. – Tomei a liberdade de examinar o livro de registro do hotel. O senhor se registrou como sr. G. Rowland, de Rowland's Castle.

George ficou vermelho.

– Foi... uma brincadeira – explicou sem graça.

– Um subterfúgio bastante infeliz. Chega de conversa fiada. Onde está Sua Alteza?

– Se o senhor se refere a Elizabeth...

Com um uivo de fúria, o jovem ameaçou avançar para cima dele.

– Seu insolente miserável! Como ousa falar dela dessa maneira?

– Estou me referindo – disse o outro, devagar –, como o senhor sabe perfeitamente, à grã-duquesa Anastasia Sophia Alexandra

Marie Helena Olga Elizabeth da Catônia.

– Oh! – deixou escapar o sr. Rowland.

Procurou lembrar tudo o que sabia sobre a Catônia. Se não estava enganado, era um pequeno reino balcânico, e ele recordava ter lido alguma coisa a respeito de uma revolução que ocorria lá. Refez-se a muito custo.

– Evidentemente, estamos nos referindo à mesma pessoa – disse, animado. – Só que *eu* a chamo de Elizabeth.

– O senhor me deve satisfação por isso – rosnou o rapaz. – Lutaremos.

– Lutaremos?

– Sim. Convoco-o para um duelo.

– Jamais participo de duelos – declarou o sr. Rowland.

– Por que não? – perguntou o outro com hostilidade.

– Tenho medo de me machucar.

– Sei. Nesse caso, vou lhe dar ao menos um soco na cara.

O rapaz precipitou-se, furioso. Não deu para ver direito o que aconteceu em seguida, mas ele descreveu um semicírculo no ar e caiu no chão com um estrondo. Levantou-se ainda zonzo. O sr. Rowland sorria, contente.

– Como eu estava dizendo – continuou –, tenho medo de me machucar. Por isso, aprendi jiu-jítsu.

Pausa. Os dois estrangeiros olharam desconfiados para aquele moço de aspecto tão amável, como se tivessem percebido, de repente, que por trás daquela aparência de tranquilidade e indiferença se ocultava alguma qualidade perigosa. O jovem teutônico estava pálido de raiva.

– Vai se arrepender disso – sibilou.

O homem mais velho manteve a dignidade.

– Esta é a sua última palavra, lorde Rowland? Recusa-se a nos informar sobre o paradeiro de Sua Alteza?

– Não sei onde ela está.

– E o senhor acha que vou acreditar nisso?

– Pelo visto, o senhor não é muito de acreditar nas coisas.

O rapaz limitou-se a balançar a cabeça.

– Isso não vai ficar assim – murmurou. – Você não perde por esperar.

Os dois se retiraram.

George passou a mão pela testa. As coisas estavam acontecendo com uma rapidez estonteante. Era evidente que se metera num escândalo europeu de primeira grandeza.

– Pode até significar outra guerra – disse, com esperança, saindo para procurar o homem de cavanhaque preto.

Para seu grande alívio, encontrou-o sentado num canto da sala comercial. George sentou-se em outro canto. Três minutos depois, o homem de cavanhaque preto se levantou e foi dormir. George seguiu-o e viu-o entrando no quarto e fechando a porta. Soltou um suspiro.

– Preciso de uma noite de descanso – murmurou. – Será providencial.

Mas então um pensamento atroz lhe veio à mente: e se o homem de cavanhaque preto tivesse notado que George estava em seu encalço e fugisse durante a noite, aproveitando enquanto ele dormia o sono dos justos? Poucos minutos de reflexão foram suficientes

para o sr. Rowland resolver a questão. Desfiando uma de suas meias até conseguir uma boa quantidade de lã de cor neutra, esgueirou-se silenciosamente pelo corredor, prendeu com papel de goma uma das extremidades do fio na porta do desconhecido e trouxe de volta a outra ponta do fio para o quarto, pendurando aí um sininho de prata, lembrança da festa da véspera. Contemplou o mecanismo com grande satisfação. Se o homem de cavanhaque preto tentasse sair do quarto, George saberia na hora pelo toque do sino.

Resolvido isso, George não perdeu tempo e foi se deitar. Guardou cuidadosamente o pequeno pacote debaixo do travesseiro, enquanto devaneava. Seus pensamentos poderiam se traduzir mais ou menos assim: “Anastasia Sophia Marie Alexandra Olga Elizabeth. Espera. Acho que está faltando um nome. Qual será...”.

Não conseguiu pegar logo no sono, torturado pela incapacidade de compreender a situação. O que significava tudo aquilo? Qual a relação entre a grã-duquesa fugitiva, o pacote lacrado e o homem de cavanhaque preto? De quem a grã-duquesa estaria fugindo? Será que os dois estrangeiros sabiam que ele estava com o pacote lacrado? O que será que havia ali dentro?

Ponderando sobre essas questões, irritado por não encontrar respostas, o sr. Rowland adormeceu.

Despertou com o leve tinido do sino. Não sendo desses indivíduos que pulam da cama, levou um minuto e meio para se dar conta do que ocorria. Nesse momento, levantou-se correndo, enfiou o chinelo e, abrindo a porta com o maior cuidado, saiu do quarto. Um pequeno pedaço de sombra movendo-se no fundo do corredor

mostrou-lhe a direção tomada por sua presa. Caminhando o mais silenciosamente possível, o sr. Rowland foi atrás. Chegou a tempo de ver o homem de cavanhaque preto entrando num banheiro, o que era estranho, porque havia um banheiro bem em frente a seu quarto. Aproximando-se da porta, que estava entreaberta, George espiou pela fresta. O homem estava ajoelhado, ao lado da banheira, fazendo alguma coisa no rodapé da parede logo atrás. Ficou ali uns cinco minutos e depois se levantou. George achou mais prudente dar no pé. Protegido pela sombra da própria porta, viu o outro chegar e entrar novamente no quarto.

"Ótimo", pensou George. "O mistério do banheiro será investigado amanhã cedo."

Ao se deitar, passou a mão por baixo do travesseiro para averiguar se o precioso pacote ainda estava ali. No instante seguinte, revolvia as roupas de cama em pânico. O pacote havia desaparecido!

Na manhã seguinte, enquanto comia ovos com bacon, George estava inconsolável. Decepcionaria Elizabeth. Permitira que o precioso pacote confiado a seus cuidados lhe fosse roubado, e o "mistério do banheiro" não era desculpa. Sim, caíra como um patinho.

Depois do café da manhã, subiu novamente para o quarto. Encontrou uma camareira parada no corredor, hesitante.

– Alguma coisa errada, minha cara? – perguntou solícito.

– É o hóspede deste quarto, senhor. Pediu que o chamassem às oito e meia e não responde. O pior é que a porta está trancada.

– Não diga – exclamou George.

Sentiu-se inquieto e correu para o quarto. Fossem quais fossem os planos que pretendia colocar em prática, precisaria mudá-los diante do quadro inesperado que encontrou à sua frente: ali, sobre a mesinha de cabeceira, estava o pequeno pacote desaparecido na noite anterior!

George pegou-o e examinou-o. Sim, não restava dúvida de que era o mesmo, mas o lacre fora violado. Após um minuto de hesitação, decidiu abri-lo. Se outras pessoas já tinham visto o que continha, não havia motivo para que ele não visse também. Além disso, era possível que seu conteúdo tivesse sido subtraído. O papel aberto revelou uma pequena caixa de papelão, como as de joalheiro. George abriu-a. Dentro dela, pousada em algodão, havia uma aliança de ouro comum.

Examinando-a, George verificou que não havia qualquer inscrição interna – nada que a diferenciasse de qualquer outra aliança de casamento.

– Que loucura – murmurou, deixando a cabeça cair entre as mãos, com um gemido. – Não há outra palavra. A mais pura loucura. Essa história é completamente absurda.

De repente, lembrou-se do que a camareira dissera e, ao mesmo tempo, observou que havia um largo parapeito do lado de fora da janela. Não era o tipo de façanha a que se arriscaria normalmente, mas estava tão consumido pela curiosidade e pela raiva que se sentia propenso a ignorar as dificuldades. Trepou no peitoril e, poucos segundo depois, espiava o quarto do homem de cavanhaque preto. A janela estava aberta e o quarto, vazio. A uma pequena distância, havia uma escada de incêndio, evidenciando a

rota de fuga de sua presa.

George entrou no quarto, pulando a janela. Os pertences do foragido ainda estavam espalhados pelos cantos. Talvez houvesse alguma pista entre eles que lançasse luz sobre as perplexidades de George, que decidiu revistar o quarto, começando pelo conteúdo de uma sacola de ferramentas usada.

Um barulho interrompeu a busca – um ruído leve, mas que vinha inegavelmente do interior do quarto. George reparou no enorme guarda-roupa e foi abrir a porta. Nesse mesmo instante, um homem se atirou lá de dentro e caiu rolando no chão, atracado nele. Não era um adversário fácil. Os golpes especiais de George não surtiram efeito. Os dois acabaram se separando de pura exaustão, e pela primeira vez George viu quem era o sujeito: o baixinho de bigode ruivo.

– Mas quem é você? – perguntou George.

Como resposta, o outro lhe entregou um cartão, que tirou do bolso. George leu em voz alta.

– Inspetor Jarrold, Scotland Yard.

– Isso mesmo, senhor. E acho bom me contar tudo o que sabe sobre esse caso.

– É melhor mesmo, não? – disse George pensativo. – Sabe, inspetor, acho que o senhor tem razão. Podemos conversar num lugar mais agradável?

Num canto tranquilo do bar, George se abriu. O inspetor Jarrold ouviu-o, compreensivo.

– Como o senhor disse, não dá para entender – observou o inspetor quando George terminou de falar. – Há muita coisa que eu

mesmo não entendo, mas um ou dois detalhes posso lhe esclarecer. Vim para cá atrás do Mardenberg (seu amigo de cavanhaque preto), e o fato de o senhor aparecer e começar a vigiá-lo me deixou intrigado. Não entendia onde o senhor se encaixava na história. Por isso, entrei no seu quarto ontem à noite na sua ausência e peguei o pacote debaixo do travesseiro. Quando verifiquei que não era o que eu procurava, aproveitei a primeira oportunidade para colocá-lo de volta no lugar.

– Isso realmente esclarece uma parte – disse George pensativo. – Acho que fiz papel de idiota o tempo todo.

– Eu não diria isso. Até que o senhor se saiu muito bem para um principiante. Quer dizer que o senhor foi ao banheiro hoje de manhã e pegou o que estava escondido atrás do rodapé?

– Sim. Mas era apenas uma carta de amor sentimental – respondeu George, desalentado. – Era só o que me faltava: me meter na vida privada do infeliz.

– O senhor se importaria se eu visse essa carta?

George tirou um papel dobrado do bolso e o entregou ao inspetor.

– Tem razão – disse ele depois de ler. – Mas se traçarmos uma linha entre os pontos de cada letra “i”, chegaremos a uma conclusão muito diferente. Muito obrigado, senhor. Encontramos a planta das defesas portuárias de Portsmouth.

– O quê?

– Pois é. Estávamos de olho nesse camarada já faz algum tempo. Mas ele era esperto demais para nós. Colocou uma mulher para fazer a maior parte do trabalho sujo.

– Uma mulher? – perguntou George com a voz fraca. – Como se

chama essa mulher?

– Ela usa diversos nomes. O mais comum é Betty Brighteyes. Uma moça belíssima.

– Betty... Brighteyes – repetiu George. – Obrigado, inspetor.

– Desculpe-me, mas o senhor não está com boa fisionomia.

– Não me sinto bem. Na verdade, estou muito doente. Acho até que seria melhor pegar o primeiro trem de volta para minha cidade.

O inspetor consultou o relógio.

– O próximo trem é bastante lento. Melhor esperar pelo expresso.

– Não importa – disse George desanimado. – Nenhum trem pode ser mais lento do que o que me trouxe ontem.

Sentado novamente num vagão de primeira classe, George passava os olhos pelas notícias do dia, quando, de repente, uma notícia saltou-lhe aos olhos.

“Realizou-se ontem, em Londres, o romântico casamento de lorde Roland Gaigh, segundo filho do marquês de Axminster, com a grã-duquesa Anastasia da Catônia. A cerimônia foi mantida em absoluto sigilo. A grã-duquesa, que desde a revolução da Catônia morava em Paris com o tio, conheceu lorde Roland quando ele trabalhava como secretário da embaixada britânica na Catônia, e a partir de então eles não se separaram mais.”

– Estou...

O sr. Rowland não conseguiu encontrar nenhuma palavra que expressasse o que estava sentindo. Ficou olhando para o nada, com o olhar perdido. O trem parou numa pequena estação e uma mulher entrou, sentando-se à sua frente.

– Bom dia, George – disse ela com doçura.

– Minha nossa! – exclamou ele. – Elizabeth!

Ela sorriu. Estava mais linda do que nunca, se é que isso é possível.

– Vem cá – disse George com as mãos na cabeça. – Pelo amor de Deus, responda-me uma coisa: você é a grã-duquesa Anastasia ou Betty Brighteyes?

Ela o encarou.

– Nenhuma das duas. Sou Elizabeth Gaigh. Agora posso lhe contar tudo. E também tenho que me desculpar. O Roland (meu irmão) sempre foi apaixonado por Alexa...

– Pela grã-duquesa, você diz.

– Sim, é assim que a família a chama. Bem, como eu estava dizendo, Roland sempre foi louco por ela, e ela por ele. Aí veio a revolução, Alexa estava em Paris e eles já iam marcar a data do casamento quando o velho Stürm, o primeiro-ministro, intrometeu-se e insistiu em levar Alexa embora. Ele queria que ela se casasse com o príncipe Karl, primo dela, um sujeito detestável, cheio de espinhas...

– Acho que já o vi – disse George.

– Que ela simplesmente odeia. E o velho príncipe Usric, tio dela, a proibiu de ver Roland. Por isso, ela fugiu para a Inglaterra, e eu vim à cidade para encontrá-la. Telegrafamos ao Roland, que estava na Escócia. No último minuto, quando estávamos indo de táxi para o cartório, quem encontramos num outro táxi? O velho príncipe Usric. Claro que ele nos seguiu, e já não sabíamos mais o que fazer, porque ele certamente armaria um escândalo, e, afinal, é o tutor dela. Então eu tive a brilhante ideia de trocar de lugar com a Alexa.

Hoje em dia, é praticamente impossível enxergar mais do que a ponta do nariz das mulheres. Coloquei o chapéu vermelho e o sobretudo marrom de Alexa, e ela pôs o meu, cinza. Aí, dissemos para o motorista do táxi nos levar para Waterloo, onde eu desci e entrei correndo na estação. O velho Usric seguia o chapéu vermelho, sem dar atenção à outra passageira do táxi, encolhida no banco, e é claro que não deixei que ele visse meu rosto. Então, entrei correndo no seu vagão e contei com a sua piedade.

– Até aí, está claro – disse George. – Mas e o resto?

– Eu sei. É por isso que preciso pedir desculpas. Espero que não fique muito zangado comigo. Você insistia tanto na ideia de mistério, como nos livros, que não resisti à tentação. Escolhi na plataforma um homem de aspecto sinistro e mandei que você o seguisse. Depois lhe entreguei o pacote.

– Com uma aliança de casamento.

– Sim. Alexa e eu compramos a aliança, porque Roland chegaria da Escócia em cima da hora. E, evidentemente, eu sabia que, até eu chegar a Londres, eles já teriam desistido da aliança e usariam qualquer coisa em formato de argola.

– Sei – disse George. – É sempre assim: tudo parece tão simples depois que sabemos! Com licença, Elizabeth.

Tirou-lhe a luva esquerda e deu um suspiro de alívio ao ver que não havia nada no dedo anular.

– Ótimo – observou ele. – A aliança, então, não será desperdiçada.

– Oh! – exclamou Elizabeth. – Mas eu não sei nada a seu respeito.

– Sabe como eu sou amável – disse George. – A propósito, agora mesmo me ocorreu: você, evidentemente, é lady Elizabeth Gaigh.

– Ah, George, você é esnobe?

– Para dizer a verdade, sou. O melhor sonho que já tive foi um em que o rei George me pedia emprestado meia coroa para devolver no fim de semana. Mas eu estava pensando no meu tio, de quem ando afastado. Ele, sim, é esnobe. Quando souber que vou me casar com você e que teremos um título na família, me colocará como sócio na hora!

– Ele é muito rico?

– Elizabeth, você é mercenária?

– Muito. Adoro gastar dinheiro. Mas eu estava pensando no meu pai. Cinco filhas, todas lindas e de sangue azul. O que ele mais quer é ter um genro rico.

– Hmm – fez George. – Será um desses casamentos abençoados no céu e realizados na terra. Vamos morar em Rowland's Castle? Com você como esposa, eles certamente me elegerão lorde prefeito! Oh, Elizabeth, minha querida, isto provavelmente infringe o regulamento da companhia, mas preciso beijá-la!

---

1 Referência ao poema "A carga da brigada ligeira", de Lord Alfred Tennyson. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro *A mina de ouro e outras histórias*

Título original do conto: *The Girl in the Train*

Tradução: Bruno Alexander
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
A moça do trem / Agatha Christie; trad. Bruno Alexander – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *The Girl in the Train*
ISBN 978-65-5666-062-2
1. Ficção policial inglesa. I. Alexander, Bruno. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

The Girl in the Train Copyright © 1924 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All

rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
A CASA DOS SONHOS
UM CONTO

Agatha Christie®

A CASA DOS SONHOS

Tradução de Pedro Gonzaga

UM CONTO

L&PM EDITORES

A casa dos sonhos

Publicado pela primeira vez na *The Sovereign Magazine*, em janeiro de 1926. De acordo com a autobiografia de Agatha Christie, tratava-se de uma versão revista do nunca publicado “The House of Beauty”, escrito antes da Primeira Guerra Mundial e “a primeira coisa que escrevi que parecia minimamente promissora”.

Esta é a história de John Segrave – de sua vida, que foi insatisfatória; de seu amor, que foi insatisfatório; de seus sonhos, e de sua morte; e se nos dois últimos ele encontrou o que lhe havia sido negado nos dois primeiros, então sua vida, afinal, talvez possa ser tomada como bem-sucedida. Quem poderá saber?

John Segrave era de uma família que aos poucos foi entrando em decadência, ao longo do último século. Haviam sido proprietários de terra desde a era elisabetana, até que seu último quinhão de terra acabou sendo vendido. Pensava-se que um dos filhos, ao menos, deveria adquirir a proveitosa arte de fazer dinheiro. Foi uma inconsciente ironia do destino que John fosse o escolhido.

Com sua boca estranhamente sensível e com as longas fendas de um azul profundo dos olhos, que mais sugeriam um elfo ou um fauno – algo de selvagem e de silvestre –, era uma incongruência que ele tivesse que ser oferecido em sacrifício no altar das finanças. O cheiro da terra, o gosto salgado do mar que fica nos lábios, e o céu aberto sobre a cabeça – essas eram as coisas amadas por John Segrave, e para todas elas ele teve que dar adeus.

Aos dezoito anos, tornou-se secretário-júnior em uma grande

casa de negócios. Sete anos mais tarde, continuava como secretário, mas já não tão “júnior”, embora seu status seguisse inalterado. A faculdade de “subir na vida” não fazia parte de seus atributos. Era pontual, diligente, esforçado – um secretário, e nada além de um secretário.

E apesar disso, ele poderia ter sido... o que mesmo? Era praticamente incapaz de responder a si mesmo essa questão, mas, ao mesmo tempo, não conseguia se livrar da convicção de que em algum lugar havia um tipo de vida em que ele poderia fazer a diferença. Tinha força dentro de si, fineza de visão, alguma coisa que seus companheiros de trabalho, sujeitos empenhados, jamais poderiam suspeitar existir. Eles gostavam dele. Era popular devido ao seu ar de distraída camaradagem, e nunca foram capazes de se dar conta de que era dessa maneira que ele também impedia que qualquer intimidade verdadeira fosse estabelecida.

O sonho lhe veio sem aviso. Não se tratava de uma fantasia infantil, que tivesse nascido e se desenvolvido ao longo dos anos. Surgira numa noite de verão, ou, melhor dizendo, numa madrugada, um sonho que o despertou com formigamentos por todo o corpo, que ele teve de lutar para manter em sua mente, combatendo sua natureza fugidia, que lhe escapava por entre os dedos.

De forma desesperada, ele conseguiu fixá-lo. Ele não pode fugir... não pode... Ele precisava lembrar da casa. Era *a* Casa, claro! A casa que ele conhecia tão bem. Era uma casa de verdade, ou ele apenas a vira em sonhos? Não conseguia se lembrar, mas ele a conhecia, claro que a conhecia, isso era evidente.

A pálida luz acinzentada da alvorada invadia o quarto. A quietude

era extraordinária. Às quatro e meia da manhã, Londres, a fatigada Londres, encontrava seu breve instante de paz.

John Segrave ficou em silêncio, envolto na alegria, na maravilha e beleza de seu sonho perfeito. Que industrioso da parte dele lembrar de tudo! Um sonho que passou tão rápido como de costume, voando, enquanto a consciência do despertar ainda trazia os dedos entorpecidos, incapazes de agarrá-lo. Mas ele fora veloz o suficiente para apanhar este sonho! Ele o prendera no justo momento em que passava sobre ele.

Era, de fato, um sonho notável! Lá estava a casa... Sua mente racional voltou a funcionar de repente, pois, ao pensar bem, percebeu que não conseguia lembrar de nada além da casa. E, de súbito, com um leve desapontamento, reconheceu, afinal, que aquela casa lhe era estranha. Não havia sequer sonhado com ela antes.

Era uma casa branca, localizada sobre uma elevação. Havia árvores ao redor, colinas azuis à distância, mas seu charme peculiar independia do entorno porque (e esse era o ponto, o clímax do sonho) se tratava de uma bela casa, uma casa estranhamente bela. Sua pulsação disparou ao lembrar, de modo renovado, da estranha beleza da casa.

A parte externa, claro, pois não estivera em seu interior. Não havia qualquer dúvida quanto a isso.

Então, à medida que os contornos de seu quarto começaram a adquirir forma, vivificados pela crescente luminosidade, experimentou a desilusão do sonhador. Talvez, depois de tudo, seu sonho não tenha sido assim tão maravilhoso – ou talvez a parte

maravilhosa, onde tudo era explicado, tenha lhe escapado por entre os dedos, escarnecendo de suas mãos inábeis? Uma casa branca, construída sobre um lugar elevado, ora, não havia tanta razão assim para se emocionar. Era uma casa bastante grande, ele se lembrava, com várias janelas, e as persianas estavam todas fechadas, não porque as pessoas não estivessem ali (estava certo disso), mas porque ainda era muito cedo e ninguém estava de pé.

Depois disso, começou a gargalhar do absurdo de seus devaneios, e se lembrou de que tinha que jantar com o sr. Wetterman naquela noite.

Maisie Wetterman era a filha única de Rudolf Wetterman, e tinha sido acostumada, ao longo da vida, a ter todos os seus desejos atendidos. Certa vez, ao fazer uma visita ao escritório do seu pai, ela tomara conhecimento da existência de John Segrave. Ele havia entrado com umas cartas solicitadas pelo pai dela. Logo depois que ele se retirou, ela perguntou ao pai quem era. Wetterman gostava de uma boa conversa.

– Um dos filhos de sir Edward Segrave. De uma daquelas velhas e magníficas famílias, mas que agora se encontra nos últimos estertores. Esse rapaz jamais deixará o Tâmisa em chamas. É um bom sujeito, mas nada além disso. Não tem motivação, entende?

Maisie, quem sabe, fosse indiferente à motivação. Era uma qualidade valorizada mais por seu pai do que por ela mesma. De qualquer maneira, duas semanas depois, convenceu o pai a convidar John Segrave para jantar. Foi um jantar íntimo, ela e o pai, John Segrave, e uma amiga que estava na companhia dela.

A amiga tinha sido trazida para fazer algumas observações.

– Com consentimento, eu suponho, Maisie? Mais tarde, o papai o trará para casa, embrulhado num lindo papel de presente, para dá-lo à sua querida filhinha, devidamente pago e recebido.

– Allegra! Você está passando dos limites.

Allegra Kerr sorriu.

– Ora, você é cheia de caprichos, e sabe disso, Maisie. Gostei daquele chapéu... É meu! Se é assim com chapéus, por que não com maridos?

– Não seja ridícula. Mal falei com ele ainda.

– Não. Mas já está de cabeça feita – disse a outra. – O que a atrai nele, Maisie?

– Não sei – disse Maisie Wetterman devagar. – Ele é... diferente.

– Diferente?

– Sim. Não sei explicar. Ele tem boa aparência, sabe, de um jeito um pouco estranho, mas não se trata disso. É como se ele não me notasse. Sério, mal pude acreditar que ele não me deu nem uma olhadinha aquele dia lá no escritório do papai.

Allegra riu.

– Esse truque é velho. Um jovem bastante astuto, eu diria.

– Allegra, você é odiosa!

– Alegre-se, querida. Papai comprará um cordeirinho bem fofinho para sua adorável filhinha.

– Não quero que seja assim.

– O que você quer, então, é um amor com A maiúsculo?

– Por que ele não pode se apaixonar por mim?

– Não há nada que impeça. Vamos torcer para que aconteça.

Allegra sorria enquanto falava, e deixou que seu olhar deslizasse sobre a outra. Maisie Wetterman era baixinha – com uma leve tendência ao sobrepeso –, tinha cabelos negros, bem-cortados e arranjados com arte. Sua pele e boca, que ao natural já eram bonitas, eram realçadas pelas mais recentes cores de pó e de batom. Tinha bons dentes, olhos negros, brilhantes, um pouco pequenos, o maxilar e queixo um pouco pesados. Estava belamente vestida.

– Sim – disse Allegra, terminando seu escrutínio. – Não tenho dúvidas de que ele se apaixonará. O conjunto está soberbo, Maisie.

A amiga olhou para ela com um olhar de dúvida.

– Estou dizendo a verdade – continuou Allegra. – Palavra de honra. Mas, vamos supor, para salvar nosso raciocínio, que ele não se apaixone por você. Vamos supor que sua afeição seja sincera, mas nada além de platônica. O que acontecerá então?

– Talvez eu nem goste dele quando o conhecer melhor.

– É possível. Por outro lado, você pode se apaixonar por ele de verdade. E se isso acontecer...

Maisie ergueu os ombros.

– Era de se esperar que eu tivesse orgulho...

Allegra a interrompeu.

– O orgulho só tem função quando é necessário mascarar o que a gente sente... Mas não pode evitar que a gente sinta.

– Bem – disse Maisie, enrubescendo. – Não vejo razão para não dizer isso. *Sou* um ótimo partido. Quero dizer... do ponto de vista dele, filha de papai e tal.

– Sociedade na empresa etc. – disse Allegra. – Sim, Maisie. Você

é a filha do papai, tudo bem. Isso muito me agrada. Gosto que minhas amigas não estejam nem aí para as aparências.

O leve ar zombeteiro de seu comentário fez com que a outra se sentisse constrangida.

– Você é odiosa, Allegra.

– Mas estimulante, querida. É por isso que você me quer aqui. Sou uma estudante de história, como você sabe, e sempre me intrigou que o bobo da corte não só fosse permitido, mas também encorajado. Agora que estou eu mesma cumprindo essa função, consigo entender tudo. É, de fato, um bom papel, um papel ativo. Lá estava eu, orgulhosa e sem um centavo no bolso, como uma dessas heroínas de folhetim, bem-nascida e mal-educada. “O que fazer, garota? Sabe Deus”, ela disse. A garota sem boas relações, toda cheia de disposição para fazer as coisas e sem um braseiro sequer no quarto, contente em realizar os trabalhos mais esdrúxulos para “ajudar a querida Fulaninha de Tal”, parecia ser esse o seu destino. Ninguém queria saber dela de verdade... exceto aquelas pessoas que não conseguiam manter os seus criados, e, por isso, tratavam-na como se fosse uma escrava das galés. Assim me tornei a boba da corte. Insolente, direta, uma pitada de perspicácia aqui e ali (nada em demasia, a fim de que eu não perdesse meu ganha-pão) e, por trás disso tudo, uma astuta capacidade de observar a natureza humana. As pessoas no fundo desejam ouvir o quão terríveis elas mesmas são. Essa é a razão por que elas se congregam ao redor desses pastores populares. Foi uma decisão que me tornou um grande sucesso. Estou sempre sobrecarregada de convites. Posso viver tranquilamente às custas de minhas

amigas, e tenho o cuidado de não aparentar gratidão.

– Não há ninguém como você, Allegra. Você não dá a mínima importância para o que diz.

– É aí que você se engana. Dou importância sim... Considero e reflito sobre aquilo que digo. Essa minha aparente língua solta é sempre calculada. Preciso ser cuidadosa. Esse trabalho deve me garantir na velhice.

– Por que não tenta um casamento? Sei que já lhe choveram propostas.

– Jamais poderei me casar.

– Porque... – Maisie deixou a frase incompleta, os olhos na sua amiga. A última assentiu de leve.

Ouviram-se passos na escada. O mordomo abriu a porta e anunciou:

– O sr. Segrave.

John compareceu sem qualquer sinal perceptível de entusiasmo. Não podia imaginar por que o velho o havia convidado. Se ele pudesse escapar ao jantar, na certa o teria feito. A casa o deprimia, com sua sólida magnificência e a maciez felpuda de seus tapetes.

Uma garota avançou e lhe deu um aperto de mão. Lembrava-se vagamente de tê-la visto certo dia no escritório de seu pai.

– Como vai, sr. Segrave? Sr. Segrave, essa é a srta. Kerr.

Então ele saiu de sua letargia. Quem era ela? De onde tinha saído? Dos panos flutuantes de um vermelho fogo que a cobriam, até as pequenas asas de Mercúrio em sua pequena cabeça grega, tratava-se de uma criatura transitória e fugidia, que se destacava do monótono cenário com um efeito de irrealidade.

Rudolf Wetterman entrou na sala, a ampla extensão cintilante de seu peitilho rangendo ao seu caminhar. Dirigiram-se para a sala de jantar de modo informal.

Allegra Kerr ocupou-se do anfitrião. John Segrave teve que se voltar para Maisie. Mas todos os seus pensamentos estavam fixos na garota do outro lado. Ela era maravilhosamente carismática. Seu carisma, ele pensou, era mais estudado do que natural. Mas, por trás disso tudo, havia alguma coisa. Uma chama ardente, intermitente, caprichosa, algo como o fogo-fátuo que nos velhos tempos atraía os homens para o pântano.*

Por fim, conseguiu uma oportunidade de falar com ela. Maisie transmitia ao pai um recado de um amigo que ela havia encontrado naquele dia. Agora que o momento tinha surgido, sentia a língua falhar. Lançou a ela um silencioso olhar de súplica.

– Conversação para jantares – ela disse com leveza. – Devemos começar com as encenações naturais, ou talvez por uma daquelas inumeráveis formas de se estabelecer um diálogo que começam com “O senhor gosta de...?”

John riu.

– E se descobrimos que gostamos de cachorros e antipatizamos com gatos do mato, isso formará o que se chama de “laço” entre nós dois?

– Seguramente – disse Allegra com seriedade.

– É uma pena, me parece, começar com um catecismo.

– Mas isso permite que a conversação siga dentro dos limites.

– É verdade, mas com resultados desastrosos.

– É importante conhecer as regras... ainda que seja para rompê-

las.

John sorriu para ela.

– Suponho, então, que nós dois seremos indulgentes com nossas extravagâncias pessoais. Ainda que dessa maneira apresentemos a genialidade que se assemelha à loucura.

Com um movimento brusco e descuidado, a mão da garota derrubou uma taça de vinho no chão. Houve o tilintar do estilhaçar do cristal. Maisie e o pai interromperam sua conversa.

– Sinto muito, sr. Wetterman. Agora dei para jogar taças no chão.

– Minha querida Allegra, isso não tem nenhuma importância.

De súbito, John Segrave disse rapidamente:

– Uma taça quebrada. Isso é sinal de má sorte. Queria... que isso não tivesse acontecido.

– Não se preocupe. Como é mesmo? “Você não pode trazer má sorte para um lugar em que já mora a má sorte.”

Ela se voltou mais uma vez para Wetterman. John, retomando a conversa com Maisie, tentava reconhecer a citação. Eram as palavras de Sieglinde, em *Die Walküre*[**], no momento em que Sigmund se oferece para deixar a casa.

Ele pensou: “Será que ela quis dizer que...”.

Mas Maisie perguntava qual era a opinião dele sobre o último espetáculo em cartaz. Logo ele já tinha admitido sua paixão pela música.

– Depois do jantar – disse Maisie –, faremos com que Allegra toque para a gente.

Foram todos juntos para a sala de estar. No seu íntimo, Wetterman considerava isso um hábito bárbaro. Gostava da pesada

gravidade do vinho circulando, os charutos em punho. Mas talvez, nesta noite, fosse melhor assim. Não fazia a mais vaga ideia do que dizer para o jovem Segrave. Maisie abusava de seus caprichos. O rapaz não era sequer um exemplo de boa aparência, e certamente não era divertido. Ficou satisfeito quando Maisie pediu a Allegra Kerr que fosse tocar. Isso faria a noite passar mais depressa. O jovem paspalho sequer jogava bridge.

Allegra tocava bem, embora carecesse da convicção de uma profissional. Tocava música moderna, Debussy e Strauss, um pouco de Scriabine. Então ela deixou cair o primeiro movimento da *Patética* de Beethoven, aquela expressão de um pesar que é infinito, de uma tristeza que é infinita e tão vasta quanto as próprias eras, mas que de ponta a ponta respira o espírito que não aceitará a derrota. Na solenidade da imorredoura aflição, esse espírito se move com o ritmo de um conquistador em direção à sua ruína final.

Perto do fim, ela hesitou, seus dedos tocaram um acorde errado, e ela interrompeu a execução de modo abrupto. Seus olhos buscaram os de Maisie e ela deu uma risada irônica.

– Veja – ela disse. – Eles não me permitem.

Então, sem esperar por uma resposta ao seu comentário bastante enigmático, engajou-se em uma estranha e assombrosa melodia, um tema composto de estranhas harmonias e uma curiosa divisão de compasso, algo assaz diferente do que Segrave já ouvira antes. Era delicado como o voo de um pássaro, equilibrado, flutuando no ar. De súbito, sem qualquer aviso, aquilo se tornou um mero amontoado de notas dissonantes, e Allegra se levantou sorridente do piano.

Apesar de sua risada, parecia perturbada e quase assustada. Sentou-se ao lado de Maisie, e John a ouviu dizer à amiga em voz baixa:

– Você não devia fazer isso. Não devia mesmo.

– Que peça foi essa que ouvimos por último? – John perguntou com ansiedade.

– Uma composição própria.

Ela respondeu de modo curto e grosso. Wetterman trocou de assunto.

Naquela noite, John Segrave sonhou novamente com a Casa.

John estava insatisfeito. Sua vida lhe parecia mais enfadonha do que nunca. Até aquele momento, ele a havia aceitado com paciência – uma necessidade desagradável, mas que mantinha sua liberdade interior essencialmente intocada. Agora tudo mudara. O mundo exterior e o interior haviam se misturado.

Não disfarçava para si mesmo a razão dessa mudança: ele tinha se apaixonado à primeira vista por Allegra Kerr. O que ele faria quanto a isso?

Naquela primeira noite, estivera por demais desconcertado para elaborar qualquer tipo de plano. Não chegara sequer a tentar vê-la de novo. Um pouco mais tarde, quando Maisie Wetterman o convidou para passar o fim de semana na propriedade rural de seu pai, ele foi cheio de expectativas, mas logo se viu desapontado, pois Allegra não estava lá.

Ele mencionou o nome dela uma vez a Maisie, tentando descobrir alguma coisa, e ela lhe disse que Allegra estava na Escócia,

fazendo uma visita. Ele deixou o assunto morrer. Gostaria de seguir falando sobre ela, mas as palavras pareciam travar em sua garganta.

Maisie ficou ainda mais confusa com ele naquele fim de semana. Ele não parecia ser capaz de ver – de ver com clareza aquilo que havia para ser visto. Ela era uma jovem muito direta em seus métodos, mas objetividade não mostrava efeitos sobre John. Ele a achava gentil, mas um pouco dominadora.

Contudo, o destino era mais forte que Maisie. Queria que John voltasse a ver Allegra.

Encontraram-se no parque em uma tarde de domingo. Ele a avistara ao longe, e o coração quase lhe saltou pela boca. Suponhamos que ela o tivesse esquecido...

Mas não esquecera. Ela parou e começou a falar. Em poucos minutos, os dois caminhavam lado a lado, cortando o gramado. Ele estava ridiculamente feliz.

De modo inesperado e repentino, ele perguntou:

– Você acredita em sonhos?

– Acredito em pesadelos.

A aspereza em sua voz o surpreendeu.

– Pesadelos – ele repetiu, estupidificado. – Não quis dizer pesadelos.

Allegra olhou para ele.

– Não – ela disse. – Nunca houve pesadelos em sua vida. É fácil perceber.

A voz dela vinha gentil... diferente...

Ele contou a ela de seu sonho com a casa branca, balbuciando

um pouco. Ele o havia tido então seis – melhor, sete vezes. Sempre igual. Era lindo – tão lindo!

Ele prosseguiu.

– Perceba... tem a ver com você... de certa maneira. Sonhei com a casa na noite antes de conhecê-la....

– Tem a ver comigo? – Ela sorriu, uma risada amarga e curta. – Oh, não, isso é impossível. A casa é linda.

– Assim como você – disse John Segrave.

Allegra enrubesceu de leve, a contragosto.

– Sinto muito... Isso foi uma estupidez de minha parte. Foi como se eu estivesse esperando por um elogio, não é? Mas não era essa a minha intenção. Por fora, sei que causo boa impressão.

– Não vi o interior da casa ainda – disse John Segrave. – Quando isso acontecer, tenho certeza de que será tão belo quanto a parte exterior.

Ele falava devagar e com seriedade, dando às palavras um significado que ela preferiu ignorar.

– Há mais uma coisa que quero lhe contar... se você estiver disposta a ouvir.

– Sim, ouvirei.

– Estou deixando esse meu empreguinho. Deveria ter feito isso há muito tempo... só agora percebo. Contentei-me em ir levando as coisas apenas, ciente que eu não passava de um fracassado, sem me importar muito, vivendo um dia depois do outro. Um homem não deveria fazer isso. É tarefa de um homem encontrar uma atividade que possa executar e desempenhá-la com sucesso. Estou largando tudo para me dedicar a outra coisa... algo bem diferente. É uma

espécie de expedição à África Ocidental... Não posso lhe dar mais detalhes. Não há como ter certeza; mas, se tudo der certo... é possível que eu me torne um homem rico.

– Então você também é daqueles que medem o sucesso pelo dinheiro?

– Dinheiro – disse John Segrave – significa apenas uma coisa para mim: você! Assim que eu voltar... – ele fez uma pausa.

Ela curvou a cabeça. Seu rosto se tornara bastante pálido.

– Não quero me fazer de desentendida. Por isso, devo lhe dizer agora, de uma vez por todas: *jamais me casarei*.

Considerou o que ela disse por um momento, depois do qual disse, com gentileza:

– Pode me dizer por quê?

– Eu poderia, mas por nada nesse mundo gostaria de lhe contar.

Voltou a ficar em silêncio, então, de súbito, ele ergueu os olhos e um sorriso, a um só tempo singular e atraente, iluminou seu rosto de fauno.

– Entendo – ele disse. – Então não me deixará entrar do lado de dentro da Casa... nem que seja para espiar por um segundo? As persianas permanecerão fechadas.

Allegra se inclinou para a frente e deixou que sua mão tocasse a dele.

– Vou lhe contar apenas isso. Você sonha com a sua Casa. Mas eu... eu não sonho. Meus sonhos são sempre pesadelos!

E, depois disso, ela o deixou, de maneira abrupta e desconcertante.

Naquela noite, mais uma vez, ele sonhou. Nos últimos tempos,

ele havia percebido que a casa, muito provavelmente, estava ocupada. Ele vira uma mão afastando as persianas, captara um lampejo de figuras que se moviam lá dentro.

Nesta noite, a Casa parecia mais bela do que nunca. Suas paredes brancas brilhavam sob a luz do sol. A paz e a beleza dela eram completas.

Então, de súbito, tornou-se consciente de uma propagação mais ampla das ondas de alegria. Alguém vinha à janela. Ele sabia. Uma mão, a mesma mão que tinha visto antes, afastou a persiana, recolhendo-a. Um minuto mais e ele poderia ver...

Ele estava acordado – tremendo ainda, horrorizado, sob o efeito do inexprimível caráter abominável da *Coisa* que havia olhado para ele através da janela da Casa.

Era uma Coisa incrível e completamente horrível, uma Coisa tão vil e odiosa que sua mera lembrança fazia-o se sentir mal. E ele sabia que a mais impronunciável e terrível vileza daquilo tudo era a presença dessa criatura dentro da Casa... a Casa da Beleza.

Porque o horror era inevitável onde aquela Coisa vivia – um horror crescente, que arruinava paz e a serenidade que eram as marcas registradas da Casa. A beleza, a maravilhosa e imortal beleza da Casa, estava para sempre perdida, pois dentro de suas paredes, bentas e consagradas, residia aquela Sombra de uma Coisa Impura!

Se tivesse que voltar a sonhar com a Casa, Segrave sabia que acordaria de imediato, tomado de terror, receoso de que por trás da beleza branca, a Coisa, de súbito, viesse espreitá-lo.

Na noite seguinte, ao deixar o escritório, seguiu direto para a casa de Wetterman. Precisava ver Allegra Kerr. Maisie lhe diria onde poderia encontrá-la.

Sequer percebeu a luz de entusiasmo que correu pelos olhos de Maisie assim que ele apareceu, e ela se apressou para cumprimentá-lo. Sem perder tempo, com a mão dela ainda na sua, disparou seu pedido.

– A senhorita Kerr. Encontrei-a ontem, mas não sei onde ela está hospedada.

Também não sentiu a mão de Maisie amolecer enquanto a retirava da sua. A repentina frieza de sua voz não lhe significou nada.

– Allegra está aqui. Está hospedada conosco. Mas temo que você não possa vê-la.

– Mas...

– Olhe, ela perdeu a mãe esta manhã. Há pouco soubemos da notícia.

– Oh! – Ele recuou.

– É realmente muito triste – disse Maisie. Hesitou por um minuto, depois continuou. – Veja bem, ela morreu... morreu num asilo. Há casos de insanidade na família. O avô se deu um tiro na cabeça, uma das tias de Allegra sofre de cretinismo incurável e outra se afogou.

John Segrave deixou escapar um som inarticulado.

– Senti-me na obrigação de lhe dizer tudo isso – disse Maisie, num tom virtuoso. – Afinal, somos amigos, não é? E claro que Allegra é muito atraente. Muitos já a pediram em casamento, mas

naturalmente ela rejeita as propostas... Como poderia se casar, não é mesmo?

– Ela é normal – disse Segrave. – Não há nada de errado com *ela*.

Sua voz soou um pouco áspera e artificial aos seus próprios ouvidos.

– Ninguém pode garantir; a mãe dela era bastante normal quando jovem. E a loucura de que sofria não era, como dizer, do tipo excêntrico. Era a loucura em toda sua ferocidade. Uma coisa terrível, a insanidade.

– Sim – ele disse –, é mesmo uma Coisa terrível...

Agora ele sabia o que era aquilo que olhava para ele através da janela da Casa.

– Vim realmente apenas para me despedir... e também para lhe agradecer por toda sua gentileza.

– Você está mesmo partindo?

Havia alarme em sua voz.

Ele sorriu de leve para ela – um sorriso torto, patético e atraente.

– Sim – ele disse. – Para a África.

– África!

Maisie fez eco à palavra sem qualquer expressão. Antes que pudesse se recuperar, ele já havia lhe apertado a mão e partido. Foi deixada ali de pé, as mãos crispadas ao lado do corpo, uma pequena mancha vermelha provocada pela fúria em cada uma das faces.

Lá embaixo, junto à porta, John Segrave cruzou com Allegra que vinha da rua. Ela estava trajando negro, o rosto lívido e sem vida.

Lançou-lhe um olhar e o conduziu até um vestíbulo.

– Maisie lhe contou – ela disse. – Já sabe de *tudo*?

Ele assentiu com a cabeça.

– Mas o que importa isso, afinal? *Você* está bem. Isso... isso deixa algumas pessoas de fora.

Ela o olhou de modo sombrio, lutuosamente.

– Você *está* bem – ele repetiu.

– Não sei – ela disse, quase num suspiro. – Não sei. Já lhe falei... sobre meus sonhos. E quando eu toco... quando toco piano... *esses outros* aparecem e tomam controle de minhas mãos.

Ele a encarava, paralisado. Por um instante, enquanto ela falava, alguma coisa olhou através dos olhos dela. Desapareceu de imediato – mas ele sabia. Tratava-se da Coisa que tinha olhado para ele de dentro da Casa.

Ela percebeu seu recuo momentâneo.

– Agora você entende – ela sussurrou. – Mas preferia que Maisie não lhe tivesse dito nada. Isso leva tudo o que você tem.

– Tudo?

– Sim. Não sobrarão sequer os sonhos. Por ora... você jamais ousará sonhar outra vez com a Casa.

O sol da África Ocidental castigava, e o calor era intenso.

John Segrave continuava a se lamentar.

– Não consigo encontrá-la. Não consigo encontrá-la.

O pequeno médico inglês com a cabeça vermelha e o tremendo maxilar olhava zangado para seu paciente, daquele modo agressivo que tornara sua marca registrada.

– Ele sempre diz a mesma coisa. O que isso significa?

– Ele fala, pelo que sei, de uma casa, *monsieur* – disse a irmã de caridade da missão romana da Igreja católica, com sua voz suave e de dicção branda, enquanto ela também mirava o homem combalido.

– Uma casa, então? Bem, é preciso tirar essa ideia da cabeça dele, ou não poderemos recuperá-lo. É tudo fruto de sua imaginação. Segrave! Segrave!

A atenção que antes vagava se fixou. Os olhos pararam na face do médico, num sinal de reconhecimento.

– Escute, o senhor vai superar isso. Vou tirá-lo dessa. Mas é preciso parar de se preocupar com essa casa. Ela não vai fugir, não é verdade? Então pare de se incomodar com ela por um momento.

– Tudo bem. – Ele parecia obediente. – Suponho que ela não possa mesmo sair do lugar se nunca esteve lá.

– Claro que não! – O médico deixou vir sua risada mais faceira. – Em breve o senhor estará recuperado. – E de uma maneira brusca e intempestiva, ele partiu.

Segrave ficou ali estendido, pensando. A febre havia baixado por um momento, e ele podia raciocinar com clareza e lucidez. Ele *precisava* encontrar a Casa.

Por dez anos ele temera encontrá-la – o pensamento de que pudesse encontrá-la sem perceber lhe provocava grandes terrores. E então ele se lembrou que quando seus temores já estavam devidamente aplacados, certo dia *ela o* encontrou. Recuperou com nitidez o primeiro e angustiante terror que havia sentido, e depois o súbito e delicioso alívio. Porque, no fim das contas, a Casa estava

vazia!

Vazia por completo e deliciosamente pacata. Era como a lembrança que tinha dela dez anos atrás. Ele não esquecera. Havia uma enorme carroça preta, de uma transportadora de móveis, afastando-se devagar da Casa. O último inquilino, claro, levava seus pertences. Ele se aproximou dos responsáveis pela carroça e falou com eles. Havia algo bastante sinistro sobre aquela caminhonete: era muito preta. Os cavalos também eram pretos, com crinas e rabos que se moviam livres; e os homens, sem exceção, trajavam roupas e luvas pretas. Tudo aquilo o fazia lembrar de outra coisa, algo de que ele havia esquecido.

Sim, ele estava certo. O último inquilino estava de mudança, já que seu contrato terminava. A Casa deveria ficar vazia no momento, até que o proprietário voltasse do exterior.

E, ao acordar, sentiu-se inundado pela pacata beleza da Casa vazia.

Um mês depois disso, recebeu uma carta de Masie (ela lhe escrevia, com perseverança, uma vez por mês). Nela ela lhe dizia que Allegra Kerr tinha morrido na mesma casa que a mãe, e lhe perguntou se não era uma notícia terrivelmente triste. Embora, claro, tivesse sido um alívio para a coitada.

Sim, de fato, era uma notícia das mais estranhas. Mais ainda depois daquele seu sonho. Ele ainda não o tinha compreendido por completo. Mas era estranho.

E o pior disso tudo foi que, depois desse acontecimento, jamais conseguiu encontrar a Casa outra vez. De alguma maneira, ele havia se esquecido do caminho.

A febre voltou a tomar conta de seu corpo. Debatia-se sem parar. Claro, ele havia se esquecido, a Casa ficava em um lugar elevado! Era preciso subir para chegar até lá. Mas era um trabalho dos diabos subir pelo despenhadeiro, um trabalho que fazia suar e dava calor. Para cima, para cima, para cima... Oh! Ele havia escorregado! Deveria recomeçar lá de baixo. Para cima, para cima, para cima. Passaram-se dias, semanas... ele não sabia se não tinha sido até mesmo um ano inteiro! E ele seguia subindo.

Certa vez, ele ouviu a voz do médico. Mas ele não podia parar de subir para escutá-la. Além disso, o médico lhe diria para parar de procurar a Casa. *Ele* acreditava se tratar de uma casa qualquer. Ele não sabia de nada.

Lembrou-se, de súbito, que era preciso manter a calma, muita calma. Não se podia encontrar a Casa a não ser que se estivesse muito calmo. Não fazia sentido procurar a Casa movido pela pressa ou alterado pela excitação.

Se ele pudesse ao menos se manter calmo! Mas estava tão quente! Quente? Estava era *frio*... sim, frio. Não se tratavam de desfiladeiros, mas sim de icebergs – gélidos e escarpados icebergs.

Estava tão cansado. Desistiria de sua busca – aquilo não fazia sentido. Ah! Ali estava uma alameda, sim, que era muito melhor, no fim das contas, do que icebergs. Como estava agradável e fresco naquela alameda verde e sombreada. E essas árvores – como são esplêndidas! Lembram... o que mesmo? Ele não podia lembrar, mas não tinha importância.

Ah! Ali estavam as flores. Todas douradas e azuis! Como eram adoráveis, e, ao mesmo tempo, estranhamente familiares. Então,

através das árvores, revelou-se, lá adiante, um vislumbre da Casa, estendendo-se sobre a elevação. Como ela era linda. A alameda verde e as árvores e as flores não eram nada se comparadas à magnitude, à beleza da Casa que satisfazia todos os sentidos.

Apressou o passo. E pensar que ele jamais estivera do lado de dentro! Como isso havia sido uma grande estupidez da parte dele, ainda mais quando, por todo o tempo, levava a chave no bolso consigo!

E é claro que a beleza exterior em nada podia se comparar com a parte interna – principalmente agora que o Dono havia voltado do estrangeiro. Subiu os degraus em direção à porta principal.

Mãos fortes e cruéis o puxavam de volta! Elas o subjugavam, arrastando-o para lá e para cá, para frente e para trás.

O médico o chacoalhava, urrando em seu ouvido.

– Aguente firme, homem, aguente firme. Não se entregue. Não se entregue – Em seus olhos brilhava a fúria de alguém ao avistar um inimigo. Segrave se perguntava quem era o Inimigo. A irmã, em seu hábito preto, rezava. Aquilo também era estranho.

E tudo o que *ele* queria era que o deixassem sozinho. Para voltar para a Casa. A cada minuto a imagem da Casa se tornava mais difusa.

Isso, era certo, devia-se à força do médico. Ele não tinha forças suficientes para lutar contra o doutor. Se houvesse uma maneira...

Mas espere! Havia uma maneira... a maneira como os sonhos escapam no momento de despertar. Nenhuma força é capaz de *detê-los*: eles simplesmente deslizam. As mãos do médico não seriam capazes de segurá-lo se ele conseguisse deslizar... apenas

deslizar!

Sim, era esse o caminho! As paredes brancas se tornaram mais uma vez visíveis, a voz do médico começou a desvanecer, suas mãos já quase não se faziam sentir. Agora ele sabia como os sonhos se divertem quando nos deixam apenas o seu deslizar!

Estava junto à porta da Casa. A adorável quietude estava inalterada. Enfiou a chave na fechadura e a torceu.

Teve que esperar apenas um momento para perceber em sua totalidade a inefável e perfeita e sublime completude da alegria.

Então... ele cruzou o Umbral.

---

* No original, há uma referência ao conto folclórico, recorrente em toda a Grã-Bretanha, de *will-o'-the-wisp*, segundo o qual um ferreiro, de nome Will, depois de desperdiçar uma nova chance de salvar sua alma, é condenado a vagar eternamente pela terra. O diabo lhe oferece uma chama, que ele deveria usar para se esquentar, mas que acaba utilizando para enganar viajantes e conduzi-los à perdição nos pântanos. (N.T.)

** Segunda das quatro óperas de Richard Wagner (1813-1883) que compõem o ciclo *O anel dos Nibelungos.* (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro *Poirot e o mistério da arca espanhola & outras histórias*

Título original do conto: *The House of Dreams*
Tradução: Pedro Gonzaga
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
A casa dos sonhos / Agatha Christie; trad. Pedro Gonzaga – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *The House of Dreams*
ISBN 978-65-5666-058-5
1. Ficção policial inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

The House of Dreams Copyright © 1926 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All

rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
DENTRO DE UMA
PAREDE
UM CONTO

Agatha Christie®

DENTRO DE UMA PAREDE

Tradução de Pedro Gonzaga

UM CONTO

L&PM EDITORES

Dentro de uma parede

Publicado pela primeira vez na *Royal Magazine*, em outubro de 1925.

Foi a sra. Lemprière quem descobriu a existência de Jane Haworth. E quem mais poderia ter sido? Alguém um dia disse que a sra. Lemprière era sem dúvida a mulher mais odiada de Londres, mas acho isso um exagero. Ela certamente tem um talento especial para desencavar justo aquilo que mais desejamos esconder, e ela faz isso de maneira genial. É sempre um acontecimento.

Desta vez nós estávamos tomando chá no estúdio de Alan Everard. Ele costumava dar esses chás de tempos em tempos, e ficava ali pelos cantos, vestindo roupas muito velhas, chacoalhando as moedas dentro dos bolsos da calça, com um ar profundamente infeliz.

Suponho que ninguém contestaria a genialidade de Everard hoje em dia. Seus dois quadros mais famosos, *Cor* e *O especialista*, que pertencem à sua primeira fase, antes de ele se tornar um elegante retratista, foram comprados pela pátria no ano passado, e pela primeira vez a escolha foi de um bom gosto indiscutível. Mas na ocasião a que me refiro, Everard estava apenas começando a se firmar, e nós éramos livres para pensar que o havíamos descoberto.

Era sua mulher quem organizava essas festas. A postura de Everard em relação a ela era peculiar. Era evidente que a adorava, nada mais incontestável. Afinal, adoração era o que Isobel merecia.

Mas ele parecia se sentir sempre um pouco em débito para com ela. Provia-a de qualquer coisa que ela desejasse, não tanto por conta de sua ternura, mas sim por uma convicção inalterável de que ela possuía o direito de fazer as coisas à sua maneira. Suponho que isso seja também bastante natural, se alguém parar para pensar.

Porque Isobel Loring havia sido de fato muito celebrada. Quando fora apresentada à sociedade, havia sido *a* debutante do ano. Tinha tudo, exceto dinheiro: beleza, destaque na sociedade, boa educação, inteligência. Ninguém esperava que fosse se casar por amor. Ela não era esse tipo de garota. Quando chegou à maioridade, contava com três pretendentes: o herdeiro de um ducado, um político promissor e um milionário sul-africano. E então, para a surpresa de todos, casou-se com Alan Everard – um jovem pintor no início de carreira, de quem ninguém nunca tinha ouvido falar.

Foi em tributo à sua personalidade, penso eu, que todos continuaram chamando-a de Isobel Loring. Ninguém jamais se referiu a ela como Isobel Everard. Eles diziam: “Eu vi Isobel Loring esta manhã. Sim, com o marido dela, o jovem Everard, o pintor”.

As pessoas diziam que Isobel tinha feito uma “má escolha”. Creio que para muitos homens teria sido uma “ótima escolha” caso ficassem conhecidos como “o marido de Isobel Loring”. Mas Everard era diferente. O talento de Isobel para antever o sucesso não havia falhado, afinal. Alan Everard havia pintado *Cor.*

Suponho que todos conheçam o quadro: a extensão de uma estrada cortada por uma vala, e terra de cor avermelhada revirada, um brilhante e lustroso cano de esgoto e o imenso operário, apoiado

em sua pá, descansando por um instante – uma figura hercúlea, vestindo calças de veludo cotelê manchadas e um lenço escarlate no pescoço. Seu olhar sai da tela e fita o espectador, um olhar desprovido de inteligência ou esperança, mas com uma taciturna e inconsciente súplica, os olhos de um animal feroz, magnífico e brutal. É algo extravagante – uma sinfonia em laranja e vermelho. Muito foi escrito sobre seu simbolismo, sobre o que pretendia expressar. O próprio Alan Everard afirma que não pretendia expressar nada. Diz que estava enjoado de tanto ver quadros de pores do sol venezianos, e que o invadiu um repentino desejo por uma profusão de cores genuinamente inglesas.

Depois disso, Everard apresentou ao mundo aquela épica pintura de uma taverna – *Romance*: a rua negra e chuvosa, a porta entreaberta, as luzes e os copos brilhantes, o pequeno homem de rosto malicioso cruzando o vão da porta, pequeno no sentido de insignificante, com lábios repartidos e olhos ávidos, entrando para se perder.

Em vista dessas duas pinturas, Everard foi aclamado como um pintor de “homens comuns”. Ele tinha seu nicho. Mas se recusava a permanecer nele. Seu terceiro e mais brilhante trabalho foi um retrato de corpo inteiro de sir Rufus Hershman. O famoso cientista está pintado sobre um fundo de retortas e crisóis e estantes de laboratório. O conjunto tem o que se pode chamar de um efeito cubista, mas as linhas de perspectiva estendem-se de forma peculiar.

E agora ele havia completado seu quarto trabalho – um retrato de sua mulher. Tínhamos sido convidados para ver e criticar o quadro.

Everard franzia a testa e olhava pela janela; Isobel Loring movia-se por entre os convidados, falando sobre técnica com inabalável exatidão.

Fizemos alguns comentários. Tínhamos de fazê-lo. Elogiamos a pintura do cetim cor-de-rosa. Seu tratamento, dissemos, era de fato maravilhoso. Ninguém havia pintado cetim daquela maneira antes.

A sra. Lemprière, uma das críticas de arte mais inteligentes que conheço, me puxou para um canto tão logo pôde.

– Georgie – ela disse –, o que foi que aconteceu? O quadro está apático. Está plano. Está... está abominável.

– *Retrato de uma dama em cetim cor-de-rosa*? – sugeri.

– Exato. No entanto a técnica é perfeita. E o esmero! Há trabalho suficiente ali para dezesseis quadros.

– Trabalho demais? – sugeri.

– Talvez seja isso. Se em algum momento havia alguma coisa ali, ele a matou. Uma mulher lindíssima num vestido de cetim cor-de-rosa. Por que não uma fotografia colorida?

– Por que não? – concordei. – Você acha que ele sabe?

– É claro que ele sabe – disse a sra. Lemprière com desprezo.

– Você não vê que o homem está uma pilha de nervos? Certamente por misturar sentimento com negócios. Ele deu tudo de si para pintar Isobel, porque ela é *a* Isobel, e por poupá-la ele a acabou perdendo. Foi muito complacente. Às vezes é preciso destruir a carne antes que possa capturar a alma.

Acenei com a cabeça de modo reflexivo. Sir Rufus Herschman não havia sido favorecido fisicamente, porém Everard havia estampado na tela com sucesso uma personalidade que era

inesquecível.

– E Isobel tem uma personalidade tão enérgica – continuou a sra. Lemprière.

– É possível que Everard não consiga pintar mulheres – eu disse.

– É possível que não – disse a sra. Lemprière, pensativa. – Sim, talvez essa seja a explicação.

E foi então que, com sua habitual perspicácia, ela puxou uma tela que estava encostada com a face voltada para a parede. Havia cerca de oito delas, amontoadas com desleixo. Foi por puro acaso que a sra. Lemprière escolheu aquela e não qualquer uma das outras, mas, como já disse, essas coisas acontecem com a sra. Lemprière.

– Ah! – disse a sra. Lemprière ao voltá-la para a luz.

Estava inacabada, um mero esboço. A mulher, ou moça – ela não tinha, a meu ver, mais de 25 ou 26 anos – estava inclinada para frente, o queixo apoiado na mão. Duas coisas me impressionaram imediatamente: a extraordinária vitalidade do quadro e sua incrível crueldade. Everard parecia estar se vingando através do pincel. A postura chegava a ser cruel – evidenciava cada deselegância, cada ângulo acentuado, cada aspereza. Era um estudo em marrom – vestido marrom, fundo marrom, olhos do mesmo tom – olhos desejosos, ávidos. Avidez era, de fato, sua marca predominante.

A sra. Lemprière observou a pintura em silêncio por alguns minutos. Então, chamou Everard.

– Alan – ela disse –, venha aqui. Quem é esta?

Everard se aproximou, obediente. Pude ver o súbito lampejo de irritação que ele não conseguiu esconder por completo.

– Isso é apenas um rascunho. Acredito que nem chegarei a terminá-lo.

– Quem é ela? – perguntou a sra. Lemprière.

Everard se mostrava reticente em responder, e sua relutância só fazia instigar ainda mais a sra. Lemprière, que tem por princípio sempre acreditar no pior.

– Uma amiga minha, a srta. Jane Haworth.

– Eu não a conheço –, disse a sra. Lemprière.

– Ela não vem a essas exibições. – Ele fez uma pausa, depois acrescentou: –Ela é madrinha de Winnie.

Winnie era sua filhinha de cinco anos.

– É mesmo? – perguntou a sra. Lemprière. – Onde ela mora?

– Battersea. Num apartamento.

– É mesmo? – disse mais uma vez a sra. Lemprière, e então completou: – E o que foi que ela fez para o senhor?

– Para mim?

– Para o senhor. Para fazer com que fosse tão implacável.

– Ah, é disso que a senhora está falando! – ele riu. – Bem, a senhora sabe, ela não é nenhuma beldade. Não posso transformá-la por conta da nossa amizade, não é mesmo?

– O senhor fez o oposto – disse a sra. Lemprière. – Captou cada defeito dela e o exagerou e distorceu. Tentou fazê-la parecer ridícula... mas não conseguiu, meu jovem. Este retrato, se o senhor terminá-lo, sobreviverá.

Everard parecia incomodado.

– Não está mal – ele disse, de modo raso –, quero dizer, para um esboço. Mas não chega aos pés do retrato de Isobel. Aquele é de

longe a melhor coisa que já fiz.

Ele disse as últimas palavras de modo desafiador e agressivo. Nenhum de nós respondeu.

– De longe a melhor coisa que já fiz – ele repetiu.

Alguns dos outros haviam se aproximado de nós. Eles também puderam ver o esboço. Houve exclamações, comentários. O clima começou a melhorar.

Foi dessa maneira que pela primeira vez ouvi o nome de Jane Haworth. Posteriormente, vim a encontrá-la – duas vezes. Vim a saber detalhes de sua vida por meio de um de seus amigos mais íntimos. Vim a descobrir muito através do próprio Alan Everard. Agora que os dois estão mortos, acredito que seja hora de contradizer algumas das histórias que a sra. Lemprière anda, com todo empenho, espalhando. Diga que minha história é um tanto fabulosa, se quiser, mas não está longe da verdade.

Depois que os convidados partiram, Alan Everard voltou a virar o retrato de Jane Haworth para a parede. Isobel caminhou através da sala e parou ao lado dele.

– Um sucesso, você não acha? – ela perguntou atenciosa. – Ou não foi um verdadeiro sucesso?

– O retrato? – ele perguntou rapidamente.

– Não, seu bobo, a festa. É claro que o retrato é um sucesso.

– É a melhor coisa que já fiz – Everard declarou agressivo.

– Estamos progredindo – disse Isobel. – Lady Charmington quer que você a retrate.

– Oh, Deus! – ele franziu a testa. – Você sabe que eu não sou um

retratista clássico.

– Você será. Chegará ao topo.

– Não é ao topo que eu quero chegar.

– Mas Alan, meu querido, é assim que se ganha rios de dinheiro.

– E quem quer rios de dinheiro?

– Talvez eu queira – disse ela, sorrindo.

Instantaneamente ele sentiu-se apologético, envergonhado. Se não tivesse se casado com ele, ela poderia ter seus rios de dinheiro. E ela precisava deles. Certa dose de luxo era o cenário adequado para ela.

– Não estamos nos saindo tão mal nos últimos tempos – disse ele, ansioso.

– É verdade, não estamos, mas as contas estão chegando rápido.

Contas... sempre as contas!

Ele caminhava de um lado para o outro.

– Ah, que se exploda! Eu não quero pintar lady Charmington – ele irrompeu, como uma criança petulante.

Isobel deu um pequeno sorriso. Ela permaneceu à beira do fogo sem se mover. Alan interrompeu suas incansáveis passadas e chegou mais perto dela. O que havia nela, em seu silêncio, em sua apatia, que o atraía daquela maneira... que o atraía como um imã? Como ela era linda – seus braços como brancas esculturas de mármore, o ouro imaculado de seus cabelos, seus lábios – lábios vermelhos e carnudos.

Ele os beijou, sentiu-os contra os seus. Alguma coisa mais importava? O que havia em Isobel que fazia com que você se

sentisse reconfortado, que livrava alguém de todas as suas aflições? Ela o atraía para sua bela inércia e o mantinha lá, sossegado e contente. Papoula e mandrágora; você flutuava por lá, em um lago sombrio, adormecido.

– Pintarei lady Charmington – ele disse num instante. – O que importa? Ficarei entediado... mas afinal, pintores têm que comer. Tem o sr. Pots, o pintor, a sra. Pots, esposa do pintor, e a srta. Pots, filha do pintor – todos precisando de sustento.

– Seu tolinho! – disse Isobel. – Por falar na sua filha, você tem que ir visitar Jane uma hora dessas. Ela esteve aqui ontem, e disse que não vê você há meses.

– Jane esteve aqui?

– Sim, para ver Winnie.

Alan deixou Winnie de lado.

– Ela viu o seu retrato?

– Sim.

– O que ela achou dele?

– Ela disse que estava esplêndido.

– Oh!

Ele franziu a testa, perdido em pensamentos.

– Acho que a sra. Lemprière desconfia que você nutre uma paixão secreta por Jane. – Comentou Isobel. – Ela encolheu o nariz um bocado.

– Aquela mulher! – disse Alan, com profundo desgosto. – Aquela mulher! O que ela não pensaria? O que ela não pensa?

– Bem, *eu* não penso nada – disse Isobel, sorrindo. – Então trate de ir logo visitar Jane.

Alan olhou de lado para ela. Ela agora estava sentada em um pequeno sofá perto da lareira. Seu rosto parcialmente virado, o sorriso ainda nos lábios. E naquele momento ele se sentiu desnorteado, confuso, como se um nevoeiro tivesse se formado ao seu redor e, ao dissipar-se de repente, houvesse dado a ele um rápido vislumbre de um território desconhecido.

Alguma coisa lhe dizia: “Por que ela quer que você vá visitar Jane? Há alguma razão”. Porque quando se tratava de Isobel, sempre havia uma razão. Não havia instinto em Isobel, apenas cálculo.

– Você gosta da Jane?

– Ela é um amor – disse Isobel.

– Sim, mas você realmente gosta dela?

– É claro. Ela é tão dedicada a Winnie. Por falar nisso, ela quer levar Winnie para a praia na semana que vem. Você não se importa, não é? Ficaríamos livres para ir à Escócia.

– Seria bastante conveniente.

Seria mesmo. Bastante conveniente. Ele olhou na direção de Isobel com uma súbita suspeita. Ela havia *pedido* a Jane? Era muito fácil se aproveitar de Jane.

Isobel levantou-se e saiu da sala, cantarolando para si mesma. Bem, não importava. De qualquer forma, ele iria visitar Jane.

Jane Haworth morava no último andar de um solar de apartamentos com vista para o parque Battersea. Depois de haver subido quatro andares de escadas e apertado a campainha, Everard sentiu-se irritado com Jane. Por que ela não podia morar num lugar de mais fácil acesso? Quando, depois de apertar três vezes a

campainha, ainda não havia obtido resposta, sua irritação aumentou consideravelmente. Por que ela não conseguia empregar uma pessoa capaz de atender a porta?

De repente ela se abriu, e a própria Jane estava parada na entrada. Estava corada.

– Onde está Alice? – perguntou Everard, sem fazer nenhum esforço em cumprimentá-la.

– Bem, penso que... quero dizer, ela não está muito bem hoje.

– Andou bebendo de novo? – perguntou Everard com crueldade.

Era uma pena que Jane fosse uma mentirosa tão inveterada.

– Acredito que sim – disse Jane de forma relutante.

– Deixe-me vê-la.

Ele avançou a passos largos para dentro do apartamento. Jane o seguiu com irresistível obediência. Ele encontrou a delinquente Alice na cozinha. Não havia a menor dúvida quanto ao seu estado. Seguiu Jane até a sala de estar com um silêncio amargo.

– Você vai ter que se livrar dela – ele disse. – Já lhe disse isso.

– Eu sei que você disse, Alan, mas não posso fazer isso. Esqueceu? O marido dela está na prisão.

– Onde merece estar – disse Everard. – Quantas vezes essa mulher esteve bêbada durante os três meses em que trabalha aqui?

– Não foram muitas vezes; talvez três ou quatro. Ela fica deprimida, você sabe como é.

– Três ou quatro! Está mais para nove ou dez. Como ela cozinha? Pessimamente. Ela lhe presta alguma assistência ou lhe proporciona qualquer conforto neste apartamento? De maneira alguma. Por Deus, livre-se dela amanhã de manhã e contrate uma

garota que seja útil.

Jane fitou-o com tristeza.

– Você não vai fazer isso – disse Everard, melancólico, afundando numa imensa poltrona. – Você é uma criatura tão sentimental. Que história é essa de que vai levar Winnie para a praia? Quem sugeriu isso, você ou Isobel?

Jane disse muito depressa:

– Fui eu, é claro.

– Jane – disse Everard –, se você apenas aprendesse a dizer a verdade, eu poderia gostar mesmo de você. Sente-se e, pelo amor de Deus, pare de contar mentiras ao menos por dez minutos.

– Oh, Alan! – disse Jane, e sentou-se.

O pintor examinou-a, em uma atitude crítica, por um ou dois minutos. Aquela mulher – a sra. Lemprière – estava certa. Ele havia sido cruel ao retratar Jane. Jane era quase – senão consideravelmente – bonita. Sua complexão longilínea lembrava as antigas formas gregas. Era sua ansiosa necessidade de agradar que a tornava estranha. Ele havia se apegado a essa característica, tendo-a exacerbado, aguçando a linha do seu queixo já um pouco pronunciado, projetando seu corpo em uma pose feia.

Por quê? Por que lhe era impossível ficar cinco minutos na companhia de Jane sem sentir brotar dentro de si uma violenta irritação contra ela? Dissesse o que dissesse, Jane era querida, mas irritante. Ele nunca se sentia calmo e tranquilo com ela como se sentia com Isobel. E, apesar disso, Jane era tão ansiosa em agradar, tão disposta a concordar com tudo o que ele dizia, mas, minha nossa, tão claramente incapaz de esconder seus verdadeiros

sentimentos.

Ele olhou em volta da sala. Era a cara de Jane. Algumas coisas simpáticas, verdadeiras pérolas, aquela peça esmaltada de Battersea, por exemplo, e, ao lado da peça, um monstruoso vaso com rosas pintadas à mão.

Ele ergueu o último.

– Você ficaria muito brava, Jane, se eu atirasse isso pela janela?

– Oh, Alan, você não pode fazer isso.

– O que você quer com todo esse lixo? Você tem muito bom gosto, se ao menos se desse ao trabalho de usá-lo. Combinando as coisas!

– Eu sei, Alan. Não é que eu não saiba fazê-lo. Mas as pessoas me dão coisas. O vaso: miss Bates trouxe de Margate, e ela é tão pobre, e tem que trabalhar duro, e deve ter sido muito caro... para ela, quero dizer, e ela achou que fosse me agradar muito. Fui simplesmente obrigada a colocá-lo num lugar de destaque.

Everard não disse nada. Continuou olhando em volta da sala. Havia uma ou duas gravuras na parede – havia também diversas fotografias de bebês. Bebês, por mais que suas mães acreditem, nem sempre são fotogênicos. Qualquer das amigas de Jane que tivesse um bebê, apressava-se em mandar fotografias deles para ela, na expectativa de que essas recordações fossem estimadas. Jane as havia mesmo estimado.

– Quem é este monstrinho? – perguntou Everard, examinando um gordinho estrábico. – Não me lembro de tê-lo visto antes.

– É uma menina – disse Jane. – O novo bebê de Mary Carrington.

– Pobre Mary Carrington – disse Everard. – Suponho que você vá fingir que gosta de ter esta criança tenebrosa encarando você o dia todo com seus olhinhos estrábicos.

Jane disparou:

– Ela é uma criança adorável. Mary é uma amiga muito querida.

– A leal Jane – disse Everard, sorrindo para ela. – Então Isobel empurrou Winnie para você.

– Ora, ela disse que vocês queriam ir à Escócia, e eu me ofereci. Você vai me deixar ficar com Winnie, não vai? Eu venho pensado há tempos se você a deixaria ficar aqui comigo, mas não quis perguntar.

– Oh, você pode ficar com ela... mas é muita generosidade sua.

– Então está combinado – disse Jane com alegria.

Everard acendeu um cigarro.

– Isobel mostrou a você o novo retrato? – ele perguntou, de forma vaga.

– Mostrou.

– O que você achou?

A resposta de Jane veio rápida – rápida demais.

– É absolutamente esplêndido. Realmente esplêndido.

Alan levantou-se de um salto. A mão que segurava o cigarro estremeceu.

– Que diabos, Jane, não minta para mim!

– Mas Alan, tenho certeza, está absolutamente esplêndido.

– Você ainda não percebeu, Jane, que eu conheço cada entonação da sua voz? Você mente para mim como se fosse uma vendedora de roupas para não me magoar, suponho. Por que você

não pode ser honesta? Acha que eu quero que você me diga que algo é esplêndido quando nós dois sabemos que não é? O maldito quadro está morto... morto. Não há vida alguma ali, nada por trás, nada além da superfície, maldita e branda superfície. Eu me enganei o tempo todo... sim, mesmo nesta tarde. Vim até aqui, até você, para descobrir. Isobel não sabe. Mas você sabe, você sempre sabe. Eu sabia que você ia me dizer que o quadro era bom... você não tem um bom-senso moral para esse tipo de coisa. Mas posso perceber pelo tom da sua voz. Quando eu mostrei *Romance* a você, você não disse absolutamente nada... prendeu a respiração e deu uma espécie de suspiro.

– Alan...

Everard não lhe deu chance de falar. Jane estava produzindo nele o efeito que ele conhecia tão bem. Estranho que uma criatura da gentileza de Jane pudesse provocar nele uma fúria tão arrebatadora.

– É possível que você pense que perdi a capacidade – ele disse, furioso –, mas eu não perdi. Posso realizar trabalhos tão bons quanto *Romance*... até melhores, talvez. Eu vou mostrar a você, Jane Haworth.

Ele saiu depressa dali. Caminhando com rapidez, atravessou o parque e a Ponte Albert. Ele ainda estava tinindo de irritação e raiva. Jane, decerto! O que *ela* sabia sobre pintura? O que a opinião *dela* valia? Por que ele deveria se importar? Mas ele se importava. Ele queria pintar algo que fizesse Jane perder o fôlego. Sua boca se abriria de leve e suas bochechas ficariam vermelhas. Ela olharia primeiro para a pintura, e depois para ele. Não diria absolutamente

nada, era provável.

No meio da ponte ele visualizou o quadro que iria pintar. A imagem lhe ocorreu do nada, imprevista. Ele pôde ver no ar, ou seria apenas em sua mente?

Uma loja pequena e sombria, de objetos raros, um tanto escura e de aspecto bolorento. Atrás do balcão um judeu – um judeu baixo, com olhos astutos. Na frente dele um cliente, um homem grande, polido, bem-nutrido, opulento, inchado, com uma grande queixada. Acima deles, em uma prateleira, um busto feito de mármore branco. A luz ali, na face de mármore do menino, a beleza imortal da Grécia antiga, zombadora, indiferente à venda e ao escambo. O judeu, o rico colecionador, a cabeça do menino grego. Ele viu tudo.

– O *conhecedor*, é assim que vou chamá-lo – murmurou Alan Everard, medindo os passos até meio-fio e escapando por um triz de ser aniquilado por um ônibus que passava. – Sim, O *conhecedor*. Vou mostrar a Jane.

Quando chegou em casa, passou direto para o estúdio. Isobel o encontrou lá, arrumando telas.

– Alan, não se esqueça que vamos jantar com os Marches.

Everard sacudiu a cabeça, impaciente.

– Que se danem os Marches. Eu vou trabalhar. Tenho algo em mente, mas preciso gravar essas imagens... gravá-las agora na tela, antes que sumam. Ligue para eles. Diga que eu morri.

Isobel fitou-o pensativa por alguns instantes, e depois saiu. Ela dominava perfeitamente a arte de viver com um gênio. Foi até o telefone e inventou uma desculpa plausível.

Ela olhou em volta, bocejando um pouco. Então se sentou em

sua escrivaninha e começou a escrever.

Cara Jane.

Muita obrigada pelo seu cheque, que recebemos hoje. Você é generosa com sua afilhada. As cem libras serão muito úteis. Crianças representam um gasto terrível. Você gosta tanto de Winnie que senti que não seria errado recorrer a você para um auxílio. Alan, como todos os gênios, só consegue trabalhar no que quer, e, infelizmente, o que ele quer nem sempre mantém a panela cheia. Espero vê-la em breve.

Atenciosamente,

Isobel

Quando *O conhecedor* estava acabado, alguns meses mais tarde, Alan convidou Jane para vê-lo. O quadro não era exatamente como ele o havia concebido – era impossível esperar que fosse –, mas ele havia chegado perto o suficiente. Ele sentiu o ardor do criador. Ele tinha feito esse trabalho, e o trabalho estava bom.

Dessa vez Jane não lhe disse que estava esplêndido. O rubor conquistou suas bochechas e seus lábios se entreabriram. Ela olhou para Alan, e ele viu em seus olhos o que desejava ver. Jane sabia.

Ele estava nas nuvens. Ele havia mostrado a Jane!

Sem o quadro a ocupar sua mente, voltou a prestar atenção no mundo ao seu redor.

Winnie havia aproveitado muito a quinzena à beira-mar, mas Alan ficou surpreso com o estado das roupas da menina; estavam muito surradas. Ele disse isso a Isobel.

– Alan! Justo você que nunca repara em nada! Mas eu prefiro que crianças sejam vestidas de maneira simples. Detesto quando estão muito espalhafatosas.

– Há uma diferença entre simplicidade e remendos e retalhos.

Isobel não disse nada, mas comprou um vestido novo para Winnie.

Dois dias depois, Alan lutava com a devolução do imposto de renda. Sua caderneta do banco repousava diante dele. Procurava pela caderneta de Isobel na escrivaninha dela quando Winnie entrou saltitando na sala, carregando uma vergonhosa boneca.

– Papai, tenho uma charada. Você consegue adivinhar? “No interior de uma parede branca como leite, no interior de uma cortina macia como seda, banhada num mar transparente como cristal, surge um pomo dourado.” Adivinhe o que é?

–Sua mãe – disse Alan distraidamente. Ele seguia procurando.

– Papai! – Winnie deu uma gargalhada. – É um *ovo*! Por que você pensou que fosse a mamãe?

Alan também sorriu.

– Eu não estava prestando atenção – ele disse. – E as palavras lembravam a mamãe, de certo modo.

Uma parede branca como leite. Uma cortina. Cristal. O pomo dourado. Sim, isso o remetia a Isobel. As palavras são coisas curiosas.

Ele encontrara a caderneta. Ordenou de forma categórica que Winnie saísse da sala. Dez minutos depois ele levantou os olhos, alarmado por uma exclamação aguda.

– Alan!

– Olá, Isobel. Não ouvi você entrar. Olhe aqui, não consigo comprovar esses itens na sua caderneta do banco.

– Por que você está mexendo na minha caderneta do banco?

Ele olhou para ela, boquiaberto. Ela estava furiosa. Nunca a havia visto furiosa antes.

– Eu não imaginava que você fosse se incomodar.

– Pois me incomodo... realmente me incomodo muito. Você não tem o direito de mexer nas minhas coisas.

De repente, Alan também se enfureceu.

– Me desculpe. Mas já que eu mexi nas suas coisas, talvez você possa me explicar uma ou duas entradas intrigantes. Pelo que vejo, quase quinhentas libras foram depositadas na sua conta este ano, o que não confere com as minhas contas. De onde veio esse dinheiro?

Isobel havia recobrado a calma. Ela se afundou em uma cadeira.

– Você não precisa ser tão cerimonioso quanto a isso, Alan – ela disse alegremente. – Não se trata de dinheiro oriundo do pecado, ou algo do gênero.

– De onde veio esse dinheiro, então?

– De uma mulher. Uma amiga sua. Nada disso é para mim. É para Winnie.

– Winnie? Você quer dizer que esse dinheiro é de Jane?

Isobel assentiu com a cabeça.

– Ela é muito afeiçoada à menina. Não se cansa de fazer coisas por ela.

– Sim, mas... esse dinheiro deve de fato ser investido para Winnie.

– Oh! Não é esse tipo de investimento, de maneira nenhuma. É para despesas correntes, roupas e coisas do tipo.

Alan não disse nada. Pensava nos vestidos de Winnie – só remendos e retalhos.

– Sua conta também está negativa, Isobel?

– Está? Isso está sempre acontecendo comigo.

– Sim, mas aquelas quinhentas libras...

– Meu querido Alan. Eu as gastei com Winnie da maneira que me pareceu mais adequada. Posso garantir a você que Jane está bastante satisfeita com o investimento.

Alan *não* estava satisfeito. No entanto, tamanho era o poder da calma de Isobel que ele não disse mais nada. Afinal de contas, Isobel era muito desatenta quando se tratava de dinheiro. Ela não teve a intenção de usar para si o dinheiro dado à filha. O recibo de uma conta chegou a casa naquele dia, endereçado por engano para o sr. Everard. Era de uma costureira em Hanover Square, e o valor era de duzentas e tantas libras. Ele entregou-o a Isobel sem dizer palavra. Ela deu uma olhadela na conta, sorriu e disse:

– Pobrezinho, suponho que isso pareça muito dinheiro para você, mas uma mulher *precisa* se vestir decentemente.

No dia seguinte, ele foi ver Jane.

Jane estava irritante e evasiva como de costume. Ele não estava disposto a se incomodar. Winnie era sua afilhada. Mulheres entendiam dessas coisas, homens não. Era claro que ela não queria gastar quinhentas libras em vestidos para Winnie. Será que ele poderia deixar que ela e Isobel cuidassem desse assunto? Elas se entendiam perfeitamente.

Alan partiu num estado de crescente insatisfação. Ele sabia muito bem que havia se esquivado da única pergunta que realmente queria fazer: “Isobel alguma vez pediu a você dinheiro para Winnie?”. Não fez a pergunta, pois temia que Jane pudesse não mentir com a convicção necessária para convencê-lo.

Mas ele estava preocupado. Jane era pobre. Ele sabia que ela era pobre. Ela não devia – não devia despojar-se do seu dinheiro. Ele decidiu que iria falar com Isobel. Isobel foi muito calma e sensata. É claro que não deixaria Jane gastar mais do que podia.

Um mês depois, Jane morreu.

Morreu de gripe, seguida de pneumonia. Ela fez de Alan seu testamenteiro e deixou tudo o que tinha para Winnie. Mas não era muita coisa.

Alan ficou encarregado de examinar os papéis de Jane. Ela havia deixado um registro com instruções muito claras a serem seguidas, além de numerosas demonstrações de seus atos de bondade, cartas com pedidos, cartas com agradecimentos.

Por fim ele encontrou seu diário. Junto dele estava um pedaço de papel: “Para ser lido após a minha morte por Alan Everard. Ele me repreendia com frequência por não falar a verdade. A verdade está toda aqui”.

Foi então que ele finalmente soube, descobrindo ali, naquele pedaço de papel, a única ocasião em que Jane havia ousado ser honesta. Era um registro, muito simples e espontâneo, do amor dela por ele.

Havia muito pouco sentimentalismo – nada de linguagem

rebuscada. Mas não havia dúvida quanto aos fatos.

Eu sei que você se irrita comigo quase sempre. Por vezes, tudo o que eu digo ou faço parece deixá-lo enfurecido. Não sei por que tem que ser assim, pois eu me empenho tanto em agradá-lo, mas eu acredito, mesmo assim, que eu tenha alguma importância real para você. Ninguém se zanga com pessoas que não lhe importam.

Não foi culpa de Jane o fato de Alan ter encontrado outras coisas. Jane era leal – mas também era descuidada; enchia demais suas gavetas. Ela havia, pouco antes de sua morte, queimado, por zelo, todas as cartas de Isobel. A carta que Alan encontrou estava presa atrás de uma gaveta. Depois de lê-la, os significados de certas marcas cabalísticas nos canhotos do talão de cheques de Jane ficaram claros para ele. Nessa carta em particular, Isobel sequer tinha se dado o trabalho de manter a desculpa de que o dinheiro seria para Winnie.

Alan permaneceu em frente à escrivaninha por um bom tempo, olhando fixamente para fora da janela sem enxergar nada. Por fim, colocou o talão de cheques no bolso e deixou o apartamento. Caminhou de volta até Chealsea, ciente de uma raiva que se tornava cada vez mais forte.

Isobel estava do lado de fora quando ele chegou, e ele lamentou o fato. Tinha muito claro em sua mente tudo o que queria lhe dizer. Acabou subindo para o estúdio e pegando o retrato inacabado de Jane. Colocou-o num suporte ao lado do retrato de Isobel em cetim cor-de-rosa.

A sra. Lemprière estava certa: havia vida no retrato de Jane. Ele olhou para ela, os olhos ávidos, a beleza que ele havia tentado tão

inutilmente lhe negar. Aquela era Jane – a *vivacidade*, mais do que qualquer outra coisa, era Jane. Era ela, pensou, a pessoa mais viva que ele havia conhecido, tanto que, nem mesmo agora ele conseguia pensar que ela estava morta.

E ele pensou em seus outros quadros – *Cor, Romance, sir Rufus Herschman*. Todos tinham sido, de certo modo, retratos de Jane. Ela havia acendido a chama de cada um deles – deixando-o irritado e aflito – para *mostrar* a ela! E agora? Jane estava morta. Ele conseguiria pintar um quadro – um quadro verdadeiro – outra vez? Olhou de novo para o ávido rosto na tela. Talvez. Jane não estava tão longe.

Um som fez com que ele girasse o corpo. Isobel havia entrado no estúdio. Ela estava vestida para o jantar. Trajava um vestido todo branco que realçava o incrível dourado de seus cabelos.

Ela parou de repente e conteve as palavras em seus lábios. Observando-o cuidadosamente, foi até o divã e se sentou. Aparentava calma.

Alan tirou o talão de cheques do bolso.

– Eu estava mexendo nos papéis de Jane.

– Sim?

Ele tentou imitar a calma dela, para evitar que sua voz saísse trêmula.

– Bem, nos últimos quatro anos ela vinha dando dinheiro a você.

– Sim. Para Winnie.

– Não, não era para Winnie – gritou Everard. – Vocês fingiam, vocês duas, que era para Winnie, mas as duas sabiam que não era verdade. Você percebe que Jane estava vendendo seus títulos,

vivendo na miséria para que você comprasse roupas? Roupas que você nem ao menos precisava?

Isobel não tirou os olhos do rosto dele nem por um instante. Acomodou o corpo sobre as almofadas como faria um gato persa.

– Não posso fazer nada se Jane se despojou de mais do que podia – ela disse. – Pensava que ela pudesse dispor desse dinheiro. Ela sempre foi louca por você, eu percebia isso, claro. Algumas esposas teriam feito muito barulho por você estar sempre correndo para vê-la, passando horas por lá. Eu não fiz isso.

– Não – disse Alan, com o rosto muito pálido. – Em vez disso você fez com que ela pagasse.

– Você está dizendo coisas muito ofensivas, Alan. Tome cuidado.

– Não é a pura verdade? Por que era tão fácil para você tirar dinheiro de Jane?

– Não era por amor a mim, certamente. Devia ser por amor a você.

– Era isso mesmo – disse Alan. – Ela pagava pela minha liberdade... liberdade de trabalhar à minha maneira. Contanto que você tivesse dinheiro suficiente, me deixaria em paz... sem me atormentar para que eu pintasse uma porção de mulheres horrendas.

Isobel não disse nada.

– E então? – gritou Alan, furioso.

A tranquilidade dela o enraivecia.

Isobel estava olhando para o chão. Em um instante ela levantou a cabeça e disse com calma:

– Venha aqui, Alan.

Ela tocou no divã ao seu lado. Incomodado e relutante, ele foi até o divã e se sentou, sem olhar para ela. Mas ele sabia estar com medo.

– Alan – disse Isobel de imediato.

– E então?

Ele estava irritado, nervoso.

– Tudo o que você está dizendo pode até ser verdade. Não tem importância. Eu sou assim. Eu desejo ter certas coisas: roupas, dinheiro, você. *Jane está morta*, Alan.

– O que você quer dizer com isso?

– Jane está morta. Agora você é só meu. Você nunca foi só meu antes... não exatamente.

Ele olhou para ela, viu o brilho em seus olhos: aquisitivo, possessivo – estava revoltado e ao mesmo tempo fascinado.

– Agora você será todo meu.

Naquele momento ele entendeu Isobel como nunca havia entendido antes.

– Você me quer como um escravo? Devo pintar o que você me diz para pintar, viver como você me diz para viver, sempre debaixo de sua asa.

– Ponha as coisas dessa maneira se quiser. O que são palavras?

Ele sentiu os braços dela ao redor do seu pescoço, brancos, lisos, firmes como uma parede. Palavras dançavam em seu cérebro. “Uma parede branca como leite.” Ele já estava dentro da parede. Ainda poderia escapar? Ele queria escapar?

Sentiu a voz dela bem perto da sua orelha – mandrágora e papoula.

– Que outra razão há para viver? Isso não é o bastante? Amor... felicidade... sucesso... amor.

A parede estava agora crescendo ao redor dele – “a cortina macia como seda”, a cortina envolvendo-o, sufocando-o de leve, mas tão suave, tão agradável! Agora eles flutuavam juntos, em paz, à deriva no mar de cristal. A parede agora estava muito alta, afastando todas as outras coisas – aquelas coisas perigosas, importunas, que doem; que sempre doem. À deriva no mar de cristal, o pomo dourado entre as suas mãos.

A luz se esvaiu do retrato de Jane.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro Poirot e o mistério da arca espanhola & outras histórias

Título original do conto: *Within a Wall*
Tradução: Pedro Gonzaga
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
Dentro de uma parede / Agatha Christie; trad. Pedro Gonzaga – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *Within a Wall*
ISBN 978-65-5666-059-2
1. Ficção policial inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

Within a Wall Copyright © 1925 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All

rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
A ATRIZ
UM CONTO

Agatha Christie®

A ATRIZ

Tradução de Pedro Gonzaga

UM CONTO

L&PM EDITORES

A Atriz

Publicado pela primeira vez como “A Trap for the Unwary” na *The Novel Magazine*, em maio de 1923.

O maltrapilho na quarta fila da plateia se inclinou para a frente e fixou os olhos com incredulidade no palco. Seus olhos ladinos se estreitaram de modo furtivo.

– Nancy Taylor! – ele murmurou. – Por Deus se não é a pequena Nancy Taylor!

Baixou o olhar sobre o programa que tinha nas mãos. Um nome estava impresso em um tipo um pouco maior do que os outros.

– Olga Stormer! Então esse é o nome que ela usa. Bancando a estrela, não é, minha querida? E deve estar forrando os bolsos, não é? Diria que praticamente se esqueceu que se chamava Nancy Taylor. Fico só imaginando o que você diria se Jake Levitt aparecesse para lembrá-la desse fato.

A cortina se fechou ao fim do primeiro ato. Aplausos calorosos encheram o auditório. Olga Stormer, a grande atriz dramática, cujo nome em poucos anos havia se tornado sinônimo de sucesso, acrescentava mais um triunfo à sua lista de êxitos interpretando Cora, em *O anjo vingador*.

Jake Levitt não se uniu ao mar de aplausos, mas, aos poucos, brotou-lhe nos lábios um sorriso de apreciação. Deus! Que sorte! Logo agora que ele tinha chegado ao fundo do poço. Ela tentaria despistá-lo, ele acreditava, mas não conseguiria escapar assim

dele. Se fosse bem trabalhada, ali estava sua mina de ouro!

Na manhã seguinte, o primeiro trabalho de mineração de Jake Levitt se revelou. Em sua sala de estar, com suas lacas vermelhas e tapetes negros, Olga Stormer lia e relia uma carta. Seu rosto pálido, com seus traços admiravelmente maleáveis, estava um pouco mais fixo que o de costume, e vez ou outra seus olhos de um verde acinzentado, abaixo das sobrancelhas retas, fixavam-se em um ponto à meia distância, como se contemplassem a ameaça que se escondia por trás das palavras que compunham a carta.

Usando sua voz maravilhosa, que podia se deixar embargar pela emoção ou ser clara como o toque de uma máquina de escrever, Olga chamou:

– Srta. Jones!

Uma jovem de óculos, asseada, com um bloquinho de notas em uma das mãos e um lápis na outra, entrou na sala a passos acelerados, vinda da peça adjacente.

– Telefone para o sr. Danahan e diga para ele vir imediatamente.

Syd Danahan, o empresário de Olga Stormer, entrou na sala com a natural apreensão do homem cuja vida consiste em lidar e satisfazer os caprichos de uma diva. Persuadir com paciência, amaciar, intimidar, uma coisa de cada vez ou todas ao mesmo tempo, eis sua rotina diária. Para seu alívio, Olga parecia calma e centrada, e se limitou a lhe estender um bilhete por sobre a mesa.

– Leia isso.

A carta estava rabiscada com uma letra de mão não acostumada a escrever, sobre um papel barato.

Cara madame,

Apreciei muito a sua atuação em O anjo vingador na noite passada. Acho que temos uma amiga em comum chamada srta. Nancy Taylor, da época de Chicago. Um artigo sobre ela está para ser publicado em breve. Se quiser discutir esse assunto, posso comparecer à sua presença quando lhe for mais conveniente.

Atenciosamente,

Jake Levitt

Danahan parecia um pouco confuso

– Não entendi muito bem do que se trata. Quem é essa Nancy Taylor?

– Uma garota que era melhor que estivesse morta, Danny. – Havia amargura em sua voz e um cansaço que revelava seus 34 anos. – Uma garota que esteve morta até que esse urubu a trouxesse de volta à vida.

– Mas então...

– A garota sou eu, Danny.

– Isso significa chantagem, não é?

Ela concordou com a cabeça.

– Certamente, e vinda de um homem que conhece bem essa arte.

Danahan franziu o cenho, refletindo sobre a questão. Olga, o rosto apoiado sobre a mão longa e esguia, observava-o com olhos inescrutáveis.

– E se tudo não passar de um blefe? Negue tudo. Ele não pode ter certeza de não ter sido levado por uma mera semelhança.

Olga maneou a cabeça.

– Levitt vive de chantagear mulheres. Ele não viria para cima de mim se não tivesse certeza.

– E se fôssemos à polícia? – arriscou Danahan, em um tom de dúvida.

O sorriso sutil e sarcástico que ela deixou escapar serviu de resposta. Por trás de seu aparente controle, embora ele não pudesse suspeitar, estava a exasperação de um cérebro mais aguçado que assistia a um cérebro mais lento percorrer com dificuldade o caminho que já havia sido percorrido em um instante.

– Você não acha que... bem... que talvez fosse melhor, quer dizer, quem sabe, contar alguma coisa para sir Richard? Isso poderia ao menos diminuir a força do que ele tem contra você.

O noivado da atriz com sir Richard Everard, membro do parlamento, havia sido anunciado algumas semanas atrás.

– Já contei tudo ao Richard quando ele me pediu em casamento.

– Por Deus que essa foi uma atitude inteligente da sua parte! – disse Danahan admirado.

Olga sorriu de leve.

– Não se trata de inteligência, meu bom Danny. Você não entenderia. De qualquer maneira, se esse tal Levitt cumprir com suas ameaças, será o fim da minha carreira, sem falar na própria carreira política de Richard, que também estaria arruinada. Não; até onde posso ver, só há duas coisas a serem feitas.

– O quê?

– Pagar... E isso seria um compromisso eterno! Ou desaparecer, começar tudo de novo.

O cansaço era outra vez bastante aparente em sua voz.

– E não é nem como se eu tivesse algo do que me arrepender. Eu não passava de uma jovem abandonada, quase não tinha o que comer, Danny, lutando para manter a coluna ereta. Dei um tiro em um homem, um homem vil, que merecia aquele tiro. Foram tais as circunstâncias que me fizeram matá-lo que nenhum júri na terra seria capaz de me condenar. Sei disso agora, mas naquele momento, não sendo mais que uma criança, eu fugi.

Danahan concordou.

– Creio – ele disse em tom de dúvida – que não há nada que possamos usar contra esse Levitt, estou certo?

Olga assentiu.

– Dificilmente. Ele é covarde demais para cometer algum tipo de crime. – O som de suas próprias palavras parecia abatê-la. – Um covarde! Me pergunto se a gente não poderia encontrar aí uma escapatória.

– E se sir Richard fosse encontrá-lo e lhe desse um bom susto? – sugeriu Danahan.

– Richard não está talhado para a coisa. Não se pode tratar com um tipo desses quando se é um cavalheiro.

– Bem, então deixe que eu vá.

– Desculpe, Danny, mas não acho que você tenha sutileza suficiente. É preciso achar um meio termo entre um golpe de luva de pelica e um soco. Digamos que uma luva simples! Ou seja, a luva de uma mulher! Sim, creio que uma mulher seja o mais indicado.

Uma mulher com certa finesse, mas que conheça o lado duro da vida, por experiência própria. Olga Stormer, por exemplo! Não diga nada! Já estou visualizando um plano.

Ela se inclinou para frente, afundando o rosto nas mãos. De súbito, se recompôs.

– Como é mesmo o nome daquela garota que quer ser minha substituta? Margaret Ryan, não é? Uma que tem o cabelo igual ao meu.

– O cabelo dela está bem – admitiu Danahan de má vontade, os olhos fixos na cabeleira de um dourado cor de bronze que cobria a cabeça de Olga. – É bem parecido com o seu, como você disse. Mas é sua única virtude. Pretendo dispensá-la na próxima semana.

– Se tudo der certo, é provável que você tenha que deixá-la substituir Cora. – Ela sufocou-lhe os protestos com um aceno de mão. – Danny, responda-me com toda sinceridade. Você acha que eu sei atuar? Atuar de *verdade*, quero dizer. Ou não passo de uma mulher atraente, andando pra lá e pra cá em belos vestidos?

– Atuar? Por Deus, Olga, não há ninguém que chegue aos seus pés desde a época de Duse!*

– Então, se Levitt for de fato um covarde, como suspeito, as coisas vão se resolver. Não, não vou lhe dizer nada sobre o plano. Quero que você cuide da parte que envolve essa tal de Ryan. Diga-lhe que estou interessada no trabalho dela e que venha jantar comigo amanhã à noite. Ela virá na velocidade de um raio.

– Sem sombra de dúvida!

– A outra coisa que preciso de você é que me arrume um

sonífero poderoso, algo capaz de deixar alguém por algumas horas fora de ação, mas que não provoque nenhum efeito colateral no dia seguinte.

Danahan deixou escapar um sorrisinho.

– Não posso garantir que nosso amigo não terá uma dor de cabeça, mas, fora isso, não haverá nenhum dano permanente.

– Ótimo! Mãos à obra, Danny, e deixe o resto por minha conta. – Ela ergueu a voz: – Srta. Jones!

A jovem de óculos apareceu com sua habitual vivacidade.

– Anote isso, por favor.

Caminhando devagar de um lado para o outro, Olga ditou a correspondência do dia. Mas uma das respostas ela redigiu de próprio punho.

Jake Levitt, em seu quarto sórdido, sorriu ao abrir o envelope esperado.

Caro senhor,

Não consigo me lembrar da dama de quem o senhor fala, mas conheço tantas pessoas que minha memória nem sempre é confiável. Estou sempre disposta a ajudar uma colega de profissão, e estarei em minha casa se o senhor tiver a bondade de comparecer esta noite às nove horas.

Sinceramente,

Olga Stormer

Levitt assentiu, revelando sua satisfação. Um bilhete inteligente! Ela não admitiu nada. Apesar disso, está disposta a fazer um

acordo. A mina de ouro está se abrindo.

Às nove horas em ponto, Levitt estava em frente à porta da casa da atriz e tocou a campainha. Ninguém atendeu ao chamado, e ele estava prestes a apertar mais uma vez o botão quando percebeu que a porta não estava trancada. Empurrou-a e entrou no hall. À sua direita havia uma porta que se abria para uma sala brilhantemente iluminada, decorada com tons de vermelho e preto. Levitt entrou. Sobre a mesa, debaixo de um foco de luz, havia uma folha de papel que trazia escrito: “Por favor, espere até eu voltar – O. Stormer”.

Levitt se sentou e esperou. Contra sua vontade, um sentimento de desconforto começou aos poucos a se apoderar dele. O lugar estava silencioso demais. Havia algo de arrepiante naquela quietude.

Não devia ser nada, claro, como poderia haver algo de errado nisso? Mas ao mesmo tempo, e apesar de a sala estar tão silenciosa, ele tinha a inquietante e absurda sensação de não estar sozinho. Tolice! Enxugou o suor de sua testa. E ainda assim a impressão se tornou ainda mais forte. Ele não estava sozinho! Com um praguejar surdo ele se ergueu e começou a caminhar de um lado para o outro. Logo a mulher estaria ali, então...

Com um leve gemido, ele quedou petrificado. Das cortinas de veludo pretas que cobriam as janelas ele pôde ver, junto ao piso, uma mão que se projetava. Ele se inclinou para tocá-la. Estava gelada – terrivelmente gelada –, a mão de uma morta.

Com um grito ele afastou as cortinas. Uma mulher estava estendida ali, um dos braços estendidos; o outro, sob o corpo, a

face voltada para baixo, os cabelos de um loiro acobreado espalhados em camadas sobre o pescoço.

Olga Stormer! Com os dedos tremendo, ele procurou o pulso gelado para ver se descobria alguma pulsação. Como imaginava, nem uma batida. Ela estava morta. Escapara dele do jeito mais simples.

De repente, seus olhos se viram atraídos por uma corda vermelha, em cujas extremidades havia duas fantásticas borlas, semiencobertas pela cabeleira. Tocou-as com cuidado; a cabeça cedeu diante de seu gesto, e ele pôde lançar um olhar sobre a horrível face vermelha. Ele deu um salto para trás, emitindo um grito, a cabeça a girar. Havia algo ali que lhe fugia à compreensão. A breve imagem daquele rosto, desfigurado como estava, revelara-lhe algo fundamental. Tratava-se de assassinato e não de suicídio. A mulher havia sido estrangulada e mais: aquela não era Olga Stormer!

Ah! O que foi isso? Um som às suas costas. Deu meia volta e seus olhos cruzaram os olhos aterrorizados da criada, que se encolhia contra a parede. O rosto dela estava tão branco quanto a touca e o avental que ela usava, mas ele não conseguiu entender o horror completo no olhar dela até ouvir aquelas palavras entrecortadas, que lhe fizeram também enxergar o quão perigosa era sua posição.

– Oh, meu Deus! Você a matou!

Mesmo diante dessas palavras, ele ainda não conseguia ter uma percepção clara do que isso implicava. Respondeu:

– Não, não, ela já estava morta quando eu a encontrei.

– Eu vi que foi você! Você apertou a corda e a estrangulou. Escutei o grito sufocado dela.

O suor começou a escorrer em profusão por sua testa. Reviu com rapidez suas ações nos últimos minutos. Ela devia ter entrado no exato instante em que ele estava com as duas pontas da corda nas mãos; devia ter visto a cabeça pendente e ter tomado o grito que ele dera pelo da vítima. Ele a olhou indefeso. Não havia qualquer dúvida quanto ao que ele podia ler em seu rosto: medo e estupor. Ela diria à polícia que tinha visto o crime ser cometido, e nenhuma acareação poderia alterar-lhe a convicção. Juraria pela própria vida, com a inabalável convicção de que dizia a verdade.

Que horrível e imprevisível encadeamento das circunstâncias! Só um momento: como assim imprevisível? Não haveria ali algum ardil? Levado por um impulso, ele disse, encarando-a com firmeza:

– Você sabe que não se trata da sua patroa, não é?

A resposta dela, dada em um tom mecânico, lançou certa luz sobre a situação.

– Não, é uma atriz amiga dela, se é que se pode chamar as duas de amigas, já que vivem brigando feito cão e gato. A coisa estava feia essa noite, bate e boca e tudo.

Uma armadilha! Agora podia perceber.

– Onde está a sua patroa?

– Saiu dez minutos atrás.

Uma armadilha! E ele caíra feito um patinho. Um diabo de esperta, essa Olga Stormer; havia se livrado de uma rival e ele ainda sofreria as consequências. Assassinato! Meu Deus, eles enforcam um homem por isso! E ele era inocente... Inocente!

Um leve ruído o trouxe de volta à realidade. A pequena criada se dirigia para a porta. Os sentidos dela voltavam à ativa. Seus olhos se moveram na direção do telefone, e então para a porta. A qualquer custo, ele precisava silenciá-la. Era o único jeito. Melhor ser enforcado por um crime verdadeiro do que por um fictício. Ela não tinha nenhuma arma, ele também não. Mas ele tinha as mãos! Então seu coração deu um pulo. Na mesa ao lado dela, quase ao alcance da mão, estava um pequeno revólver cravejado de brilhantes. Se ele pudesse alcançá-lo primeiro...

O instinto ou o seu olhar a alertaram. Ela apanhou a arma, assim que ele fez menção de pegá-la, e a apontou na direção de seu peito. De uma forma estranha, ao empunhá-la, seu dedo se posicionou com exatidão sobre o gatilho. Daquela distância, ela não teria como errar. Ele ficou petrificado. Um revólver pertencente a uma mulher como Olga Stormer com certeza estaria carregado.

Havia, porém, um detalhe. Ela não estava mais diretamente entre o caminho dele e a porta. Contanto que ele não a atacasse, seria difícil que ela tivesse coragem de atirar. Como quer que fosse, ele devia tentar. Ziguezagueando, correu em direção à porta, cruzou o hall e depois a porta principal, fechando-a às suas costas. Ouviu ainda a voz da criada, tremida e distante, gritando: “Polícia! Assassino!”. Ela teria que gritar com muito mais vontade se quisesse que alguém a escutasse. Contudo, ele manteve o pique. Desceu correndo os degraus e ganhou a rua, afrouxando o passo logo que dobrou a esquina, para adquirir o aspecto de um pedestre normal. O plano de fuga já estava traçado. Para Gravesand, o mais rápido possível. Um barco partiria essa noite, com destino às mais

remotas partes do mundo. Ele conhecia o capitão, um homem que, mediante pagamento, não faria quaisquer perguntas. Uma vez a bordo e a caminho do mar, estaria a salvo.

À s onze da noite, o telefone de Danahan tocou. Ouviu a voz de Olga:

– Prepare um contrato para a srta. Ryan, está bem? Ela será a substituta de Cora. Não tente discutir. Devo-lhe esta, depois de tudo que a fiz passar esta noite! O quê? Sim, creio que meus problemas terminaram. A propósito, se amanhã ela lhe disser que sou uma ardente seguidora do espiritismo e que a coloquei em um transe hoje à noite, não demonstre total incredulidade. Como? Coloquei o sonífero no café e a seguir fiz uns passes científicos! Depois disso, pintei o rosto dela com uma cera vermelha e lhe apliquei um torniquete no braço esquerdo! Perplexo? Bem, mantenha essa sua perplexidade até amanhã. Não tenho tempo para explicar agora. Tenho que me livrar da touca e do avental antes que minha fiel Maud volte do cinema. Está passando um daqueles “belos dramas”, ela me disse. Mas ela perdeu o melhor drama de todos. Representei o meu melhor papel hoje, Danny. A luva venceu! Jake Levitt não passa mesmo de um covarde, e, bem, Danny, eu sou realmente uma grande atriz!

---

* Eleonora Duse (1858-1924), famosa atriz italiana.(N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro *Poirot e o mistério da arca espanhola & outras histórias*

Título original do conto: *The Actress*

Tradução: Pedro Gonzaga
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
A Atriz / Agatha Christie; trad. Pedro Gonzaga – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

Tradução de: *The Actress*

ISBN 978-65-5666-057-8

1. Ficção policial inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

The Actress Copyright © 1923 Agatha Christie Limited. All rights

reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All rights reserved.

www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
O MISTÉRIO DA
JARRA AZUL
UM CONTO

Agatha Christie®

O MISTÉRIO DA JARRA AZUL

Tradução de Alessandro Zir

UM CONTO

L&PM EDITORES

O mistério da jarra azul

Publicado pela primeira vez na *Grand Magazine*, em julho de 1924.

I

Jack Hartington calculou friamente a tacada. Parando ao lado da bolinha, olhou para o *tee*, examinando a distância. Em seu rosto estava agora estampada toda a sua raiva. Com um suspiro afastou o taco, ameaçou duas vezes e, antes de acertar propriamente na bolinha, aniquilou um tufo de grama e um dente-de-leão.

Quando se tem 25 anos de idade e a única ambição na vida é diminuir o número de tacadas que normalmente se dá numa partida de golfe, ser forçado a dedicar tempo e atenção à tarefa ingrata de ganhar o pão de cada dia torna-se um grande problema. Dos sete dias da semana, Jack passava cinco e meio encarcerado num escritório, que mais lhe parecia um caixão de mogno, no centro da cidade. As tardes de sábado e o domingo ele dedicava religiosamente ao que a vida tinha de importante. O excesso de zelo fizera também com que ele alugasse um quarto em um pequeno hotel nas imediações do campo de Stourton Heath. Assim, todos os dias, Jack se levantava às seis da manhã a fim de ter a chance de praticar o seu esporte por uma hora antes de tomar o trem que o levava ao centro da cidade.

A única desvantagem do plano é que lhe parecia fisiologicamente impossível acertar o que quer que fosse àquela hora da manhã. Com tacadas desastradas, ele desperdiçava todas as chances. Quando tentava mandar a bola alta, ela saía risivelmente rasteira, e em qualquer um dos percursos parecia-lhe impossível finalizar o buraco.

Jack suspirou, agarrou o taco com força e repetiu para si mesmo as palavrinhas mágicas: “Braço esquerdo esticado e cabeça baixa”.

Girou o corpo e então, de repente, parou, petrificado pelo grito estridente que varou o silêncio daquela manhã de verão:

– Socorro! Ajudem, por favor! Estão me matando!

A voz da mulher em seguida desapareceu numa espécie de gorgolejo angustiado.

Jack deixou cair o taco e se precipitou na direção de onde vinha o som. Era de algum lugar não muito distante. A parte do percurso em que Jack estava era peculiarmente selvagem e isolada. Havia poucas casas. Na verdade, próximo dali, havia apenas um pequeno chalé, que sempre chamara a atenção de Jack pelo aspecto pitoresco, como que pertencente a uma outra época. Foi para lá que ele correu. O chalé ficava escondido embaixo de um declive coberto de urzes. Era preciso contorná-las, mas em menos de um minuto Jack estava ao lado do portão, abrindo o trinco.

Havia uma moça no jardim, e por um momento Jack pensou que pudesse ser ela quem gritara. Mas logo mudou de ideia.

Ela carregava na mão uma cestinha cheia de ervas daninhas, e era evidente que até então estivera abaixada recolhendo-as de um largo canteiro de amores-perfeitos. Os próprios olhos dela eram como amores-perfeitos, escuros e aveludados, de uma cor que puxava mais para o violeta do que propriamente para o azul. Aliás, ela toda era um amor-perfeito, no seu vestidinho púrpura de linho.

A moça lançou a Jack um olhar ao mesmo tempo incomodado e de surpresa.

– Me desculpe – disse ele. – Foi você que acabou de gritar?

– Eu? Claro que não.

A surpresa dela era tão genuína que Jack ficou confuso. A moça tinha uma bela voz, macia e com um suave sotaque estrangeiro.

– Mas você também deve ter ouvido! – exclamou ele. – Veio de algum lugar aqui perto.

Ela cravou nele os olhos.

– Não ouvi nada.

Jack, por sua vez, também cravou os olhos nela. Era realmente impossível que a moça não tivesse ouvido aquele grito agoniado de socorro. E no entanto ela estava tão calma que Jack também não podia crer que estivesse mentindo.

– Veio de algum lugar aqui perto – insistiu ele.

Ela agora lançava-lhe um olhar desconfiado.

– Mas que tipo de grito era?

– Socorro! Ajudem, por favor! Estão me matando!

– Socorro! Ajudem, por favor! – repetiu a moça. – Senhor, eu acho que lhe pregaram uma peça. Quem é que mataria alguém aqui?

Jack olhou ao redor como se esperasse encontrar um cadáver caído no jardim. Deu-se conta do ridículo da ideia, mas nem por isso podia negar que o grito que ouvira era real e não fruto da sua imaginação. Tentou olhar através dos vidros do chalé. Tudo parecia calmo e em ordem.

– Quer revistar a casa? – perguntou a moça, secamente.

Ela se mostrava tão explicitamente arredia à ideia de que alguém por ali pudesse ter gritado que Jack acabou ficando mais confuso do que nunca.

– Me desculpe – disse ele, desistindo. – O grito deve ter vindo de outro lugar mais lá para cima.

Ele cumprimentou-a tirando o boné e se retirou. Olhando por cima do ombro, viu que ela voltara tranquilamente a cuidar do canteiro.

Por um tempo ele ainda ficou procurando entre os arbustos, mas sem encontrar nada de extraordinário. E no entanto ele tinha certeza de que ouvira o grito. Por fim, acabou dando a busca por encerrada e correu de volta para casa, na esperança de ainda conseguir engolir o café da manhã antes de pegar o trem. Como sempre, chegou na plataforma segundos antes da partida. Já dentro do vagão, ao se sentar, tinha a consciência ligeiramente pesada. Não seria sua obrigação relatar à polícia o que ouvira? Ele só não o fizera por causa do ceticismo da moça. Ela dera a entender que ele estava interessado nela. Talvez até dissesse isso à polícia. Ele estava mesmo seguro de que tinha ouvido o grito?

A essa altura ele já não estava tão convencido como antes. Era o resultado natural de tentar reviver uma emoção perdida. Teria ele distorcido o grito de algum pássaro, como se fosse a voz de uma mulher?

A ideia deixou-o irritado. A voz era de uma mulher, ele ouvira muito bem. Lembrava-se até de ter olhado para o relógio, momentos antes de ouvir o grito. Se a polícia se interessasse pelo fato, ele poderia dizer que o pedido de socorro ocorrera às 7h25. Aquele dado poderia ser útil para as investigações.

À noite, ao voltar para casa, ele examinou ansiosamente os jornais vespertinos, para ver se noticiavam algum crime. Mas não

havia nenhuma notícia desse tipo, e ele já não sabia se aquilo era motivo para que se alegrasse ou não.

A manhã seguinte estava úmida. Tão úmida que até mesmo o jogador de golfe mais fanático perderia o entusiasmo. Jack relutou até o último momento para levantar, empurrou goela abaixo o café da manhã, correu para pegar o trem e novamente examinou os jornais. Não relatavam nada de particularmente horripilante. Os vespertinos também não traziam nada naquele sentido.

– Que coisa mais estranha... – murmurou Jack consigo mesmo. – Mas talvez tenha sido realmente uma brincadeira de alguém. Garotos brincando escondidos nos arbustos.

Na manhã seguinte, ele saiu mais cedo. E ao passar pelo chalé, viu com o rabo dos olhos que a moça estava de novo cuidando do jardim. Um hábito, evidentemente. Ele deu uma excelente tacada de aproximação e torceu para que ela tivesse reparado. Ao dar a próxima tacada, olhou para o relógio.

– Sete horas e vinte e cinco minutos... – murmurou ele. – Será que...

As palavras congelaram nos seus lábios. De algum lugar atrás dele, surgiu o mesmo grito que tanto o espantara da outra vez. O chamado aflito de uma mulher.

– Socorro! Ajudem, por favor!

Jack voltou correndo. A moça estava parada ao lado do portão. Parecia assustada, e Jack se dirigiu a ela, exclamando, triunfante:

– Agora você ouviu, hein?

Os olhos dela estavam muito arregalados, e conforme Jack ia se aproximando ela recuava e olhava de volta para a casa, como se

fosse correr para dentro e se proteger.

A moça balançou a cabeça negativamente:

– Não ouvi coisa alguma – disse, ainda com os olhos arregalados, olhando para ele.

Jack ficou perplexo. Mas tal foi a sinceridade com que ela falou que ele não teve como pôr em dúvida o que ela dizia. E no entanto...

De repente ele a ouviu dizer mansamente, como se procurasse entendê-lo:

– O senhor tem algum trauma de guerra, certo?

De repente ele entendeu o medo dela, por que ela recuava e olhava para a casa. Ela o tomava por algum maluco.

E então, como se tivesse levado um banho de água fria, ele caiu em si. Estaria ela certa? Será que ele estaria sofrendo de alucinações? Horrorizado com aquela ideia, ele se virou e saiu tropeçando, sem dizer nenhuma palavra. A moça olhou-o se afastar, soltou um suspiro, balançou a cabeça e voltou a cuidar do jardim.

Jack refletiu consigo mesmo: “Se eu ouvir esse maldito grito de novo, às 7h25, então estou sofrendo de algum tipo de alucinação. Mas não vou ouvir...”.

Durante todo o restante do dia ele se sentiu angustiado, e foi para a cama mais cedo a fim de resolver aquele dilema logo na manhã seguinte.

Como talvez fosse de se esperar num caso como esse, ele permaneceu acordado metade da noite e acabou se levantando atrasado. Já eram 7h20 quando ele conseguiu sair do hotel. Correu na direção dos campos de golfe, certo de que não conseguiria chegar a tempo no local fatídico. Mas certamente, se fosse apenas

uma alucinação, a voz seria ouvida em qualquer lugar. Sem tirar os olhos do relógio, ele continuou correndo.

Às 7h25, Jack ouviu o eco do chamado distante de uma mulher. Não era possível distinguir as palavras, mas ele estava convencido de que era o mesmo grito dos outros dias e de que vinha do mesmo local, de algum lugar próximo ao chalé.

Por mais estranho que fosse, aquilo tranquilizou-o. Devia ser algum tipo de brincadeira, e a própria moça devia estar envolvida. Ele tirou o saco de golfe do ombro e pegou um taco. Daria algumas tacadas na direção do chalé.

A moça estava no jardim como sempre. Naquela manhã, ela olhou diretamente para ele e, quando Jack tirou o boné, lhe respondeu com um bom-dia, um pouco tímida. Ela parecia mais atraente do que nunca, foi o que ele pensou.

– Um belo dia, não? – disse Jack, entusiasmado, mas em seguida se envergonhou com a banalidade da frase.

– De fato, um belo dia.

– É bom para as plantas, imagino...

A moça esboçou um sorriso, deixando aparecer uma covinha extremamente sedutora.

– Nem tanto! Minhas flores precisam de chuva. Veja, estão todas secas...

Jack aceitou o convite que ela fez com um gesto e passou por cima do muro baixinho, que separava o jardim do campo.

– Elas parecem bem – disse ele, consciente de que suas palavras provocavam na moça um olhar de comiseração.

– O sol de qualquer forma é bom – disse ela –, pois sempre se

pode regar as plantas. E o sol nos dá força e revigora, não? Hoje o senhor está com um aspecto muito melhor.

O tom encorajador com que ela disse aquelas palavras acabou por irritá-lo. “Maldição. Está novamente me tratando como um louco”, pensou ele.

– Não há nada de errado comigo – protestou ele.

– Isso é ótimo – disse ela imediatamente, a fim de tranquilizá-lo.

Jack tinha a impressão desagradável de que ela não acreditava nele.

Ele retornou ao campo, deu mais algumas tacadas e correu para casa, a fim de tomar o café da manhã. Enquanto comia, sentiu-se examinado pelo homem que sentava à mesa ao lado. Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Era um homem de meia-idade, que trazia no rosto uma expressão viril e intensa. Usava uma barba negra e bem aparada, e seus olhos eram verdes e penetrantes. Os gestos do homem passavam a segurança e a tranquilidade daqueles que têm a consciência de pertencer aos altos escalões de uma determinada profissão. Jack sabia que ele se chamava Lavington e já ouvira comentários de que era um médico muito respeitado na sua especialidade. Parece que morava na Harley Street.

A diferença era que, naquela manhã, Jack não tinha nenhuma dúvida de que estava sendo silenciosamente observado. Isso o assustou. Era como se trouxesse estampado na testa o seu segredo. Será que esse homem, por causa da sua profissão, era capaz de adivinhar que havia algo de errado com suas células cinzentas?

A ideia lhe provocou um arrepio. Estaria mesmo ficando maluco? Seria tudo uma alucinação ou estavam todos mancomunados para lhe pregar uma peça?

De repente, veio-lhe à cabeça um meio simples de pôr aquela situação à prova. Até então ele estivera praticando sozinho. E se da próxima vez ele levasse alguém? Nesse caso, apenas três coisas poderiam ocorrer: a voz poderia ficar em silêncio, ambos poderiam ouvi-la ou apenas ele ouviria.

Jack tomou as providências necessárias para efetivar o seu plano. Lavington era a pessoa que ele queria junto de si. A conversa entre os dois emergiu naturalmente. Era como se o homem mais velho estivesse esperando há tempos por aquela oportunidade. Ele estava visivelmente interessado em Jack, e não foi difícil ao jovem sugerir a possibilidade de ambos se encontrarem para praticar um pouco de golfe. O encontro foi combinado para a manhã seguinte, antes do café.

Começaram a partida um pouco antes das sete horas. Era um dia perfeito, limpo, sem vento e não muito quente. O médico jogava bem, e Jack, muito mal. Não conseguia parar de pensar um minuto no que poderia acontecer. A todo momento ele olhava sub-repticiamente para o relógio. Às 7h20, eles estavam perto do chalé, na tentativa de completar o sétimo percurso.

A moça, como sempre, estava no jardim e não levantou a cabeça quando eles passaram.

Duas bolinhas estavam no gramado: a de Jack, perto do buraco, a do médico, um pouco mais atrás.

– Não acredito – disse Lavington. – Acho que vou conseguir...

Ele se inclinou para calcular a melhor posição. Jack continuava rígido, com os olhos grudados no relógio. Eram exatamente 7h25.

A bola correu macia pela relva, parando na borda do buraco, onde hesitou por um momento antes de cair.

– Boa tacada – disse Jack.

Sua voz soava rouca e irreconhecível. Ele estendeu o braço, sacudindo o relógio de pulso, depois suspirou aliviado. Nada tinha acontecido. O feitiço se quebrara.

– Se o senhor não se importa de parar um minuto... gostaria de fumar um cachimbo.

No oitavo percurso, eles fizeram uma pausa. Jack encheu e acendeu o cachimbo, com dedos que tremiam um pouco, contra a sua vontade. Um grande peso fora retirado dos seus ombros.

– Que dia lindo! – disse ele contente, observando o campo à sua frente. – É a sua vez de começar, Lavington.

E então aconteceu. No momento em que o médico acertava na bola. Um grito de mulher, agudo e agonizante:

– Socorro! Ajudem, por favor! Estão me matando!

O cachimbo caiu das mãos nervosas de Jack enquanto ele se virava na direção de onde vinha o som. Em seguida lembrou-se do companheiro e olhou para ele, ofegante.

Lavington olhava para o campo, protegendo os olhos com uma das mãos por causa do sol.

– Meio curto, mas pelo menos passei o obstáculo.

O médico não ouvira o grito.

Jack sentia como se o mundo girasse ao seu redor. Deu um ou dois passos para frente e capotou. Quando voltou a si, estava

deitado na relva, e Lavington se inclinava sobre ele.

– Muito bem, muito bem. Agora, com calma...

– O que aconteceu?

– Parece que você desmaiou, meu jovem.

– Deus! – disse ele, e depois gemeu.

– Qual é o problema? Algo o preocupa?

– Já lhe conto, mas gostaria de lhe perguntar uma coisa antes.

O médico acendeu o seu próprio cachimbo, sentando-se no banco.

– Sinta-se à vontade para me perguntar o que quiser – disse ele, relaxado.

– O senhor tem andado me observando nos últimos dias. Por quê?

Um brilho passou pelos olhos de Lavington.

– A sua pergunta é um pouco estranha. As pessoas se olham por vários motivos, e muitas vezes sem nem se dar conta...

– Pare de me enrolar, eu não sou burro. Fiz a pergunta por um motivo...

O semblante de Lavington se contraiu.

– Com toda a sinceridade, vou dizer-lhe uma coisa. Você dá sinais de que alguma coisa grave o aflige. Fiquei intrigado para saber o que era.

– Pois vou lhe contar, então – disse Jack, consternado. – Estou ficando louco.

Ele fez uma pausa dramática e, como sua declaração não parecia surtir no médico o efeito esperado, repetiu:

– Estou ficando louco, o senhor não entende?

– Curioso – murmurou Lavington. – De fato, muito curioso.

Jack ficou indignado.

– Posso imaginar que para o senhor não signifique nada além disso. Médicos são mesmo insensíveis.

– Procure se acalmar, meu jovem, você não está falando coisa com coisa. Para começar, de fato estudei, mas não exerço a profissão de médico. Estritamente falando, não sou médico... Não cuido do corpo das pessoas, é o que quero dizer.

Jack lançou a ele um olhar desconfiado.

– E da mente?

– Da mente sim, de certa forma. Mas o que me interessa mesmo é a alma.

– Oh!

– Posso perceber o deboche no seu tom de voz, mas temos de usar alguma palavra para referir o princípio ativo que pode ser separado da sua morada carnal, o corpo, e existir sem ele. Não é possível ignorar a alma, meu jovem. É algo mais do que um termo religioso, inventado por padres. Mas podemos chamá-la de mente, ou subconsciente, se preferir. Você pareceu se ofender com algo que eu disse há pouco, mas posso assegurar-lhe que me deixa realmente intrigado o fato de um jovem perfeitamente normal e equilibrado deixar-se afligir pela fantasia de que vai enlouquecer.

– Mas vou enlouquecer mesmo. Sinto-me à beira de um colapso nervoso.

– Me desculpe, mas do meu ponto de vista não parece.

– Estou tendo alucinações.

– À noite, depois do jantar?

– Não, de manhã cedo.

– Impossível – disse o médico, reacendendo o cachimbo que apagara.

– Estou lhe dizendo que escuto coisas que ninguém mais ouve.

– Um homem em mil pode ver as luas de Júpiter. O fato de os outros 999 não poderem vê-las não significa que elas não existam, e muito menos que o milésimo homem seja um lunático.

– As luas de Júpiter são um fato científico comprovado.

– Nada impede que as alucinações de hoje se transformem nos fatos científicos de amanhã.

A praticidade de Lavington estava surtindo efeito sobre Jack. Mesmo sem baixar a guarda, ele agora se sentia muito mais calmo e aliviado. Por um minuto ou dois, o médico olhou para ele com atenção e balançou a cabeça positivamente.

– Assim está melhor – disse ele. – Vocês jovens estão determinados a não acreditar em nada que contradiga sua filosofia de vida. E quando acontece alguma coisa que põe em xeque essa filosofia ficam apavorados. Mas me explique melhor o motivo por que pensa que está ficando louco. Depois de ouvir a sua explicação, podemos decidir melhor se vale a pena ou não interná-lo.

Jack narrou a série de ocorrências estranhas da forma mais fiel possível.

– Mas o que eu não consigo entender – disse ele – é por que nesta manhã tudo aconteceu às sete e meia, cinco minutos mais tarde.

Lavington refletiu por um minuto ou dois. Em seguida, ele perguntou:

– Que horas são agora no seu relógio?

– Quinze para as oito – respondeu Jack, depois de consultá-lo.

– Então é tudo muito simples. O meu está marcando 7h40. O seu está adiantado em cinco minutos. Esse é um ponto interessante e importante. Na verdade, na minha opinião, é a chave do problema.

– Em que sentido?

Jack começava a se interessar.

– Bem, a explicação mais óbvia é que, na primeira manhã, você ouviu mesmo o grito. Pode ter sido brincadeira de alguém ou não. Nas outras manhãs, você se autossugestionou a ouvi-lo exatamente na mesma hora.

– Tenho certeza que não.

– Não estou falando de nada consciente, é claro. O subconsciente às vezes nos prega peças. Mas a explicação de qualquer forma não é boa. Se fosse um caso de autossugestão, você teria ouvido o grito quando o seu relógio marcava 7h25, e não mais tarde, quando achava que o momento tinha passado.

– Mas e então?

– Bem, só podemos inferir uma coisa, correto? Esse grito de socorro ocupa um lugar no tempo e no espaço perfeitamente bem definido: perto desse chalé, às 7h25.

– Sim, mas por que sou o único a ouvi-lo? Não acredito em fantasmas. Para mim, histórias de espíritos e gente que volta do mundo dos mortos não passam de conversa fiada. Não entendo por que só eu ouço esse maldito grito!

– Bem, no momento não temos uma resposta para isso. O curioso é que os melhores médiuns são muitas vezes as pessoas

mais céticas. Não são as pessoas que se interessam por fenômenos ocultos que veem as manifestações. Não sabemos por que, mas algumas pessoas veem e ouvem coisas que as outras não percebem... E, em nove de cada dez casos como esse, elas não gostam do que veem ou ouvem e supõem estarem enlouquecendo, exatamente como você alega. É como a eletricidade. Algumas substâncias são boas condutoras, outras não, e por muito tempo tivemos de aceitar o fato sem podermos explicá-lo. Hoje em dia, sabemos por que isso é assim. No futuro, sem dúvida, alguém vai ser capaz de explicar por que você ouve o grito, mas eu e a moça do chalé não ouvimos. Todas as coisas são regidas por leis naturais. Estritamente falando, o sobrenatural não existe, entende? Não vai ser nada fácil descobrir as leis que governam os fenômenos paranormais, mas todo pequeno progresso que fizermos nessa direção é bem-vindo.

– Mas o que eu devo fazer?

Lavington deu de ombros.

– Bem, meu jovem, você vai tomar um café da manhã reforçado e em seguida partir para a cidade, sem ficar se preocupando com coisas que não compreende. Seja prático. Quanto a mim, vou dar uma volta por aí e ver se descubro alguma coisa sobre o chalé ali embaixo. Eu diria que ele é o centro do nosso mistério.

Jack levantou-se de um pulo.

– O senhor está certo. Só gostaria de dizer que...

– Sim?

Jack ficou vermelho.

– Estou certo de que não há nada de errado com aquela moça...

– murmurou ele.

Lavington aparentemente se divertia com a situação.

– Você não me disse que se tratava de uma bela moça! Bem, anime-se... Acredito que o mistério seja anterior a ela.

Na noite daquele dia, Jack voltou para casa em grande expectativa. Ele depositara toda a sua confiança em Lavington. A naturalidade com que o médico tratara o assunto, sua calma e senso prático haviam impressionado Jack.

Quando Jack desceu para o jantar, encontrou seu novo amigo no saguão. O médico sugeriu que sentassem numa mesma mesa.

– Alguma novidade? – perguntou Jack, ansioso.

– Descobri a história do chalé. Inicialmente moravam ali, como locatários, um velho jardineiro e sua esposa. O velho morreu e a mulher se mudou para a casa da filha. O dono do chalé resolveu então modernizá-lo, e depois disso vendeu-o a um morador da cidade, que o utilizava durante os finais de semana. Cerca de um ano atrás, o chalé foi novamente vendido, dessa vez ao senhor e à senhora Turner, marido e mulher. O casal era um pouco estranho. Ele era inglês, e a mulher, de uma beleza exuberante e exótica, parecia ser descendente de russos. Levavam uma vida pacata, raramente recebiam visitas ou iam além dos jardins do chalé. Havia rumores de que tinham medo de alguma coisa, mas não creio que tais rumores tenham algum fundamento.

“E então, de repente, foram embora. Certa manhã, fizeram as malas e nunca mais voltaram. De Londres, o sr. Turner enviou instruções para que vendessem o chalé o mais depressa possível. A mobília foi oferecida pela metade do preço, e a casa acabou sendo

vendida ao sr. Mauleverer. O sr. Mauleverer morou lá não mais do que duas semanas, e depois colocou um anúncio para que a alugassem mobiliada. As pessoas que estão lá agora são um professor de francês tuberculoso e a filha dele. Não faz mais do que dez dias que moram ali.”

Jack escutou tudo em silêncio.

– Não creio que essas informações nos levem muito longe.

– Gostaria de saber mais sobre os Turner – disse Lavington, calmamente. – Eles deixaram o chalé cedo pela manhã... Parece que ninguém os viu sair. O sr. Turner tem sido visto por aí, mas o mesmo não se pode dizer da sra. Turner...

Jack ficou branco.

– Mas não pode ser! O senhor acha que...

– Acalme-se, meu jovem. Qualquer pessoa na hora em que está morrendo exerce uma grande influência sobre o lugar onde se encontra. Esse princípio é válido especialmente nos casos de morte violenta. É possível que o lugar absorva essa influência, retransmitindo-a, por sua vez, a um receptor sensível; no caso, você.

– Mas por que eu? – perguntou Jack, indignado. – Deviam procurar alguém que pudesse lhes ser útil.

– Você está pensando na força em questão como uma força inteligente, agindo com um propósito definido. Mas trata-se de uma força cega e mecânica. Não acredito em almas penadas, que assombrem um lugar com um objetivo específico. Mas o que eu tenho visto muitas e muitas vezes, a ponto de não poder mais acreditar que se trate de coincidência, é uma espécie de clamor

cego por justiça. Trata-se de um movimento subterrâneo de forças trabalhando de forma obscura para alcançar algum tipo de meta...

Ele se sacudiu arrepiado, como se quisesse exorcizar uma ideia fixa, depois voltou-se para Jack com um sorriso.

– Vamos deixar o assunto um pouco de lado, pelo menos por esta noite – sugeriu.

Jack concordou imediatamente, mas não achou tão fácil tirar o assunto da cabeça.

Durante o final de semana, ele mesmo fez algumas investigações, mas não descobriu nada além do que o médico lhe dissera. Ele desistiu de jogar golfe antes do café da manhã.

A próxima peça do quebra-cabeça apareceu de forma inesperada. Uma noite, ao voltar para casa, Jack foi informado de que uma jovem esperava para falar com ele. Para sua completa surpresa, era a jovem que ele vira no jardim no chalé cuidando dos amores-perfeitos, imagem que nunca lhe saíra da cabeça. Ela estava nervosa e confusa.

– Peço desculpas por vir procurá-lo desta maneira. Mas preciso dizer-lhe uma coisa...

Ela olhou ao redor, hesitante.

– Venha comigo – disse Jack, prontamente, levando-a até uma salinha abafada, com a mobília forrada de veludo vermelho, que naquele momento estava vazia.

– Sente-se, por favor, senhorita...

– Marchaud. Felise Marchaud.

– Sente-se, por favor, srta. Felise Marchaud. Agora podemos conversar.

Felise sentou-se. A cor verde-musgo da roupa que ela estava usando parecia tornar ainda mais atrevido o seu belo rosto. Ao seu lado, o coração de Jack batia cada vez mais rápido.

– Bem... não faz muito que estamos aqui, e desde que chegamos ouvimos rumores de que a casa era mal-assombrada. Nenhum empregado queria ficar lá. Mas eu tinha achado o lugar uma graça e não me importava de ter de fazer a limpeza e cozinhar.

“Que anjo. Ela é perfeita”, pensou o jovem apaixonado, sem com isso comprometer sua aparência circunspecta.

– Não acredito em fantasmas. Bem, não acreditava, até dias atrás. Senhor, durante quatro noites tenho sonhado sempre com a mesma coisa. Uma mulher bonita, alta e loira, segurando uma jarra azul de porcelana. Alguma coisa a aflige. Ela olha para a jarra e para mim, como se me implorasse para fazer alguma coisa, mas... Ela não pode falar! E não consigo adivinhar o que ela quer! Nas duas primeiras noites o sonho foi apenas isso, mas na noite seguinte se complicou. Logo que a imagem dela e da jarra desapareceu, ouvi os gritos da mulher. Tenho certeza de que eram os gritos dela, o senhor entende? As palavras dela eram as mesmas que o senhor me disse na outra manhã: “Socorro! Ajudem, por favor! Estão me matando!”. Acordei apavorada. Tentei me convencer de que tudo não passava de um pesadelo, de que o fato de as palavras serem as mesmas era uma simples coincidência. Mas ontem à noite o sonho se repetiu. O que isso significa? O que vamos fazer?

Felise estava apavorada. Com o rosto pálido, ela apertava as mãos uma na outra e olhava ansiosa para Jack. O rapaz afetava uma segurança que na verdade não tinha.

– Está bem, mademoiselle Marchaud, não se preocupe. Gostaria que repetisse essa história para um amigo meu, que também está hospedado aqui, o dr. Lavington.

Felise se prontificou a fazer o que ele pedia, e Jack saiu para procurar Lavington. Ele retornou com o amigo poucos minutos depois.

Enquanto Jack os apresentava, Lavington examinou a moça com o olhar. Em seguida, com umas poucas palavras tranquilizadoras, encorajou-a a contar sua história, que ele escutou atentamente.

– Curioso – disse o médico quando ela terminou. – A senhorita contou o sonho ao seu pai?

Felise balançou a cabeça numa negativa.

– Não quis preocupá-lo com isso. Ele ainda está muito doente – os olhos dela se umedeceram. – Evito comentar com ele qualquer coisa que possa agitá-lo.

– Entendo – disse Lavington, solidário. – Fico contente que tenha nos procurado, mademoiselle Marchaud. Hartington tem passado por experiências semelhantes às suas, como bem sabe. Acredito que estamos muito perto da solução do mistério. A senhorita não lembra de mais nada?

Felise teve um sobressalto.

– Mas é claro! Ia me esquecendo do mais importante. Veja, senhor, o que foi que encontrei no fundo de um armário, atrás de uma prateleira, para onde deve ter escorregado.

Ela exibia um papel de desenho amarrotado. Nele estava pintado, com aquarela, o retrato de uma mulher. O retrato não estava acabado, mas dava uma boa ideia da modelo. Uma mulher alta,

loira, mas que não parecia inglesa. Estava parada ao lado de uma mesa, sobre a qual havia uma jarra azul de porcelana.

– Encontrei isso hoje pela manhã – explicou Felise. – *Monsieur le docteur*, esta é a mulher que vi em meu sonho. A jarra azul também é a mesma.

– Extraordinário – declarou Lavington. – A chave do mistério é certamente a jarra azul. Parece uma antiga jarra chinesa. Tem um padrão fora do comum.

– É chinesa, sim. Não faz muito, vi uma bem parecida na casa do meu tio, que é colecionador de porcelana chinesa.

– Uma jarra chinesa – murmurou Lavington consigo mesmo.

Ele ficou refletindo por um minuto ou dois, e então levantou a cabeça. Seus olhos emitiam um brilho estranho:

– Hartington, desde quando o seu tio tem essa jarra?

– Desde quando? Eu não sei...

– Pense. Faz pouco que ele a comprou?

– Eu não sei... mas sim, acho que sim, agora me lembro. Não sou um grande apreciador de porcelana chinesa, e ele me mostrava as suas aquisições mais recentes. A jarra estava entre elas.

– Isso faz menos de um mês? Os Turner deixaram o chalé há cerca de dois meses.

– Sim, acho que faz menos de um mês.

– Seu tio costuma frequentar feiras de antiguidade?

– Sim, ele está sempre viajando pelo interior atrás delas.

– Então pode ser que ele tenha encontrado numa delas a jarra que pertencia aos Turner. Uma coincidência curiosa, e talvez um exemplo de algum tipo de força obscura buscando por justiça.

Hartington, é fundamental que você pergunte ao seu tio onde foi que ele comprou a jarra.

O rosto de Jack assumiu uma expressão desolada.

– Temo que isso seja impossível. Ele deixou a Inglaterra e está viajando pelo continente. Não sei nem mesmo para onde eu poderia escrever.

– Quando ele volta?

– Daqui a três semanas, talvez um mês, pelo menos.

Houve um momento de silêncio. Felise olhava aflita ora para o médico, ora para Jack.

– Não há nada que possamos fazer antes de ele voltar? – perguntou ela, timidamente.

– Sim – respondeu Lavington, tentando conter o próprio entusiasmo. – Trata-se de uma estratégia pouco comum, mas é possível que funcione. Hartington, você precisa conseguir para nós essa jarra. Traga-a até aqui e, se mademoiselle nos permitir, passaremos uma noite no chalé, levando conosco a jarra azul.

Jack sentiu um ligeiro mal-estar tomar conta do seu corpo.

– Mas o que você espera que aconteça? – perguntou ele, desconfiado.

– Não faço a menor ideia, mas desconfio que o mistério se resolva e o fantasma descanse. É possível que a jarra tenha um fundo falso, com alguma coisa nele escondida. Se nada se manifestar, teremos de usar a nossa própria imaginação.

Felise bateu as mãos uma na outra.

– É uma ótima ideia! – exclamou.

Seus olhos brilhavam de empolgação. Jack não compartilhava

daquela alegria. Na verdade, se sentia acabrunhado e fazia um grande esforço para que os outros não percebessem. O médico agia como se a sua sugestão fosse perfeitamente natural.

– Quando você pode pegar a jarra? – perguntou Felise a Jack.

– Amanhã – respondeu ele, hesitante.

Jack já não podia voltar atrás e, para manter a calma, precisava reprimir com todas as forças a lembrança angustiante daquele grito de socorro que vinha lhe assombrando todas aquelas manhãs.

Na noite seguinte, ele foi até a casa do tio e apanhou a jarra azul. Quando a viu, ficou ainda mais convencido de que era idêntica àquela pintada em aquarela no retrato, mas não foi capaz de encontrar qualquer fundo falso, por mais que a examinasse.

Eram onze horas quando ele e Lavington chegaram ao chalé. Felise os esperava e abriu silenciosamente a porta antes de eles terem tempo de bater.

– Entrem – murmurou ela. – Meu pai está dormindo no andar de cima e não quero acordá-lo. Fiz um café para vocês.

Ela conduziu-os até a pequena e acolhedora sala de estar. Uma espiriteira fora deixada na lareira e, inclinando-se sobre ela, a moça serviu para eles um pouco de café.

Jack desempacotou a jarra chinesa que protegera sob diversas camadas de papel. Quando bateu os olhos no objeto, Felise abriu involuntariamente a boca.

– Sim, sim! – exclamou ela de repente, em voz baixa, mas emocionada. – É essa mesma, tenho certeza!

Enquanto isso, Lavington ia preparando a sala. Ele retirou todos os enfeites de uma mesinha e colocou-a no centro da peça. Ao

redor dela, ajeitou três cadeiras. Depois disso, pegou de Jack a jarra azul e deixou-a no centro da mesa.

– Agora – disse ele – estamos prontos. Apague as luzes. Ficaremos sentados ao redor dessa mesa.

Jack e Felise obedeceram.

No escuro, a voz de Lavington falou novamente:

– Não pensem em nada, ou deixem o pensamento seguir seu próprio rumo. Não forcem a mente. É possível que um de nós tenha capacidades mediúnicas. Se assim for, essa pessoa vai entrar em transe. Lembrem-se de que não há nada a temer. Mantenham o coração livre do medo e deixem-se levar, levar...

A voz dele foi se esvaindo, e fez-se silêncio. A cada minuto que passava, o silêncio parecia crescer e se intensificar de novas possibilidades. Para Lavington, era relativamente fácil afastar o medo, mas não era medo o que Jack sentia. Ele estava em pânico. E tinha certeza de que Felise sentia o mesmo. De repente, ele ouviu a voz dela, um sussurro aterrorizado:

– Alguma coisa horrível vai acontecer. Estou sentindo.

– Não se deixe dominar pelo medo. Não lute contra a influência.

A sala parecia ter ficado mais escura, e o silêncio mais pungente. Aquilo que os ameaçava estava cada vez mais próximo.

Em vão Jack tentou conter os tremores que tomaram conta do seu corpo quando sentiu ao lado a presença de uma força.

Mas de repente a tensão se aliviou e, de olhos fechados, ele foi invadido por uma paz estranha que o levou pelo escuro como uma torrente...

II

Quando Jack voltou a si, sua cabeça estava pesada, pesada como chumbo. Que lugar era aquele?

O calor do sol lhe envolvia o corpo e, ao olhar para o céu, enxergou alguns pássaros.

Foi então que se lembrou da sessão, da salinha, de Felise e do médico. O que acontecera?

Sentou-se e olhou ao redor, com a cabeça latejando.

Ele estava no bosque, perto do chalé, sozinho. Ao consultar o relógio, descobriu espantado que era meio-dia e meia.

Jack fez um grande esforço para se levantar e correu o mais rápido que pôde na direção do chalé. Deviam ter se assustado com o fato de ele não sair do transe, e por isso levaram-no para fora, ao ar livre.

Chegando ao chalé, ele bateu com força na porta. Ninguém respondeu. Era como se não estivessem ali. Deviam ter ido buscar ajuda. Ou talvez... uma sensação esquisita e desagradável tomou conta do seu corpo. O que acontecera durante a noite?

Voltou ao hotel o mais rápido que pôde. Quando se dirigiu ao escritório, a fim de fazer algumas perguntas, recebeu uma formidável pancada nas costas que quase o atirou no chão. Ao virar-se indignado, deu de cara com um velho de cabelos brancos que sorria divertido.

– Não me esperava por aqui, meu jovem? – perguntou o sujeito.

– Ora, tio George! Imaginava que estivesse a quilômetros de

distância, quem sabe talvez na Itália...

– Ah... mas eu não estava. Cheguei em Dover ontem à noite. Pensei em dirigir até a cidade, e resolvi dar uma passada aqui para vê-lo. E o que foi que descobri? A noite toda na rua, hein? Arrá!

– Tio George – protestou Jack, com veemência –, tenho uma história extraordinária para lhe contar. O senhor não vai acreditar...

– Acho que não vou mesmo... – disse o velho, rindo. – Mas tente, meu rapaz.

– Antes preciso comer alguma coisa. Estou morto de fome.

Jack saiu à frente na direção da sala de jantar e, em meio à refeição reforçada, contou a sua história.

– E sabe-se lá o que foi que aconteceu com eles...

O tio estava à beira de um ataque de apoplexia.

– A jarra! – conseguiu dizer finalmente, depois de um grande esforço. – A jarra azul! Onde foi parar?

Jack arregalou os olhos, espantado, e submergiu à torrente de palavras pronunciadas pelo tio:

– Peça única na minha coleção! Porcelana Ming autêntica, valendo no mínimo dez mil libras! Praticamente um presente de Hoggenheimer, o milionário americano! No mundo todo, não há nada igual! Mas o que foi que você fez com a minha jarra azul?

Só então Jack começou a entender a situação. Ele deixou a sala correndo. Era preciso encontrar Lavington.

A jovem que atendia no escritório olhou para ele friamente.

– O dr. Lavington deixou o hotel ontem, tarde da noite, e pediu que entregassem esse bilhete ao senhor.

Jack desdobrou o papel na frente dela. A mensagem ia direto ao

ponto:

Meu caro jovem,

Chegamos enfim ao momento em que o sobrenatural é desbancado ou não?
Fantasiado em jargão científico, ele se renova.
Abraço caloroso de Felise, do seu pai doente, e meu mesmo.
Temos doze horas de vantagem, que precisamos aproveitar bem.
Cordialmente,

Ambrose Lavington,

Médico da alma.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro*O cão da morte*

Título original do conto: *The Mystery of the Blue Jar*

Tradução: Alessandro Zir
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
O mistério da jarra azul / Agatha Christie; trad. Alessandro Zir – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *The Mystery of the Blue Jar*
ISBN 978-65-5666-061-5
1. Ficção policial inglesa. I. Zir, Alessandro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

The Mystery of the Blue Jar Copyright © 1924 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All

rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
O SINAL VERMELHO
UM CONTO

Agatha Christie®

O SINAL VERMELHO

Tradução de Alessandro Zir

UM CONTO

L&PM EDITORES

O sinal vermelho

Publicado pela primeira vez na *Grand Magazine*, em junho de 1924.

— Não me diga, que emocionante! – exclamou a bela sra. Eversleigh, arregalando seus olhos adoráveis mas ligeiramente entediantes. – Dizem mesmo que as mulheres têm um sexto sentido. Será verdade, sir Alington?

O célebre alienista sorriu, sarcástico. Sua convidada fazia parte de um tipo que não lhe provocava senão desdém: o das pessoas bonitas e bobinhas. Alington West era uma autoridade suprema em doenças mentais. E ele tinha plena consciência de sua posição e importância. Um homem ligeiramente pomposo, de tamanho fora do comum.

– Fala-se muita bobagem, sei bem disso, sra. Eversleigh. Que significado pode ter uma expressão como essa, “sexto sentido”?

– Vocês cientistas são tão sérios! Eu acho extraordinário como às vezes parece que antecipamos mesmo certas coisas. Sabemos, sentimos que elas vão acontecer, é o que quero dizer... Um fenômeno realmente esquisito. Você me entende, Claire, não entende?

Ela apelava para a anfitriã com um ombro ligeiramente mais alto que o outro e fazendo um beicinho de enfado. Claire Trent não respondeu.

Era um jantarzinho íntimo. Claire e o marido, Violet Eversleigh, sir

Alington West e o sobrinho dele, Dermot West, um velho amigo de Jack Trent.

Jack Trent era um homem expansivo, com um sorriso bem-humorado e capaz de uma boa gargalhada. Foi ele quem pegou o fio da conversa.

– Mas é claro que entendemos, Violet! Sua melhor amiga morre num acidente de trem. Você imediatamente se lembra de que sonhou com um gato preto na última terça-feira. Bingo! Você sabia que algo terrível iria acontecer...

– Não, não. De forma alguma, Jack. Você está confundindo premonição com intuição. Se bem que... sir Alington, vocês cientistas admitem a existência de premonições, não?

– Até certo ponto, talvez... – respondeu o médico com cautela. – Mas as coincidências explicam muita coisa e, depois que a história acontece, as pessoas exageram muito. É preciso levar isso em conta.

– Eu não acredito em premonições – sentenciou por fim Claire Trent, com toda a convicção. – Toda essa conversa sobre intuição e sexto sentido é uma bobagem. Passamos pela vida como um trem atravessa a noite escura, e sem a mínima noção de onde vamos chegar.

– Há algo de errado na sua comparação, sra. Trent – declarou Dermot West, levantando a cabeça pela primeira vez e entrando na discussão.

Ao dizer aquilo, seus olhos cinza, muito claros, emitiram um brilho estranho, que contrastou marcadamente com sua tez bronzeada.

– A senhora se esqueceu dos sinais.

– Sinais?

– Sim. Verde, se está tudo bem. Vermelho, se há perigo!

– Vermelho, se há perigo! Veja como fiquei arrepiada – declarou Violet Eversleigh, erguendo o braço.

Dermot fez uma careta e continuou:

– É apenas um modo de falar, é claro. Perigo à frente! Sinal vermelho! Cuidado!

O sr. Trent olhou inquisitivamente para ele:

– Meu caro, você fala como se tivesse uma grande experiência no assunto.

– Mas é... tem sido, quero dizer.

– Pois então conte para nós.

– Posso dar um exemplo. Na Mesopotâmia, logo depois do armistício, voltei para minha tenda com um pressentimento muito forte de perigo. Sinal vermelho! Cuidado! Não sabia a que aquilo se referia. Dei uma volta no acampamento, investiguei aqui e ali, incomodei as pessoas. Em suma, tomei todas as precauções possíveis contra um ataque dos árabes. Depois voltei à tenda. Logo que entrei, fui tomado novamente pelo mesmo pressentimento, dessa vez ainda mais forte. Perigo! Acabei indo dormir do lado de fora, enrolado no cobertor.

– E daí?

– Na manhã seguinte, quando entrei na tenda, a primeira coisa que vi foi uma faca enorme, de cerca de meio metro, atravessada na minha cama, onde eu estaria dormindo. Logo descobri do que se tratava... um dos empregados árabes. O filho dele fora morto por um espião. Pois bem, agora eu gostaria de saber o que o tio Alington

tem a dizer sobre essa história, um exemplo daquilo que eu chamo de sinal vermelho...

O especialista sorriu com ceticismo.

– Uma história bem interessante, meu caro Dermot.

– ...Mas com relação à qual o senhor tem algumas restrições?

– Sim. Não duvido de que você tenha pressentido algum perigo. Tudo se passou exatamente como você nos conta. O que eu questiono é a origem do pressentimento. De acordo com você, ela seria externa. Alguma coisa de fora teria influenciado a sua mente. Mas hoje em dia sabemos que quase tudo vem de dentro, do nosso subconsciente.

– Ah, o subconsciente! – exclamou Jack Trent. – Hoje em dia quem já não ouviu falar dele?

Sir Alington prosseguiu sem dar atenção à interrupção.

– Pode ser que através de um gesto, de um olhar, esse árabe tenha traído a si mesmo e deixado transparecer algo da sua intenção. Conscientemente, meu caro Dermot, você pode não se lembrar, e naquele momento talvez nem tenha percebido, mas o fato ficou registrado no seu subconsciente. O subconsciente nunca esquece. E acreditamos que ele seja capaz inclusive de raciocinar e deduzir independentemente da consciência e da vontade. O seu subconsciente, portanto, concluiu que alguém tentaria assassiná-lo e deu um jeito de transmitir esse alerta à sua consciência.

– É uma explicação convincente – admitiu Dermot, sorrindo.

– Mas sem a menor graça – considerou a sra. Eversleigh.

– Também é possível que o seu subconsciente tenha percebido a raiva que esse homem sentia de você. Aquilo que se costumava

chamar de telepatia certamente existe, mesmo que conheçamos muito pouco sobre o funcionamento desse fenômeno.

– Você teria algum outro exemplo para nos dar, Dermot? – perguntou Claire.

– Ah, sim! Mas nada de muito espetacular. E suponho que tudo poderia ser explicado como coincidência. Uma vez recusei um convite para viajar ao campo, pelo único motivo de que pressenti perigo. O lugar pegou fogo na semana seguinte. E então, tio Alington, qual o papel do subconsciente nessa história?

– Receio que papel algum – respondeu Alington, com um sorriso.

– Mas o senhor deve ter alguma outra explicação. Vamos lá, não é preciso fazer cerimônia comigo.

– Bem, neste caso, sobrinho, imagino que você tenha recusado o convite pela simples razão de que não queria ir. Depois do incêndio, você convenceu a si mesmo de que tivera um pressentimento, e até hoje acredita nisso.

– É inútil – disse Dermot, com uma risada. – Nada do que eu diga vai convencê-lo.

– Não se preocupe, sr. West – exclamou Violet Eversleigh. – Eu acredito piamente no seu sinal vermelho. Foi na Mesopotâmia a última vez que o sentiu?

– Sim... isso até...

– Como?

– Nada.

Dermot ficou em silêncio. As palavras que ele quase dissera eram “sim, isso até hoje à noite”. Elas tinham surgido da forma mais espontânea, dando voz a um pensamento do qual ele não estivera

consciente, mas que sabia ser verdade. O sinal vermelho brilhava com toda a força na escuridão. Perigo! Perigo iminente!

Mas por quê? Que perigo poderia haver ali? Estava na companhia de amigos. A não ser que... bem, havia um certo tipo de perigo. Ele olhou para Claire Trent... sua palidez, sua fragilidade e o requinte com que ela inclinava a cabeça dourada. Mas esse perigo já existia há um bom tempo e nunca se concretizara. Jack Trent era o seu melhor amigo. Mais do que isso, ele era o homem que salvara a sua vida em Flandres e quase fora condecorado com a cruz da vitória. Um ótimo sujeito, um dos melhores que conhecia. Era um maldito azar que Dermot tivesse se apaixonado pela mulher de Jack. Mas aquela paixão teria de ter um fim. O sofrimento teria de acabar. A solução era esperar que o tempo passasse e o sentimento diminuísse. Ela não sabia de nada, e se soubesse não levaria a sério. Uma estátua, uma bela estátua feita de ouro, marfim e coral rosa pálido... Um brinquedo divino, e não uma mulher real...

Claire... pensar naquele nome, soletrá-lo para si mesmo, era como mexer numa ferida... Ele tinha de superar aquilo. Já se apaixonara outras vezes... *Mas não daquela maneira*! Alguma coisa lhe dizia: *não daquela maneira*. Bem, era isso. Nenhum perigo ali, apenas sofrimento. O sinal vermelho devia ser para alguma outra coisa.

Ele olhou ao redor e pela primeira vez percebeu como aquela reunião era estranha. Seu tio, por exemplo, jamais participava desse tipo de jantarzinho informal. Até aquela noite, Dermot nem mesmo sabia que sir Alington conhecia os Trent.

Tudo se justificava pelo motivo por que estavam ali. Esperavam

uma célebre médium que devia comandar para eles uma sessão após o jantar. Sir Alington admitia ter um certo interesse em espiritismo. Aquela era a desculpa da reunião.

A palavra ficou ecoando na sua mente. *Desculpa*. Seria a sessão uma mera desculpa para justificar a presença do especialista no jantar? Se era assim, qual seria o verdadeiro motivo da reunião? Detalhes desconexos assomaram à sua cabeça, banalidades às quais nunca dera importância, aquilo tudo que seu tio chamaria de “registros do subconsciente”.

O ilustre doutor tinha olhado para Claire de maneira estranha, muito estranha, mais de uma vez. Era como se a vigiasse. Ela ficava constrangida. Contraía as mãos em movimentos repentinos. Estava nervosa, terrivelmente nervosa, e talvez... amedrontada? Do que ela teria medo?

Dermot caiu em si e voltou a prestar atenção na conversa da mesa. A sra. Eversleigh tinha conseguido extrair do médico um discurso:

– Minha cara – disse ele –, o que é a loucura? Posso assegurar-lhe que quanto mais estudamos o assunto mais temos dificuldade de nos posicionar. As pessoas todas se iludem, e é só quando passam a achar que são o czar da Rússia que é necessário calá-las ou contê-las. Mas há um longo caminho até se atingir esse ponto. E onde devemos traçar uma linha demarcando onde termina a sanidade e começa a loucura? Isso pode ser feito, mas vou lhe dizer uma coisa: se alguém é tomado por uma ideia delirante e não comenta nada a respeito, não teremos como distingui-lo de uma pessoa normal. A extraordinária sanidade dos insanos é um assunto

dos mais interessantes.

Satisfeito com a impressão que seu discurso causara, sir Alington tomou um gole de vinho e abriu um largo sorriso.

– Sempre ouvi dizer que eles são muito espertos – observou a sra. Eversleigh. – Os doidos, quero dizer.

– Muito. E eliminar a loucura de alguém pode ter resultados catastróficos. Como os psicanalistas ensinam, precisamos de certas fantasias para viver. Uma pessoa excêntrica dificilmente se torna realmente perigosa. Mas um homem – acrescentou ele, com uma pausa – ou uma mulher que se comporte de forma absolutamente normal e previsível pode ser na verdade um risco para a sociedade.

Ele dirigiu o olhar calmamente para Claire, do outro lado da mesa, e depois de volta para o copo de vinho, do qual bebeu um gole.

Dermot sentiu um calafrio. O que ele queria dizer com aquilo? Onde queria chegar? Não fazia sentido...

– Realmente, é preciso dar vazão ao nosso eu interior – suspirou a sra. Eversleigh. – Temos de tomar cuidado para não reprimir a própria personalidade. É terrível nos podarmos por causa dos outros...

– Cara sra. Eversleigh – protestou o médico –, não foi bem isso o que eu quis dizer. A causa do mal está no cérebro... Às vezes, o mal é desencadeado por fatores externos, mas tem sempre uma origem congênita.

– Ah, a hereditariedade é tão triste! – suspirou ela, confusa. – Penso nas pessoas tísicas e tudo mais...

– A tuberculose não é uma doença hereditária – observou sir

Alington, cortante.

– Ah, não? Sempre achei que fosse... Mas a loucura é. Que horror! O que mais é hereditário?

– Gota – disse sir Alington, sorrindo. – E daltonismo... este último caso é muito interessante. A doença é transmitida diretamente aos homens, e nas mulheres permanece latente. Há muitos casos de homens daltônicos. Mas a doença só se manifesta numa mulher caso tenha estado latente na mãe e manifesta no pai. Esse tipo de hereditariedade não é muito comum. É o que se chama de herança ligada ao sexo.

– Mas que interessante! E esse não é o caso da loucura?

– A loucura pode ser transmitida de forma indiferente a homens e mulheres – disse o médico, solene.

Claire levantou-se de repente, empurrando sua cadeira para trás com tal veemência que a fez girar e cair. Estava muito pálida, e o movimento nervoso dos seus dedos chamou a atenção de todos.

– Vocês não vão demorar muito com essa conversa, vão? – perguntou num tom preocupado. – A sra. Thompson já deve estar chegando.

– Deixe-me tomar mais um cálice de porto e me juntarei a vocês – declarou sir Alington. – Afinal de contas, vim aqui para ver o espetáculo dessa extraordinária sra. Thompson, não é mesmo? E estou curioso!

Claire respondeu com um meio sorriso e dirigiu-se para a sala de estar com a sra. Eversleigh.

– Acho que exagerei na conversa, meu caro – disse o médico, dirigindo-se ao anfitrião. – É o tipo do assunto que interessa apenas

a profissionais.

– De forma alguma – respondeu Trent, por educação.

Ele parecia tenso e preocupado. Pela primeira vez, Dermot sentiu-se pouco à vontade na companhia do amigo. Entre os dois, havia um segredo que nem a um velho amigo se conta. A situação toda parecia irreal. Ele não sabia o que pensar. Como saber o significado de alguns olhares e do nervosismo de uma mulher?

Ficaram pouco tempo saboreando o resto do vinho e chegaram à sala de estar no exato momento em que anunciavam a sra. Thompson.

A médium era uma mulher gordinha de meia-idade. Usava um vestido horroroso de veludo magenta e falava alto demais.

– Espero que eu não esteja muito atrasada, sra. Trent! – disse ela, animada. – A senhora tinha dito nove horas, não é mesmo?

– A senhora chegou na hora certa, não se preocupe – disse Claire na sua voz doce e ligeiramente rouca. – Este é o nosso pequeno grupo.

Nenhuma apresentação foi feita, como era evidentemente de praxe. A médium perscrutou a todos com seu olhar penetrante.

– Acho que vamos obter bons resultados – observou ela, sem delongas. – Odeio quando saio e fico impedida de satisfazer às pessoas. Não há nada mais irritante. Mas tenho a impressão de que Shiromako (meu guia japonês) não vai ter nenhuma dificuldade de se manifestar hoje. Estou me sentindo tão bem! Até recusei um pouco do molho *welsh rarebit*, por mais que eu seja louca por queijo derretido.

Dermot escutava, desconfiado. Era tudo tão prosaico que

chegava a ser engraçado! Mas será que ele não estava sendo duro demais? Afinal de contas, era tudo natural... Os poderes que os médiuns alegavam possuir eram poderes naturais, mesmo se mal compreendidos. Um grande cirurgião pode ter uma dor de barriga antes de uma operação delicada. Por que seria diferente com a sra. Thompson?

Cadeiras foram dispostas num círculo. Cadeiras leves, que pudessem ser manejadas com facilidade. Dermot observou que ninguém perguntava nada. Nem mesmo sir Alington examinava as condições em que a sessão iria decorrer. Aquilo tudo só podia ser um embuste. A sra. Thompson estava ali como uma desculpa, e o motivo da visita de sir Alington era outro. A mãe de Claire, lembrou-se Dermot, tinha morrido no exterior. Havia um mistério em torno da sua morte... Hereditariedade...

De repente ele voltou a si, e os outros já tomavam os seus lugares. Apagaram as luzes, exceto a de um abajur vermelho que ficava numa mesa afastada.

Por um momento, não se ouvia nada exceto a respiração profunda e controlada da médium. Aos poucos, ela foi ficando mais barulhenta. Até que, quando menos se esperava, um estrondo veio do outro lado da sala, fazendo com que Dermot pulasse na cadeira de susto. O barulho se repetiu saindo de uma outra parede. Começaram então batidas ritmadas num crescendo. Elas se extinguiram dando lugar a uma risada estridente e desdenhosa que ecoou pela sala. Depois veio um momento de silêncio, que foi quebrado por uma voz estranha, aguda, saída da boca da sra. Thompson.

– Estou aqui, senhores. Sim, estou aqui. Têm perguntas a fazer?

– Quem é você? Shiromako?

– Sim. Shiromako. Há muito que morri. Agora trabalho. Muito feliz.

Foram dados detalhes da vida de Shiromako. Previsíveis, sem qualquer interesse, como Dermot já ouvira milhares de vezes. Todos estavam contentes, satisfeitos. Vieram mensagens de parentes vagamente descritos. Descrições tão vagas que se adequariam a qualquer situação. Uma senhora de idade, a mãe de alguém presente, tomou a palavra por um tempo, professando velhas máximas como se fossem as últimas novidades de um assunto inteiramente desconhecido.

– Outra pessoa gostaria de falar agora – anunciou Shiromako. – Alguém que tem uma mensagem importante para um dos cavalheiros aqui presentes.

Houve um momento de silêncio e outra voz falou, prefaciando as observações com uma gargalhada demoníaca.

– Hahaha! Melhor não voltarem para casa. Melhor não voltarem para casa. Escutem o que estou dizendo.

– Quem está falando? – perguntou Trent.

– Um de vocês três. Se eu fosse ele, não voltaria para casa. Perigo! Sangue! Não muito sangue, mas o suficiente. Não volte para casa! Não volte para casa... – repetiu a voz, enfraquecendo.

Ela caiu em silêncio. Dermot sentiu o sangue subir ao rosto. O aviso era para ele, só podia ser. Naquela noite, ele estava correndo algum tipo de risco.

A médium suspirou, depois soltou um gemido. Ela estava

voltando a si. As luzes foram acesas e ela se aprumou na cadeira, piscando um pouco os olhos.

– Deu tudo certo, minha cara? Espero que sim.

– Foi tudo muito bem, obrigada, sra. Thompson.

– Shiromako?

– Sim, ele falou, e outras pessoas...

A sra. Thompson bocejou.

– Estou morta. Absolutamente exausta. Isso acaba com a gente. Bem, estou contente que tenha sido um sucesso. Receava que pudesse não dar certo. Tive um pressentimento desagradável. Há alguma vibração estranha nesta sala.

Ela virou a cabeça por cima de cada um dos ombros, olhando para os cantos. Teve uma espécie de arrepio e disse:

– Não me agrada... Alguém entre vocês faleceu recentemente?

– Como?

– Algum parente, amigos? Não? Bem, se quisesse ser melodramática, diria que há um cheiro de morte no ar essa noite. Mas deve ser apenas a minha imaginação. Até mais ver, sra. Trent. Fico contente que a sessão a tenha deixado satisfeita.

No seu vestido de veludo magenta, a sra. Thompson deixou a sala.

– Espero que a sessão tenha lhe interessado, sir Alington – murmurou Claire.

– Foi uma noite extremamente interessante, minha cara. Agradeço muito pela oportunidade. Desejo uma boa noite a todos vocês. Preciso ir. Vão sair para dançar, não?

– O senhor não vai com a gente?

– Não, não. Nunca durmo depois das onze e meia. Boa noite. Boa noite, sra. Eversleigh. Ah! Dermot, gostaria de trocar uma palavrinha com você. Será que poderia vir comigo? Você pode reencontrá-los mais tarde nas Grafton Galleries.

– É claro, tio. Nos encontramos lá então, Trent.

Poucas palavras foram trocadas entre o tio e o sobrinho no curto trajeto até a Harley Street. Sir Alington se desculpou por desviar Dermot do seu caminho, e garantiu que só precisaria dele por alguns minutos.

– Quer que peça ao motorista para esperar? – perguntou ele enquanto desciam do carro.

– Ah, não se preocupe, tio. Eu pego um táxi.

– Está bem. Não gosto de obrigar Charlson a trabalhar até tarde. Boa noite, Charlson. Agora... onde diabos eu botei a minha chave?

O carro se afastou enquanto sir Alington vasculhava inutilmente os bolsos em busca da chave.

– Deve ter ficado no meu outro casaco – disse ele por fim. – Toque a campainha, por favor. Acho que Johnson ainda está acordado.

E, de fato, em menos de sessenta segundos a porta foi aberta pelo imperturbável Johnson.

– Esqueci as chaves, Johnson – explicou sir Alington. – Leve dois uísques com soda até a biblioteca, por favor.

– Pode deixar, sir Alington.

O médico caminhou até a biblioteca e acendeu as luzes. Fez um sinal para que Dermot fechasse a porta depois de entrar.

– Não vou tomar muito do seu tempo, Dermot, mas há algo que

preciso lhe dizer. Será que estou imaginando coisas ou você tem mesmo uma certa... *tendresse* pela mulher de Jack Trent?

Dermot ficou vermelho.

– Jack Trent é meu melhor amigo.

– Me desculpe, mas isso não responde à pergunta. Imagino que você me considere puritano demais no que diz respeito a divórcio e assuntos relacionados, mas sou obrigado a lembrá-lo de que você é meu único parente próximo e meu herdeiro.

– Ninguém está pensando em divórcio – disse Dermot, irritado.

– É claro que não, e eu sei muito bem por quê. Não posso lhe dizer do que se trata, mas gostaria de alertá-lo. Claire Trent não é mulher para você.

O jovem encarou o olhar do tio sem pestanejar.

– Eu sei disso, e mais do que o senhor imagina, se me permite dizer. Também sei por que foi ao jantar.

– Como?

O médico parecia confuso. Ele perguntou:

– O que você sabe?

– Tenho certeza de que o senhor foi lá como um profissional.

Sir Alington caminhava de um lado para o outro.

– Você está certo, Dermot. Eu não poderia lhe contar eu mesmo, apesar de que mais cedo ou mais tarde todos vão ficar sabendo...

Dermot franziu o cenho.

– O senhor então já tem certeza?

– Sim. A família sofre de insanidade... pelo lado da mãe. Um caso triste, muito triste.

– Não posso acreditar.

– Imagino que não mesmo. Para um leigo, há poucos sinais aparentes.

– E para um especialista?

– A evidência é indubitável. Num caso como esse, o paciente deve ser internado o quanto antes.

– Meu Deus! – exclamou Dermot. – Não podem fazer isso a troco de nada.

– Meu caro Dermot! O internamento não seria indicado se o caso não pusesse em risco o convívio social.

– Um risco gravíssimo, suponho. Só pode ser alguma mania homicida. Era esse o caso da mãe?

Dermot deu as costas ao tio com um rugido e escondeu o rosto na palma das mãos. Claire... a palidez, os cabelos dourados!

– Sinto-me na obrigação de alertá-lo – continuou o médico, friamente. – As circunstâncias são graves.

– Claire... – murmurou Dermot. – Minha pobre Claire.

– De fato, é uma pena para ela.

De repente, Dermot ergueu o rosto.

– Eu não acredito.

– O quê?

– Disse que não acredito. Médicos se enganam. Todo mundo sabe disso. E os especialistas se tornam fanáticos.

– Meu caro Dermot! – exclamou sir Alington, irritado.

– Já lhe disse que não acredito. E, mesmo que fosse verdade, não me importo. Eu amo Claire. Se ela quiser vir comigo, levo-a para longe... muito longe. Fora do alcance de médicos intrometidos. Vou defendê-la, cuidar dela, protegê-la com meu amor.

– Você não vai fazer nada disso. Por acaso enlouqueceu?

Dermot soltou uma risada debochada.

– É claro que você só podia dizer isso.

– Por favor, Dermot... – o rosto de sir Alington estava roxo de raiva. – Se você fizer uma coisa dessas, uma coisa vergonhosa como essa... é o fim. Vou ter de suprimir a ajuda que agora estou lhe dando, e faço também um novo testamento deixando tudo o que tenho para diversos hospitais.

– Faça o que achar melhor. O maldito dinheiro é seu – disse Dermot numa voz abafada. – Ficarei com a mulher a quem amo.

– Uma mulher que...

– Diga mais uma palavra sobre ela e... por Deus! Terei de calá-lo – gritou Dermot.

Um tinir de copos fez com que ambos se virassem. No calor da discussão, não haviam percebido que Johnson entrara na sala trazendo consigo os drinques. Seu rosto continuava imperturbável como o de um bom empregado, mas Dermot se perguntava o quanto ele tinha ouvido.

– Já basta, Johnson – disse sir Alington, bruscamente. – Você pode ir dormir.

– Obrigado, senhor. Boa noite.

Johnson saiu.

Os dois homens se olhavam. A interrupção momentânea acalmara a tempestade.

– Tio – disse Dermot –, eu não devia ter falado com o senhor desse jeito. Entendo o seu ponto de vista. Mas já faz muito tempo que amo Claire Trent. Nunca falei sobre isso com ela, porque Jack

Trent é o meu melhor amigo. Mas nas circunstâncias atuais isso já não é relevante. E não são questões financeiras que vão me deter. Essa ideia é absurda. Acho que já dissemos tudo o que tínhamos a nos dizer. Boa noite.

– Dermot...

– É inútil discutir. Boa noite, tio Alington. Me desculpe, mas é assim que tem de ser.

Ele saiu apressado, fechando a porta. O corredor estava escuro. Ele o atravessou, abriu a porta da frente e bateu-a atrás de si.

Na rua, chamou um táxi que parara numa casa logo adiante para deixar uma encomenda. O motorista o levou até as Grafton Galleries.

Dermot ficou por um instante parado na porta de entrada do salão de baile. Sentia-se desnorteado, a cabeça girando. O jazz estridente, o sorriso fácil das mulheres... Era como se ele estivesse prestes a pisar num outro mundo.

Estaria sonhando? Era inacreditável a discussão que acabara de ter com o tio. Claire passou por ele flutuando, como um lírio, no seu vestido branco e prateado que, colado ao corpo, ressaltava ainda mais a sua elegância. Ela sorriu para ele, um sorriso calmo e sereno. Só podia ser um sonho.

A música terminou. Ela se aproximou dele, sorriu junto ao seu rosto. Como se sonhasse, ele convidou-a para dançar. A música estridente recomeçava, e Claire estava em seus braços.

Ele sentiu que ela fraquejava.

– Está cansada? Prefere parar um pouco?

– Se você não se importa. Gostaria de ir a um lugar onde

pudéssemos conversar. Tenho algo a lhe dizer.

Não era sonho. Ele se deu conta e foi como levar um baque. O rosto dela já não tinha nada de calmo e sereno. Estava tomado de ansiedade, de pânico. Quanto ela sabia?

Ele encontrou um cantinho mais isolado, onde sentaram-se lado a lado.

– Bem – disse ele, imprimindo à voz uma falsa leveza. – Há algo que você gostaria de me contar?

– Sim.

Ela olhava para baixo e brincava nervosamente com a borla que enfeitava seu vestido.

– Não sei como começar... – disse.

– Você pode ser franca comigo, Claire.

– Gostaria que você... se afastasse por um período.

Ele foi pego totalmente de surpresa. Jamais esperava que ela lhe dissesse aquilo.

– Quer que eu me afaste? Por quê?

– É melhor sermos sinceros, não? Eu... sei que você é um cavalheiro e meu amigo. Quero que se afaste, porque... estou gostando de você.

– Claire...

Ele ficou mudo. Não conseguia dizer mais nada.

– Por favor, não vá pensar que eu sou louca o suficiente para imaginar que... que um dia você também se apaixone por mim. É que... ando um pouco triste e... Acho melhor você se afastar.

– Claire, por acaso você não percebeu... não percebeu o quanto me importo... Desde que a conheci...

Surpresa, ela levantou os olhos.

– Se importa? Desde quando?

– Desde o começo.

– Ah! – exclamou ela. – Então por que não me disse nada? Naquela época, poderíamos ter ficado juntos. Agora... é tarde demais. Não, não... Estou louca. Não sei o que digo. Jamais poderíamos ficar juntos.

– Claire, por que é que você disse que agora é tarde demais? O meu tio... ele tem algo a ver com isso? O que ele sabe sobre você? O que ele pensa?

Ela fez que sim com a cabeça e lágrimas rolaram dos seus olhos.

– Escute, Claire, não dê ouvidos a nada disso. Esqueça. Vou levá-la para longe daqui. Vamos para os Mares do Sul, para alguma ilha. Lá você será feliz e poderei protegê-la. Cuidarei de você para sempre.

Ele abraçou-a, puxando-a para perto de si. Ela começou a tremer até que se livrou dele.

– Ah, não. Por favor, será que você não entende? Agora é impossível. Seria horrível, horrível. Sempre procurei agir corretamente, e agora... isso seria errado.

Ao ouvir aquelas palavras, ele hesitou. Ela lhe lançava um olhar de súplica.

– Por favor – insistiu ela –, não seria correto...

Sem mais uma palavra, Dermot levantou-se e deixou-a. As palavras dela tinham-no convencido, e ele se sentia incapaz de argumentar. Ao sair em busca do chapéu e do casaco, esbarrou em Trent.

– E então, Dermot! Já vai tão cedo?

– Sim. Não estou com vontade de dançar hoje.

– Maldita noite! – desabafou Trent, angustiado. – Mas o melhor é eu não ficar me queixando.

A ideia de que o amigo pudesse se abrir com ele deixou Dermot horrorizado. Era só o que lhe faltava!

– Bem, até logo – apressou-se em dizer. – Estou indo para casa.

– Para casa? O espírito disse que era melhor não...

– Mas vou arriscar. Boa noite, Jack.

O apartamento de Dermot não ficava longe. Resolveu ir caminhando, na esperança de que o ar fresco da noite pudesse ajudá-lo a esfriar a cabeça.

Abriu a porta com a chave e foi até o quarto, onde acendeu a luz.

Naquele mesmo momento, pela segunda vez naquela noite, aquilo que ele caracterizara como um sinal vermelho se impôs com toda a força. A intensidade do alerta era tão grande que por um momento ele até se esqueceu de Claire.

Perigo! Ele estava em perigo. Naquele momento, naquele quarto, ele estava em perigo.

Em vão tentou minimizar para si mesmo o risco, iludindo o medo. Isso porque talvez, no fundo, ele não quisesse deixar de acreditar no pressentimento. Até aquele momento, o sinal vermelho fora providencial, permitindo que ele evitasse desastres em momentos decisivos. Achando graça da própria superstição, Dermot deu uma olhada no apartamento. Era possível que algum meliante tivesse entrado e se escondido em algum lugar. Mas não havia ninguém. O seu criado, Milson, saíra de folga, e o apartamento fora deixado

vazio.

Dermot voltou para o quarto e despiu-se lentamente, com a cara amarrada. A sensação de perigo era muito forte. Foi até a gaveta apanhar um lenço e de repente tomou um susto que o deixou paralisado. Havia alguma coisa estranha no meio da gaveta, um objeto sólido.

Seus dedos nervosos afastaram os lenços, e ele tirou da gaveta o objeto que escondiam: um revólver.

Totalmente perplexo, Dermot examinou-o com cuidado. Era de um modelo pouco comum, e havia indícios de que tivesse sido usado recentemente. Fora isso, Dermot não sabia mais nada. Alguém colocara o revólver na gaveta naquela mesma noite. A arma não estava lá quando Dermot se vestira para o jantar, disso ele tinha certeza.

Ele ia guardá-la de volta na gaveta quando a campainha tocou, assustando-o. A campainha não parava de tocar, e o barulho ecoava infernal pelo apartamento silencioso e vazio.

Àquela hora, quem poderia ser? A resposta emergiu como uma pulsação instintiva e persistente: perigo, perigo, perigo!

Obedecendo a um impulso que não sabia de onde vinha, Dermot apagou a luz, enrolou-se num sobretudo que estava dobrado no encosto da cadeira e foi até o corredor.

Havia dois homens do lado de fora. Dermot pôde distinguir um uniforme azul. Um policial!

Ele abriu a porta.

– Sr. West? – perguntou o homem que estava na frente.

Dermot teve a impressão de que anos tinham se passado antes

de conseguir responder. Na verdade, foram necessários apenas alguns segundos para que ele respondesse na voz impessoal do seu criado:

– O sr. West ainda não voltou. O que os senhores querem com ele a essa hora da noite?

– Ainda não voltou, é? Então acho melhor entrarmos e esperarmos por ele aí dentro.

– Não, não, de forma alguma.

– Meu caro, sou o inspetor Verall, da Scotland Yard, e temos um mandado de prisão contra o seu patrão. Está aqui.

Aturdido, Dermot deu ou fingiu dar uma olhada no papel e em seguida perguntou:

– Mas por que isso? Qual a acusação?

– Assassinato. De sir Alington West, da Harley Street.

Sua cabeça começou a girar, e Dermot cedeu diante das desagradáveis visitas. Ele foi até a sala de estar e acendeu a luz. O inspetor o seguiu.

– Dê uma busca pela casa – ordenou ele ao outro homem.

Depois, dirigiu-se a Dermot:

– Você fique aqui. Nem pense em sair para prevenir seu patrão. Qual é o seu nome?

– Milson, senhor.

– Que horas você supõe que seu patrão retorne?

– Eu não sei. Acho que saiu para dançar. Foi até as Grafton Galleries.

– Faz uma hora que ele saiu de lá. Tem certeza de que não voltou aqui?

– Acho que não. Se tivesse voltado, eu o teria ouvido entrar.

Naquele momento, o outro homem veio da sala ao lado. Trazia na mão um revólver, que levou até o inspetor, exultante.

Com uma expressão de satisfação estampada no rosto, o inspetor declarou:

– Isso põe um ponto final à nossa visita. Ele deve ter entrado e saído sem fazer barulho. Deve estar escondido em algum outro lugar. É melhor eu ir. Cawley, você fica aqui, caso ele retorne. E fique de olho nesse sujeito. Ele pode saber mais coisas sobre o patrão.

O inspetor saiu apressado. Dermot se valeu da prolixidade de Cawley e fez com que o policial lhe contasse todos os detalhes do caso.

– É tudo muito simples – revelou Cawley. – Logo descobriram o assassinato. Johnson, o criado, acabara de ir se deitar quando imaginou ter ouvido um tiro. Ele desceu novamente e encontrou sir Alington morto, com um tiro no coração. Em seguida nos ligou e, quando chegamos lá, nos contou a história.

– E isso explica tudo? – arriscou Dermot.

– Mas é óbvio. O jovem West acompanhou o tio até em casa, e Johnson os surpreendeu brigando. O velho ameaçava escrever um novo testamento, e o seu patrão ameaçava matá-lo. Cinco minutos depois, ouve-se um tiro. O que mais se poderia querer? Está tudo muito claro.

E estava mesmo. Dermot sentiu o coração fraquejar quando se deu conta da inquestionável evidência que pesava contra ele. Perigo, realmente. E que perigo! Não havia nada a fazer senão fugir.

Pôs a cabeça para funcionar. Ofereceu um chá ao policial, que imediatamente aceitou. Ele já tinha revistado o apartamento e sabia que não havia nenhuma porta nos fundos.

Dermot pôde ir até a cozinha. Chegando lá, pôs a chaleira no fogo e fez algum barulho, mexendo nas xícaras e nos pires. Depois foi rapidamente até a janela de guilhotina e ergueu o vidro. O apartamento ficava no segundo andar, e do lado de fora havia um pequeno elevador de carga, utilizado para transportar mercadorias.

Numa fração de segundo, Dermot estava do outro lado, agarrado ao cabo do elevador de carga, pelo qual descia.

Chegou embaixo com as mãos sangrando e, minutos depois, saiu cuidadosamente pelos fundos do prédio. Ao virar numa esquina, trombou com um homem parado na calçada. Para a sua surpresa, era Jack Trent, que já estava a par da situação.

– Meu Deus, Dermot! Rápido, não fique zanzando por aqui.

Pegando-o pelo braço, levou-o por uma rua transversal e depois por outra. Entraram em um táxi que passava por ali desocupado, e Trent deu ao motorista o seu próprio endereço.

– Por enquanto, é o lugar mais seguro. Lá podemos pensar no que fazer depois para despistar esses idiotas. Vim aqui na esperança de poder alertá-lo antes da chegada da polícia, mas já era tarde.

– Eu nem sabia que você já estava a par dessa história. Jack, você não acredita que...

– É claro que não, nem por um minuto. Conheço você muito bem. Mas, independentemente disso, a coisa está bem complicada para o seu lado. Eles apareceram fazendo perguntas... A que horas você

chegou nas Grafton Galleries, quando saiu etc. Dermot, quem poderia ter feito uma coisa dessas com o velho?

– Nem imagino. Seja lá quem for, acho que guardou o revólver na minha gaveta. Deve ter nos seguido e observado de perto.

– Aquela sessão foi mesmo muito estranha. *Não volte para casa! Perigo!* O aviso era para o velho West. Ele voltou para casa e levou um tiro.

– E para mim também – disse Dermot. – Voltei para casa e dei de cara com a arma do crime e um inspetor.

– Bem, espero que eu pelo menos me safe – disse Trent. – Aqui estamos.

Ele pagou o táxi, abriu a porta e conduziu Dermot pelas escadas escuras até um quartinho no primeiro andar.

Dermot entrou na peça enquanto Trent acendia as luzes. Depois de entrar, Trent disse:

– Aqui é bem seguro. Agora podemos botar a cabeça para funcionar e bolar um plano.

– Agi como um idiota – disse Dermot, de repente. – Eu devia ter encarado tudo de frente. Agora me dou conta. Foi tudo uma armação. Do que você está rindo?

Trent estava recostado na cadeira e ria de tal forma que seu corpo chegava a chacoalhar. O som da sua risada era grotesco, e havia algo de horrível em sua figura. Seus olhos emitiam um brilho sinistro.

– Uma armação muito bem feita – disse ele, arquejando. – Meu caro Dermot, você caiu como um patinho.

Trent pegou o telefone.

– O que você vai fazer?

– Chamar a Scotland Yard. Dizer a eles que tenho aqui o que procuram. Guardado a sete chaves. Sim, tranquei a porta quando entrei e a chave está no meu bolso. E não adianta você ficar olhando para essa outra porta atrás de mim. Leva ao quarto de Claire, e ela sempre a deixa trancada pelo outro lado. Claire tem medo de mim, você sabia? Já faz um tempo. Basta que eu pense naquela longa faca... uma faca bem afiada. Não, você não...

Dermot pulara na direção do amigo, que de súbito fizera aparecer um revólver ameaçador.

– Faz par com o outro – sorriu Trent. – O outro que coloquei na sua gaveta, depois de atirar no velho West... O que você está olhando atrás de mim? A porta? Não adianta. Mesmo se Claire a abrisse, e talvez ela fizesse isso por você... eu atiraria antes de você dar o primeiro passo. Não no coração, não para matá-lo. Só para feri-lo e impedir que fugisse. Sou um excelente atirador, você sabe. Já salvei sua vida uma vez. Fui o mais estúpido. O que eu quero é vê-lo enforcado. E a faca... a faca é para Claire... a bela Claire, tão branquinha, de pele macia. O velho West sabia. Foi por isso que veio aqui esta noite, para me testar. Ele queria me trancafiar em algum hospício para que eu ficasse longe da faca, para que eu não ferisse Claire. Mas fui mais esperto. Roubei a chave dele e a sua. Fui embora pouco depois de chegar no salão de dança. Vi você sair da casa do velho e entrei. Em menos de um minuto já o tinha matado. Depois fui para o seu apartamento e deixei lá o revólver. Estava de volta às Grafton Galleries pouco depois de você chegar. Coloquei as suas chaves de volta no seu bolso quando nos

despedimos. Não me importo de lhe confessar isso tudo. Ninguém está ouvindo mesmo e quando você for enforcado sabendo do que fiz... Deus, que coisa mais engraçada! O que você está matutando? O que você está olhando?

– Estou pensando em algo que você disse antes. Trent, você teria feito melhor em não voltar pra casa.

– Como?

– Olhe para trás!

Trent virou-se de súbito. Na soleira da porta que dividia os dois quartos estavam Claire e o inspetor Verall...

Trent foi rápido. Deu um único disparo e não errou. Caiu atravessado por cima da mesa. O inspetor correu para o seu lado, enquanto Dermot olhava para Claire como se estivessem num sonho. Uma torrente de pensamentos invadiu seu cérebro. O tio, a briga, o seu colossal engano. As leis da Inglaterra que jamais permitiriam a Claire separar-se de um marido ensandecido. “É uma pena para ela...” O plano dela e de sir Alington, que Trent farejara... As palavras angustiadas dela: “horrível, horrível!”. Sim, mas agora...

O inspetor levantou.

– Ele está morto – disse o inspetor, constrangido.

– Sim, Jack era um excelente atirador – disse Dermot, e foi como se ouvisse a voz do amigo.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro *O cão da morte*

Título original do conto: *The Red Signal*

Tradução: Alessandro Zir
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
O sinal vermelho / Agatha Christie; trad. Alessandro Zir – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *The Red Signal*
ISBN 978-65-5666-063-9
1. Ficção policial inglesa. I. Zir, Alessandro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

The Red Signal Copyright © 1924 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All

rights reserved.
www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br


L&PM EDITORES
Agatha Christie®
ENQUANTO
A NOITE DURAR
UM CONTO

Agatha Christie®

ENQUANTO A NOITE DURAR

Tradução de Pedro Gonzaga

UM CONTO

L&PM EDITORES

Enquanto a noite durar

Publicado pela primeira vez na *The Novel Magazine*, em abril de 1924.

O Ford bamboleava em cada um dos sulcos da estrada, e o tórrido sol africano despejava seu calor inclemente. Em cada lado do que se poderia chamar de estrada se estendia uma linha contínua de árvores e arbustos, erguendo-se e baixando-se em uma leve ondulação que seguia até onde a vista alcançava, espalhando-se em uma coloração verde-amarela, profunda e suave, e cujo efeito como um todo era extenuante e estranhamente tranquilizador. Alguns pássaros revoavam no silêncio profundo. Uma cobra cruzou a estrada em frente ao carro, escapando da sanha do motorista com seu calmo e sinuoso rastejar. Um nativo saltou do meio dos arbustos, cheio de dignidade, ereto, seguido por uma mulher que trazia uma criança amarrada com firmeza às costas, além de todos seus utensílios domésticos, incluindo uma frigideira, equilibrados com maestria sobre a cabeça.

George Crozier não deixava de apontar todas essas coisas para sua esposa, que lhe respondia com um monossilábico descaso que o tirava do sério.

“Deve estar pensando naquele sujeito”, ele deduziu, tomado de raiva. Era assim que ele se referia ao primeiro marido de Deirdre Crozier, morto no primeiro ano da guerra. Outra vítima da campanha contra a parte alemã da África Oriental. Naturalmente, ela deveria

estar – ele lançou-lhe um olhar para apreender sua beleza, a maciez branca e rosada de sua face, as formas roliças de sua figura – mais roliça do que quando se conheceram, naqueles idos dias em que ela permitiu com passividade que ele a pedisse em casamento, e então, diante do primeiro temor de guerra, acabasse por afastá-lo de modo abrupto, casando-se às pressas com aquele tipo esguio e bronzeado que era seu amante, Tim Nugent.

Ora, o sujeito estava morto – bravamente morto – e ele, George Crozier tinha casado com a garota que sempre desejara como esposa. Ela também se apaixonara por ele; como poderia ser diferente se ele estava disposto a realizar todo e qualquer desejo dela, além de ter o dinheiro necessário para fazê-lo! Ele refletia com certa complacência sobre o último desejo da mulher, em Kimberley, onde, graças à sua amizade com um dos diretores da De Beers, ele pudera comprar um diamante que, em circunstâncias normais, sequer estaria no mercado, uma pedra que não se destacava pelo tamanho, mas sim por sua extraordinária e rara coloração, de um peculiar e profundo âmbar, que lembrava o tom do ouro envelhecido, um diamante que só aparece de cem em cem anos. E o brilho no olhar dela quando ele a presenteou! Quando o assunto é diamantes, as mulheres são todas iguais.

A necessidade de ter que se segurar com as duas mãos para não ser lançado para fora do veículo trouxe George Crozier de volta ao mundo real. Deixou escapar uma reclamação, talvez pela décima quarta vez, com a desculpável irritação de um homem que era dono de dois Rolls-Royce e que estava acostumado às grandes estradas da civilização:

– Meu Deus, que carro! Que estrada! – Ele seguiu furioso: – Onde fica essa maldita propriedade de tabaco, afinal? Já faz mais de uma hora que deixamos Bulawayo.

– Perdida na Rodésia – disse Deirdre de modo sutil, no ar, entre dois solavancos involuntários.

Mas o motorista cor de café, tentando ser agradável, respondeu com a animadora notícia de que seu destino estava logo ali, depois da próxima curva.

O administrador da propriedade, sr. Walters, esperava-os no pórtico a fim de recebê-los com a devida deferência que George Crozier, por sua proeminente posição na União do Tabaco, merecia. Apresentou sua nora, que conduziu Deirdre através de um hall fresco e escuro até um quarto mais ao fundo, onde ela poderia retirar o véu com o qual sempre se protegia quando tinha de pegar a estrada. Enquanto desfazia-se dos alfinetes, em sua habitual languidez, bastante graciosa, Deirdre deixou que seus olhos percorressem a brancura lavada e horrenda da peça vazia. Por ali não havia luxos, e Deirdre, que adorava o conforto assim como um gato o seu leite, tremeu de leve. Em uma das paredes, havia um texto a confrontá-la: “De que vale para um homem conquistar o mundo inteiro e perder a sua verdadeira alma?”.* Era uma pergunta genérica, feita a todo mundo, e Deirdre, satisfeita por tomar consciência de que aquilo não lhe dizia respeito, virou-se para sua acompanhante, que era um tanto tímida e calada. Deirdre notou, mas de um modo nem um pouco malicioso, a largura de suas cadeiras e o traje inapropriado de algodão barato. E com um brilho

de silenciosa apreciação, seus olhos se voltaram para seu próprio traje, a magnífica (e dispendiosa) simplicidade do linho branco francês. A beleza de sua roupa, somada ao fato de que ela a trajava, encheu-a de profunda alegria.

Os dois homens a esperavam.

– Tem certeza de que não se aborrecerá em nossa companhia, sra. Crozier?

– Nem um pouco. Nunca estive numa fábrica de beneficiamento de tabaco.

Eles avançaram pela tarde parada da Rodésia.

– Ali estão as mudas. Foram transplantadas de acordo. Como o senhor pode ver...

A voz do administrador seguia em um tom monótono, interpolada pelas questões da sra. Crozier, que usava de uma voz destacada e aguda. Queria saber do rendimento, do trabalho de prensagem das folhas, dos problemas com os negros. Parava apenas para ouvir as respostas.

Esta era a Rodésia, a terra que Tim amara, onde os dois teriam vivido felizes assim que a guerra terminasse. Se ele não tivesse sido morto! Como sempre, este pensamento a encheu com a amargura da revolta. Dois breves meses – tudo o que haviam tido. Dois meses de alegria – se é que se pode chamar de alegria a essa mistura de êxtase e dor. Mas seria o amor composto apenas de alegrias? Não será o coração de quem ama sujeito a mil torturas? Ela vivera intensamente aquele curto espaço de tempo, mas teria em outro momento de sua vida conhecido tamanha paz, tamanho descanso, essa espécie de existência tranquila que levava agora? E pela

primeira vez foi obrigada a admitir, mesmo a contragosto, que, apesar de tudo o que lhe acontecera, talvez tenha sido melhor assim.

“Eu não gostaria de viver aqui. É provável que não tivesse conseguido fazer o Tim feliz. Eu iria desapontá-lo. George me ama, e sou apaixonada por ele, e ele é muito, muito bom para mim. Veja esse diamante que ele me comprou uns dias atrás.” E, ao pensar nisso, suas pálpebras se fecharam um pouco de puro prazer.

– Aqui neste local nós amarramos as folhas.

Walter os conduziu por um longo galpão de teto baixo. No chão se estendiam vastas pilhas de folhas verdes, e “garotos” negros vestidos de branco sentavam-se ao redor delas, escolhendo e rejeitando-as com seus dedos habilidosos, separando-as por tamanho, prendendo-as umas às outras com uma espécie de agulha primitiva em uma longa cadeia. Trabalhavam com uma doce tranquilidade, fazendo brincadeiras entre si, mostrando seus dentes brancos quando sorriam.

– Agora, vamos sair...

Atravessaram o galpão e saíram outra vez para a luz do dia, onde as folhas enfileiradas e penduradas secavam ao sol. Deirdre aspirou com delicadeza a suave fragrância, quase imperceptível, que se espalhava pelo ar.

Walters os conduziu até outro galpão, onde as folhas de tabaco, tocadas pelo sol até adquirirem um sutil tom amarelado, recebiam o tratamento seguinte. Estava escuro ali, as folhas amarronzadas balançando sobre suas cabeças, prontas para se esfarelarem a um toque mais rude. A fragrância era mais forte, quase avassaladora,

pareceu a Deirdre, e de repente uma espécie de terror a dominou, um medo que não tinha nome, que a fez sair daquela escuridão olente e ameaçadora em direção à luz do sol. Crozier notou-lhe a palidez.

– O que houve, querida, você não se sente bem? O sol, talvez. É melhor não nos acompanhar através das plantações, está bem?

Walters se mostrou solícito. Era melhor que a sra. Crozier voltasse para a casa e descansasse. Chamou um dos homens, que estava ali perto.

– Sr. Arden. Esta é a sra. Crozier. Ela está um pouco abalada por causa do calor. Leve-a de volta para a casa, está bem?

A tontura momentânea começou a ceder. Deirdre caminhava ao lado de Arden. Ela ainda mal olhara para ele.

– Deirdre!

O coração dela deu um salto, e então parou. Apenas uma pessoa pronunciara seu nome com aquela entonação, com uma leve compressão da primeira sílaba que fazia daquilo uma carícia.**

Ela se virou e olhou firmemente para o homem que estava ao seu lado. O sol havia tornado sua pele quase negra, ele manquejava, e na face mais próxima a ela uma longa cicatriz lhe alterara os traços, mas ainda assim ela foi capaz de reconhecê-lo.

– Tim!

Pelo tempo que pareceu a ela uma eternidade, os dois se encararam, calados e tremendo, e então, sem saber nem como, nem por quê, lançaram-se um nos braços do outro. Para eles, era como se o tempo revertesse o seu fluxo. Depois voltaram a se separar, e Deirdre, consciente da estupidez da pergunta enquanto a

proferia, disse:

– Então você não está morto?

– Não, eles devem ter me confundido com outro cara. Eu tinha sofrido um ferimento grave na cabeça, mas eu consegui me recompor e dei um jeito de me arrastar até os arbustos. Depois disso, não sei o que se passou por vários meses, mas uma tribo amiga cuidou de mim, até que por fim eu estava recuperado e capaz de retornar à civilização. – Ele fez uma pausa. – Descobri que você se casou há seis meses.

– Oh, Tim, por favor, entenda a minha situação! Foi tudo tão terrível, a solidão... e a pobreza. Não me importaria de ser pobre ao seu lado, mas quando fiquei sozinha não tive fibra para resistir à sordidez que me envolvia.

– Está tudo bem, Deirdre, entendi a sua atitude. Sei que você sempre desejou levar uma boa vida, cheia de luxos. Tirei você uma vez desse caminho, mas para fazer isso pela segunda vez, bem, seria preciso uma audácia de que já não dispunha. Eu estava arruinado, como você pode ver agora, mal podia andar sem uma muleta, e, além disso, havia essa cicatriz.

Ela o interrompeu com fervor.

– Você acha que eu ia dar importância para isso?

– Não, eu sei que você não daria. Fui um tolo. Algumas mulheres se importariam, entende? Pus na minha cabeça que eu devia encontrar uma maneira de entrar em contato com você. Se você parecesse feliz, se me parecesse que você estava contente ao lado de Crozier... então eu seguiria morto. Fui vê-la. Vi você entrando em um carrão. Vestia um adorável casaco de pele de zibelina, coisas

que eu jamais poderia lhe dar, mesmo que gastasse meus dedos até os ossos, e você parecia bastante feliz. Eu já não tinha a mesma força e coragem, aquela crença em mim mesmo que eu tinha antes da guerra. Tudo o que eu podia enxergar era esse farrapo humano que eu tinha me tornado, dificilmente capaz de mantê-la... E lá estava você, Deirdre, tão bonita, uma verdadeira rainha entre as outras mulheres, tão merecedora das peles e joias e trajes adoráveis e dos 101 luxos que Crozier poderia lhe oferecer. Tudo isso e, bem, a dor de vê-los juntos, fizeram com que eu me decidisse. Todos pensavam que eu tinha morrido. E teria permanecido assim.

– A dor! – repetiu Deirdre em um fio de voz.

– Para o diabo com tudo, Deirdre. Tudo isso dói! Não que eu a culpe. Não a culpo. Mas a dor continua!

Os dois ficaram em silêncio. Então Tim ergueu o rosto dela e os dois se beijaram com uma ternura renovada.

– Mas tudo isso é passado, querida. A única coisa que resta decidir é como vamos revelar tudo a Crozier.

– Oh! – Ela se afastou de modo abrupto. – Não tinha pensado nisso... – Ela se afastou no justo momento em que Crozier e o administrador surgiram no seu ângulo de visão. Com um leve girar de cabeça, ela sussurrou:

– Não faça nada. Deixe tudo por minha conta. É preciso prepará-lo. Onde posso encontrá-lo amanhã?

Nugent refletiu.

– Eu poderia ir até Bulawayo. Que tal aquela café próximo ao Standard Bank? Às três da tarde o lugar deve estar bem vazio.

Deirdre assentiu levemente antes de lhe dar as costas para se unir aos outros dois homens. Tim Nugent observou-a enquanto ela se afastava com o cenho um pouco franzido. Algo no jeito dela o pusera confuso.

Deirdre esteve bastante calada no caminho de casa. Protegida sob a ficção da “insolação”, ela deliberava sobre suas ações futuras. Como ela faria para lhe contar? Como George receberia a notícia? Uma estranha lassidão parecia possuí-la, seguida de um crescente desejo de postergar a revelação o máximo que pudesse. Amanhã surgiria a ocasião. Havia bastante tempo até as três da tarde.

O hotel era desconfortável. O quarto em que estavam ficava no térreo, aberto para o pátio interno. Durante o anoitecer, Deirdre ficou aspirando o ar rançoso e olhando com desgosto para a mobília de mau gosto. Sua mente levava-a para longe, para a suntuosidade fácil de Monkton Court entre os pinheirais de Surrey. Quando sua criada por fim a deixou, ela foi devagar até sua caixa de joias. Na palma de sua mão, o diamante dourado refletia-lhe a mirada.

Com um gesto quase violento, ela o devolveu para dentro da caixa e bateu a tampa com força. Amanhã de manhã ela contaria tudo a George.

Ela dormiu mal. Sentia-se sufocar debaixo das grossas telas do mosquiteiro. A palpitante escuridão era pontuada pela ubiquidade dos ruídos que ela aprendera a temer. Ela acordou pálida e desanimada. Impossível começar uma cena naquela hora do dia!

Ela ficou no pequeno quarto fechado durante toda a manhã, descansando. A hora do almoço lhe chegou com uma sensação de

choque. Enquanto bebiam o café, sentados, George Crozier lhe propôs que fossem até Matopos.

– Haverá bastante tempo se sairmos agora.

Deirdre negou o convite, alegando dor de cabeça, pensando: “Isso resolve as coisas. Não posso me apressar. Afinal, que diferença faz um dia a mais? Depois eu explico para o Tim”.

Despediu-se de Crozier enquanto ele se afastava no maltratado Ford. Então, olhando para o seu relógio, caminhou vagarosamente em direção ao local do encontro.

O café estava vazio naquela hora. Sentaram-se a uma pequena mesa e pediram o inevitável chá que se bebe na África do Sul a qualquer hora da noite ou do dia. Nenhum dos dois disse palavra até que a garçonete trouxesse o pedido e desaparecesse com rapidez atrás de umas cortinas rosadas. Então Deirdre ergueu os olhos e ficou a encarar fixamente o olhar intenso e alerta que ele lhe dirigia.

– Você contou tudo para ele, Deirdre?

Ela balançou a cabeça, umedecendo os lábios, procurando pelas palavras que teimavam em não vir.

– Por que não?

– Não tive oportunidade, não houve tempo.

Mesmo para ela as palavras soaram vacilantes e pouco convincentes.

– Não é isso. Há alguma coisa mais. Suspeitei disso ontem. Agora tenho certeza. Deirdre, o que está acontecendo?

Ela moveu a cabeça de modo tolo.

– Há algum razão para que você não queira abandonar George

Crozier, para que não queira voltar para mim? Vamos, o que é?

Era verdade. Como ele mesmo dissera, ela sabia, sabia disso com uma súbita e vexatória vergonha, mas que em nada diminuía a certeza de saber que o que ele tinha dito estava certo. E os olhos dele continuavam a perscrutá-la.

– Sei que não se trata de amor por ele! Você não o ama. Mas há alguma coisa.

Ela pensou: “Mais um pouco e ele descobrirá! Oh, meu Deus, não deixe que ele descubra!”.

De repente, sua face empalideceu.

– Deirdre... não vá me dizer... que você vai ter um filho?

Num instante, ela percebeu a chance que ele lhe oferecera. Uma saída espetacular! Vagarosamente, quase contra sua própria vontade, ela assentiu com a cabeça.

Ela escutou a respiração dele se tornar ofegante, e depois sua voz, um tanto alterada e dura.

– Isso... altera as coisas. Eu não sabia. Teremos que encontrar outra maneira de resolver a questão. – Ele se debruçou sobre a mesa e tomou as mãos dela. – Deirdre, minha querida, jamais pense... jamais sonhe que você é culpada do que quer que seja. Independente do que acontecer, lembre-se disso. Eu devia tê-la procurado quando retornei à Inglaterra. Eu estraguei tudo, agora cabe a mim tentar resolver a situação. Entende? O que quer que aconteça, não se preocupe, querida. Nada disso é sua culpa.

Ele levou primeiro uma das mãos dela, depois a outra, até seus lábios. Então ela estava sozinha, olhando para o chá intacto. E, por estranho que parecesse, havia apenas uma coisa que ela podia

enxergar: um texto alegremente iluminado, suspenso em uma parede lavada. As palavras pareciam saltar dali e se lançar sobre ela. “De que vale para um homem...” Ela se levantou, pagou o chá e saiu.

Ao retornar, George Crozier encontrou um aviso de sua esposa pedindo para não ser incomodada. Sua dor de cabeça, disse a criada, estava terrível.

Eram nove da manhã do dia seguinte quando ele entrou no quarto dela, o rosto bastante fechado. Deirdre estava sentada na cama. Ela parecia pálida e abatida, mas seus olhos brilhavam.

– George, preciso lhe contar uma coisa, uma coisa bastante terrível...

Ele a interrompeu de maneira brusca.

– Então você já sabe. Temia que isso fosse incomodá-la.

– Me *incomodar*?

– Sim. Naquele dia você falou com aquele pobre sujeito.

Ele viu que ela levava a mão ao peito, que suas pálpebras se contraíam. Então, em uma voz rápida e soturna, que de certo modo o assustou, ela disse:

– Não sei de nada. Rápido, diga-me o que está acontecendo?

– Pensei que...

– Diga!

– Lá na propriedade de tabaco. O pobre coitado se deu um tiro. Havia sido estropiado pela guerra, tinha os nervos em frangalhos, eu acho. Não há qualquer outra razão para que ele possa ter feito uma coisa dessas.

– Ele se deu um tiro... lá no galpão onde as folhas de tabaco

ficam penduradas. – Ela disse isso com certeza, seus olhos como os de uma sonâmbula, enquanto o via diante de si, estendido no chão, segurando o revólver, imerso na olorosa escuridão.

– Sim, exatamente, naquele mesmo local em que você passou mal. Que coisa estranha!

Deirdre não respondeu. Ela via outra imagem: uma mesa com um aparelho de chá, e uma mulher assentindo com a cabeça, aceitando uma mentira.

– A guerra continua fazendo suas vítimas – disse Crozier, e esticou a mão para apanhar um fósforo, acendendo seu cachimbo com cuidadosas baforadas.

O grito de sua esposa o consternou.

– Ah! Apague isso! Apague! Não posso suportar o cheiro!

Ele a encarou com amável surpresa.

– Minha querida menina, você deve estar nervosa. Afinal, aqui não se pode escapar do cheiro do tabaco. Você vai encontrá-lo em toda parte.

– Sim, em toda parte! – Ela deixou escapar um sorriso lento, tortuoso, e murmurou algumas palavras que ele não pôde entender, palavras que ela escolhera para o original obituário de Tim Nugent. “Enquanto a noite durar eu me lembrarei, e na escuridão jamais poderei esquecer”.

Seus olhos se apertaram enquanto acompanhavam as ascendentes espirais de fumaça. Em voz baixa e num tom monótono ela repetia:

– Em toda parte, em toda parte.

* Versículo bíblico. Mateus 16:26. (N.T.)

** Em inglês, querida é *dear*, cujo som é bastante semelhante à primeira sílaba do nome da personagem. (N.T.)

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este conto foi publicado no livro *Poirot e o mistério da arca espanhola & outras histórias*

Título original do conto: *While the Light Lasts*

Tradução: Pedro Gonzaga
Capa: L&PM Editores
Revisão: L&PM Editores

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479q
Christie, Agatha, 1890-1976
Enquanto a noite durar / Agatha Christie; trad. Pedro Gonzaga – Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
Tradução de: *While the Light Lasts*
ISBN 978-65-5666-060-8
1. Ficção policial inglesa. I. Gonzaga, Pedro. II. Título.
CDD: 823
CDU: 821.111-3

While the Light Lasts Copyright © 1924 Agatha Christie Limited. All rights reserved.
Agatha Christie and the Agatha Christie Signature are registered

trade marks of Agatha Christie Limited in the UK and elsewhere. All rights reserved.

www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br
Fale conosco: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br